

**SESCSP**

mais

in ||| c "f ) co or i' | 20



bienal naïfs

107

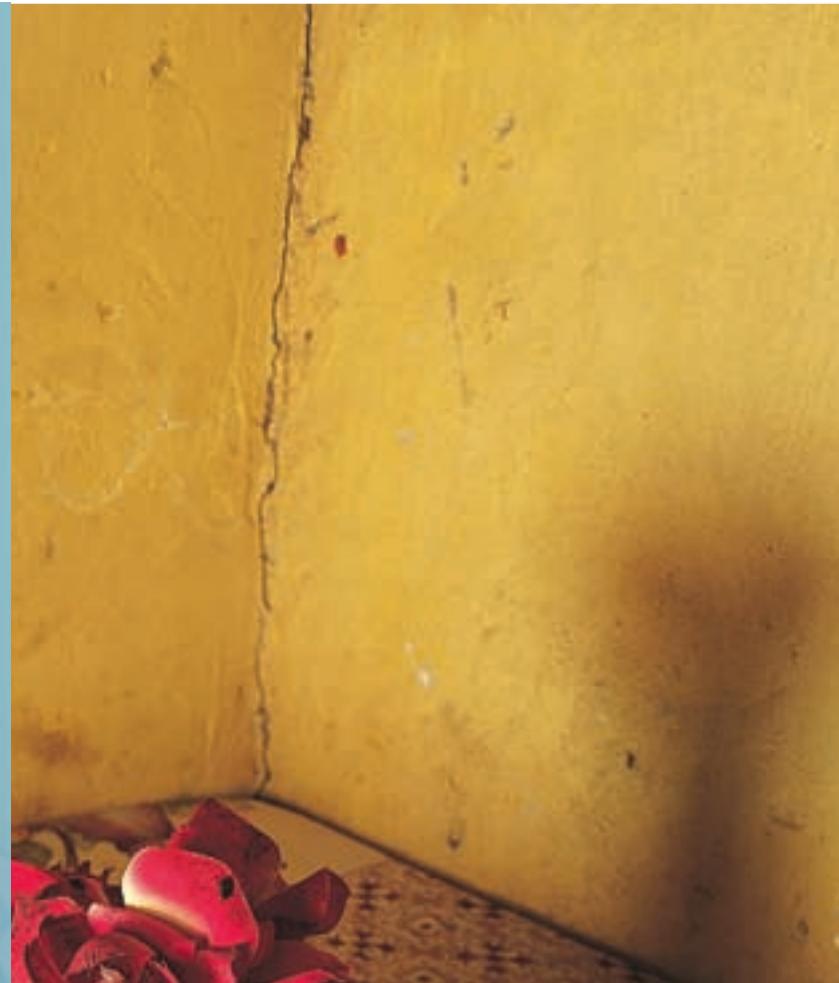
# do brasil 2010

de 19 de agosto a 12 de dezembro de 2010, SESC Piracicaba

**SESCSP**



- 
- 6 **Arte sem fronteiras,  
responsabilidade social expansiva**  
Abram Szajman
- 8 **Naïfs do Brasil:  
as cores dos significados**  
Danilo Santos de Miranda
- 10 **Arte sem fronteiras**  
Maria Alice Milliet
- 18 **Bienal Naïfs do Brasil,  
Piracicaba, SP, 2010**  
Vilma Eid
- 20 **Naïfs, quase sempre**  
Geraldo Edson de Andrade
- 22 **A arte que emana do povo –  
a tradução do humano**  
Ricardo Amadas
- 28 **Artistas premiados**
- 52 **Artistas selecionados**
- 144 **Sala especial**
- 202 **Biografias**
- 210 **As histórias**
- 250 **English texts**
- 264 **Textos en Español**
- 278 **Créditos**



**Arte sem  
fronteiras,  
responsabilidade  
social  
expansiva**



**Abram Szajman**

Presidente do Conselho  
Regional do  
SESC São Paulo

O SESC deve sua criação, em 1946, à iniciativa dos empresários das áreas de comércio, prestação de serviços e turismo, na proposta de introduzir novos patamares de ação em benefício do bem-estar, da saúde e qualidade de vida de seus trabalhadores e familiares e da comunidade em que vivem.

Passados 64 anos, a vitalidade das ações de nossa instituição traduz o compromisso com o aprimoramento educativo e sociocultural do país, no ensejo de manter um desenvolvimento respaldado pela atuação cidadã do empresariado, numa clara demonstração de responsabilidade social expansiva, mais além da preocupação com a vertente econômica de gestão dos negócios.

Para oferecer, sempre, uma programação que prima pela alta qualidade, aliada fortemente à pauta de acesso democrático aos seus bens e serviços, o SESC SP leva a efeito uma prática que coloca a pessoa humana em primeiro plano. Afirmamos que é a partir dessa postura que se define a união comunitária e se alicerça a gama de valores democráticos pertinentes à transformação social.

Nesse registro, agimos para que toda a arrecadação efetuada pelas empresas seja, assim, diretamente revertida em serviços e benefícios amplos. Essa é a maneira pela qual nós, empresários do comércio, prestação de serviços e turismo, evidenciamos princípios e atitudes afinados com a consolidação de uma sociedade mais digna e justa, mais solidária e ativa, mais livre e responsável.

E para tanto, no quadro de uma responsabilidade social expansiva, precisamos renovar - e não só manter - o olhar visionário e empreendedor. Trata-se de um trabalho determinante para promover criações e permitir processos de solidariedade e participação.

Ao traduzir em ação concreta tal postura, firmada na educação sociocultural e orientada pela imaginação criativa, o SESC SP dispõe ao público este catálogo da Bienal Naïfs do Brasil 2010.

Esperamos que esta publicação, no conjunto das obras aqui presentes, demonstre categoricamente a seriedade com que o empresariado leva a termo seu papel de agente promotor da transformação social.



**Naïfs do Brasil:  
as cores  
dos significados**

**Danilo Santos  
de Miranda**  
Diretor Regional do  
SESC São Paulo

Na Paris modernista do início do século XX, o termo *naïf* (do francês, ingênuo) ganhou evidência no campo das artes. Ao se liberar a arte do acondicionamento restrito de museus e galerias, outras obras realizadas por artistas sem formação acadêmica passaram a ser apreciadas. Esse pensamento repercutiu em seus pares brasileiros, a partir da década de 20, de modo a sinalizar maior abertura de diálogo entre o universo da chamada arte erudita ao da denominada arte popular.

Passados quase cem anos desse contexto, cabe-nos perguntar em um mundo cada vez mais afeito às novas tecnologias, quais os possíveis significados que a palavra *naïf* pode adquirir hoje, em um panorama carregado de excesso de informação. Lembremos que a arte talvez seja a forma de expressão que melhor retrate – muitas vezes beirando as previsões – as alterações de percepção do humano no mundo em constante mudança.

A permuta de significado entre a cultura popular e a erudita ganha cores atuais que permitem a inclusão de novas tonalidades. Outras soluções artísticas são buscadas como reflexo de um mundo em que o rural perde vez para o urbano, mas que mantém seus códigos e força imaginativa na arte produzida espontaneamente. Nesse sentido, a arte estimula nossa sensibilidade, permitindo-nos interrogar qual tipo de sociedade procuramos refletir e por vezes questionar.

Sem precisar recorrer a categorias redutoras, como o binômio “arte popular/arte erudita”, a décima edição da Bienal Naïfs do Brasil - iniciativa do SESC São Paulo - constitui evento que promove uma discussão sobre essa manifestação popular e suas possíveis significações.

Para o SESC São Paulo, o intuito de ampliar a educação para o olhar, nos territórios do perceptivo e do emocional propiciados pela arte, reafirma seu compromisso com a difusão cultural voltada para o exercício da fruição estética, do pensamento e da transformação social. Atingir mais cores na paleta do imaginário visual reitera uma sensibilização que nos permite vislumbrar os conteúdos simbólicos presentes no coletivo que emanam da arte e convidam para um voo em busca de variadas interpretações.

**Arte  
sem  
fronteiras**



**Maria Alice Milliet**

Historiadora e  
crítica de arte, curadora  
da Sala Especial  
“Arte Sem Fronteiras”  
da Bienal Naïfs  
do Brasil 2010

**NO TRÂNSITO DA MODERNIDADE**

Há cinquenta anos a Pop Art rompe a fronteira entre o culto e o popular, incorporando imagens de personagens e produtos veiculados pelos meios de comunicação de massa. A apropriação pelos artistas de formas e conteúdos considerados vulgares (*kitsch*) escandaliza a elite conservadora, que resiste em aceitar que garrafas de Coca-Cola, latas de sopa, heróis de histórias em quadrinhos, artistas de cinema e políticos possam figurar em obras de arte. A crítica se divide. Aos defensores da pintura abstrata aquela irrupção de produtos comerciais na arte parece de profundo mau gosto. Entretanto, apesar desta repulsa inicial, a Pop triunfa. Em pouco tempo, alcança um público diverso do tradicional frequentador de galerias. Os jovens encontram na Pop o que veem nas ruas, na televisão, em anúncios, nos filmes, nas lojas e supermercados, dentro de casa. São imagens com as quais estão familiarizados, imagens do cotidiano. Logo surgem novos colecionadores, ansiosos por se mostrarem atualizados e confiantes na visão pioneira de alguns poucos *machands*.

Na década de 1960, a arte Pop – que nasce na Inglaterra e se desenvolve nos Estados Unidos – ganha presença internacional. Nesse período, a hegemonia norteamericana, que vinha em ascensão desde o fim da Segunda Guerra, impõe-se. Com a influência política e econômica, propaga-se um novo modo de vida: *o american way of life*. O padrão norteamericano repercutiu ao redor do mundo e fez crescer na sociedade brasileira o desejo de modernização. Para responder a esse desafio, implanta-se no Brasil um programa de

desenvolvimento fundado na industrialização. O surto industrial associado à crescente migração do campo para a cidade redundava, nas décadas de 1950 e 60, numa grande mudança sociocultural. A população de egressos da zona rural, ao se fixar nas periferias dos grandes centros urbanos, é levada a abandonar valores e práticas tradicionais, num esforço de adaptação a este novo ambiente. Gente de hábitos simples e modestas ambições passa a ter um único sonho: consumir. É nessa época que os aparelhos de televisão ganham o lugar de honra nas casas brasileiras, desbancando o chefe de família, em posição e ascendência. A ampla penetração da televisão prova-se decisiva na aculturação desta população. Em meio século, muita coisa se perdeu. O jovem saiu do campo sem olhar para trás e o que na roça era costume permanece apenas na lembrança dos mais velhos.

É neste cenário instável que a arte se insere e circula. A arte de hoje – sua apreciação, aprendizado e produção – não está restrita aos museus e galerias, aos livros especializados, às escolas e ateliês. A arte faz parte de nossas vidas, está nas ruas, na internet e demais meios de comunicação. E, de tal forma ela se mistura a outras produções, que fica difícil dizer o que é ou não é arte. As antigas distinções entre as belas-artes e o artesanato, entre o culto e o popular, entre arte e informação já não funcionam mais, na medida em que, na era digital, a apropriação, o deslocamento, a mixagem, a fusão se tornam procedimentos habituais entre artistas e produtores das mais diversas áreas. Como se não bastasse esse vale tudo, o público não especializado, qualquer um, sente-se autorizado a participar desta grande construção coletiva que é a produção de sentido ou de não sentido no mundo globalizado.

Nesse clima de promiscuidade, é impossível manter a inocência. Tudo é divulgado e processado. Não há mais sigilo, nem distância que resista. Os conteúdos, antes reservados a poucos, agora

circulam pelas redes, autorizados ou pirateados, não importa. O prático é que vem a público, são consumidos e retrabalhados para novamente circular. Quando tudo se sabe, ser *naïf* (do francês, ingênuo) é praticamente impossível. Hoje, mesmo quem vive distante das grandes cidades ou tem pouca ou nenhuma escolaridade é alcançado pelo rádio, pela televisão e, cada vez mais, pelo celular. Quando a internet chegar a todos, ninguém ficará imune à informação.

Voltando no tempo, vale recordar que a palavra *naïf* ganha nova conotação e entra para o campo da cultura, em princípio do século XX, na Paris dos modernistas. Quando a prática da arte deixa de estar condicionada ao domínio de habilidades técnicas, obras realizadas por pessoas sem formação acadêmica passam a ser apreciadas. Esses artistas – muitos de extração popular – foram chamados *naïfs* porque, alheios aos preceitos acadêmicos, criam espontaneamente. Nessa época, surge o pintor Rousseau que, de funcionário aposentado da alfândega francesa, passa a artista admirado pelo círculo modernista de Paris. Para se ter uma ideia do prestígio de que gozava entre os modernistas, basta recordar a fala que dirige a Picasso durante um jantar em sua homenagem: “Nós somos os dois maiores pintores da nossa época, você no gênero egípcio, eu no gênero moderno”. Ao se igualar em importância ao pintor espanhol, já então muito respeitado, Rousseau pode parecer ingênuo. O fato é que Picasso tanto admira a pintura do amigo que até o final da vida retém os quadros pintados por ele, o mesmo fazendo Delaunay e Kandinsky.

Os modernistas não ficam só na admiração pelos *naïfs*. Buscam inspiração nas fontes populares, em culturas exóticas e na cultura material da sociedade industrial, como se pode ver, exemplarmente, na obra de Picasso do período cubista. Em torno de 1900, ele incorpora à sua pintura elementos formais da escultura românica, depois passa a tratar a figura humana à maneira da escultura

africana e, na fase do cubismo sintético, usa largamente a técnica da *collage*, fixando em suas telas recortes extraídos de periódicos, rótulos comerciais, cartas, bilhetes impressos, fotos etc., assim aproximando arte e cotidiano. Sua atitude despreconceituosa não é exceção. Em todas as áreas da produção artística avança o movimento de renovação do esgotado repertório europeu.

O pensamento da vanguarda repercute entre os brasileiros residentes em Paris na década de 1920. A permanência de Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Gomide, Brecheret, Cícero Dias na capital francesa, serve para que percebam o quanto a intelectualidade europeia estava farta do peso da tradição e aberta ao “primitivo”, ao “exótico”, ao “outro” onde quer que ele se encontre. Liberados para valorizar suas próprias raízes, os nossos modernistas não hesitam em partir para a redescoberta do Brasil. A viagem de Mario de Andrade e seu grupo a Minas Gerais e o posterior aparecimento das chamadas “cores caipiras” e de motivos interioranos na pintura de Tarsila denotam o empenho dos modernistas nesta direção. Paralelamente, a reinterpretiação dos mitos e da cultura indígena por Rego Monteiro; as conexões que Cícero Dias estabelece com o imaginário nordestino; os personagens e cenas da vida popular nos quadros de Di Cavalcanti, tudo isso sinaliza a crescente desobstrução dos canais de comunicação entre o universo das elites e o das camadas menos favorecidas da população brasileira.

Depois desse primeiro avanço, criações resultantes da hibridação dos mais diferentes extratos culturais vêm enriquecer o panorama das artes visuais no país. Obras de Volpi, Rubem Valentim, Oiticica, Samico são frutos maduros deste processo cuja dinâmica se estende até nossos dias, reconhecível nos trabalhos de Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Vick Muniz e dos irmãos Campana, para ficar apenas nos mais divulgados pela mídia. Em contrapartida, na década de 1940

**De fato, esta pintura bem comportada, esta felicidade caipira pouco tem a ver com a realidade atual do interior aonde o progresso chegou, trazendo o desmatamento, a mecanização da agricultura, a televisão, os conflitos fundiários, os boias-friás, menos ainda com o que se passa nas cidades habitadas por 70% da população brasileira.**

O saudosismo, por parte dos artistas e do público, explica a reiteração do rural idílico. Entretanto, já despontam manifestações contaminadas pelo urbano, por conflitos sociais, pela percepção da instabilidade do ser num mundo em constante mutação

a produção de artistas de origem popular começa aparecer em galerias de arte, em museus e na Bienal de São Paulo, lugares até então restritos aos praticantes da norma culta. Os pintores José Antonio da Silva e Heitor dos Prazeres, o ceramista Vitalino, o escultor Agnaldo dos Santos são dos primeiros a ganhar fama, a ter seus trabalhos reconhecidos por críticos, *marchands* e colecionadores. Assim como os quadros de Rousseau entram para o acervo do Museu do Louvre, as obras destes pioneiros passam a figurar nas melhores coleções privadas e públicas, ao lado de expoentes da arte moderna brasileira. Apesar deste reconhecimento, a inclusão dos “populares” no mundo das artes visuais ainda deixa a desejar. Há preconceito por parte de segmentos elitistas cujo gosto é pautado por modismos promovidos pelo *marketing* cultural. Para estes, a arte feita pelo povo continua sujeita à hierarquia: vista como artesanato, tem seu lugar nas casas de campo ou praia da burguesia, mas não entra nas residências de São Paulo, Rio ou Nova Iorque.

#### ARTE SEM FRONTEIRAS

Promovida pelo SESC de Piracicaba, a *Bienal Naïfs do Brasil* tem apresentado um rico panorama da arte que se faz no país. A cada edição, chegam perto de mil obras para serem avaliadas pelo júri que, infelizmente, se depara com a enorme dificuldade de reduzir esse total para as cerca de cem obras que o espaço expositivo comporta. Infelizmente, os especialistas que participam da seleção discutem a propriedade de se associar o termo *naïf* aos trabalhos selecionados. Até o momento, a instituição tem optado por manter o nome do evento, assim conhecido em todo o país. Por outro lado, a vasta recolha de obras que a Bienal promove sugere que se pense num melhor aproveitamento desse rico acervo, aprofundando o estudo e a interpretação dos seus significados.

Convidada a realizar a Sala Especial deste

ano, recapitulei as preocupações do júri de seleção da Bienal de 2006. Naquela ocasião, falou-se do risco de cristalizar-se um “estilo naïf” feito de imagens adocicadas da vida rural. Os esforços desenvolvidos por curadorias realizadas a convite do SESC no sentido de alargar a compreensão da arte de cunho popular não tem sido suficiente para dissuadir o envio de dezenas de quadrinhos que mostram plantações meticulosamente alinhadas, pracinhas engalanadas, festas, bandas, bailes e procissões. De fato, esta pintura bem comportada, esta felicidade caipira pouco tem a ver com a realidade atual do interior aonde o progresso chegou, trazendo o desmatamento, a mecanização da agricultura, a televisão, os conflitos fundiários, os boiás-frias, menos ainda com o que se passa nas cidades habitadas por 70% da população brasileira.

Os jovens saem do campo sem olhar para trás atraídos pela liberdade que a vida urbana pressupõe. Aos velhos, que um dia foram agricultores, resta a memória de um tempo sem volta. A arte, como não poderia deixar de ser, repercute a complexidade deste movimento. O saudosismo, por parte dos artistas e do público, explica a reiteração do rural idílico. Entretanto, já despontam manifestações contaminadas pelo urbano, por conflitos sociais, pela percepção da instabilidade do ser num mundo em constante mutação. Se os costumes tradicionais se perdem, há novos modos de se manifestar. E a comunicação se dá fragmentada, entrecortada por outros discursos, misturada a outras falas. A força da cultura popular cresce nas periferias, instigando as elites a reformular seus códigos e a abrigar a marginalidade na cultura dominante. O inverso também é verdadeiro. A aceitação da norma culta é passaporte para o desejado ingresso no universo do trabalho, do bem-estar e do consumo. Já não cabe preservar a tradição da contaminação do novo, nem proteger o erudito da vulgaridade da mídia. Entre perdas e aquisições, o que se tem

são associações temporárias que anunciam desgarramentos e futuras inovações.

Depois do exposto, fica explicado o que me impele a mostrar *Arte sem fronteiras*. O conceito foi testado na exposição *Cá entre Nós*, realizada no Paço das Artes (São Paulo, 2000) em comemoração aos quinhentos anos da descoberta do Brasil, e na seleção de obras do *Acervo da Fundação Nemirovsky: o olhar do colecionador* que inaugurou o acesso do público a esta importante coleção (Estação Pinacoteca, São Paulo, 2006). No SESC Piracicaba, a curadoria organiza-se em torno do diálogo entre artistas emergentes – participantes de edições anteriores da Bienal Naïfs – e artistas com carreiras consolidadas no restrito círculo das galerias e museus. A diversidade do conjunto serve para ilustrar a circulação de imagens e procedimentos entre os diferentes estratos culturais.

Nessa perspectiva, o álbum *O meu e o seu* (1967) de Antonio Henrique Amaral composto por sete xilogravuras constitui obra paradigmática de uma visualidade que se alimenta de recursos técnicos e formais apropriados das culturas popular e pop para criar o que se chamou de nova figuração. Nas décadas de 1960 e 70, artistas brasileiros fazem a leitura crítica do pop norteamericano, propondo soluções que resgatam o popular, o rural e o suburbano, o que faz sentido, num país carente de justiça social. Esse partido não exclui o aproveitamento de recursos provenientes de histórias em quadrinhos, da publicidade e da mídia. No caso, a obra gráfica de Antonio Henrique, até então centrada numa temática pessoal, muda de orientação e passa a convergir para questões sociais e políticas através de uma figuração narrativa inspirada em procedimentos da literatura de cordel e das revistas em quadrinhos. Enquanto a segmentação do espaço interior da gravura permite que diferentes ações coexistam, imagens planas, fortemente contrastadas, garantem um discurso metonímico composto de partes amputadas do corpo

– dedos, mãos, bocas, cabeças, pés – funcionando com a eficácia típica dos avisos e cartazes.

As xiolas de Antonio Henrique podem ser conectadas às produções de dois artistas que já participaram da Bienal de Piracicaba. São eles Loizel Guimarães da Silva, pelo uso de matrizes em madeira e linóleo (material também empregado por Amaral) e Alex dos Santos, agraciado com o Prêmio de Aquisição do SESC em 2006, pelo caráter essencialmente gráfico de sua pintura.

Nas obras de Guimarães sobressai a fluidez do desenho e a imbricação de vegetais, animais e humanos em composições de grande formato que dão visualidade a uma fabulação, por vezes impregnada de exotismos. Daí a presença agigantada de dinossauros, rinocerontes, peixes, bois e abelhas em figurações narrativas, talvez inspiradas em filmes e publicações de grande divulgação. Nestas xilogravuras, de contornos e hachuras delineados em branco, entra apenas mais uma cor – seja o preto ou o vermelho-terra – em contraste que lembra os grafismos da cerâmica clássica.

Nos quadros de Silva, como já observei anteriormente, a linha organiza o espaço, descreve os acontecimentos e subordina a pintura. Notável a concomitância das narrativas que não se restringem a retratar a exterioridade dos fatos, mas também dão conta do que se passa no interior dos corpos e na cabeça das pessoas. A figuração, que em muitos casos contempla situações que ameaçam a saúde e a integridade física, é consistentemente complementada por falas e descrições minuciosas. O acúmulo de informação em certos trabalhos deriva das insistentes campanhas de combate às doenças contagiosas promovidas pelo governo. A comunicação tende a entropia, uma das anomalias da nossa cultura. O destemor com que Silva enfrenta temas complexos sugere que sua arte venha a ocupar espaços cada vez maiores, em grafites ou em instalações.

A cidade é também o lugar da figuração de Vânia

Já não cabe preservar a tradição da contaminação do novo, nem proteger o erudito da vulgaridade da mídia. Entre perdas e aquisições, o que se tem são associações temporárias que anunciam desgarramentos e futuras inovações.

Mignone, uma pintura de resistência que não se rende a modismos, nem procura agradar o mercado. Sua afinidade é com a arte de rua, não a dos grafiteiros, cada vez mais institucionalizada, e sim a do desenho furtivo, rabiscado em banheiros, carteiras de escolas e muros de pouca visibilidade. Há um sentido de urgência, até de desespero nesta pintura: são figuras isoladas, sobrepostas a fundos saturados de cor, muito frequentemente tingidos de vermelho vivo. Nenhum cenário acolhe esses jovens cujos gestos caem no vazio. São personagens tão desamparados quanto as mulheres que Bergman filma em *Gritos e Sussuros*, um extraordinário ensaio do uso não naturalista da cor em que vultos brancos vagam num salão saturado de vermelho.

As pinturas de Alex Cerveny e Dalton podem ser aproximadas, tendo em vista a forte presença, em ambas, de conteúdos simbólicos. Cerveny, desenhista e pintor, desenvolve há anos uma linguagem muito pessoal, o que lhe garante a posição de *outsider* bem sucedido no competitivo meio artístico. A originalidade começa pela tendência a trabalhar pequenos formatos, com técnicas e suportes variados e um repertório de imagens próprio. Sua pintura, formalmente leve e densa de significado, sugere várias leituras; as obras funcionando como cartas enigmáticas. Nessa mostra comparecem dois conjuntos: um, formado por pequenos painéis de azulejos, e outro, por telas de pequenas dimensões. Nos quadros surgem figurinhas voláteis com estranhos chapéus na vastidão de uma paisagem desértica. Embora a referência ao Paraguai e a Mme. Lynch, esposa de Solano López, faça supor uma narrativa histórica, o clima onírico com toques de orientalismo sugere que se trata de ilustrações para os contos das Mil e uma noites. Os painéis de azulejos – raros em nossos dias – trazem cenas evocativas da Arcádia. Nada é impositivo. A arte de Cerveny abre portas para o devaneio.

Em contraponto, nos quadros de Dalton da série *Gemelar*, um deles adquirido pelo SESC em 2008, o clima é mais severo, porém não menos enigmático. Duas ou três pessoas estão presentes num ambiente interno. Estes personagens, vestidos com túnicas verdes e longos casacos vermelhos, parecem ser membros de uma confraria. O mais curioso é que os adultos usam cadeiras de rodas aparentando estar num sanatório. Como nas obras de Frida Kahlo, as pinturas são frontais, tecnicamente precisas e atentas ao detalhe. Ademais, tal como em Frida, as posturas rígidas e o sincretismo de crenças visíveis nestas encenações aproximam estes quadros dos ex-votos dedicados a testemunhar acontecimentos extraordinários e pactos selados com sofrimento.

Dois artistas, do sertão e da cidade, impressionam pela autonomia que assumem numa sociedade que a tudo quer normatizar. Para eles, arte e vida são inseparáveis. José Bezerra no interior de Pernambuco e Rogério Sena em Belo Horizonte dão provas de que a imaginação criadora serve para resgatar a experiência do ser da fatalidade do destino.

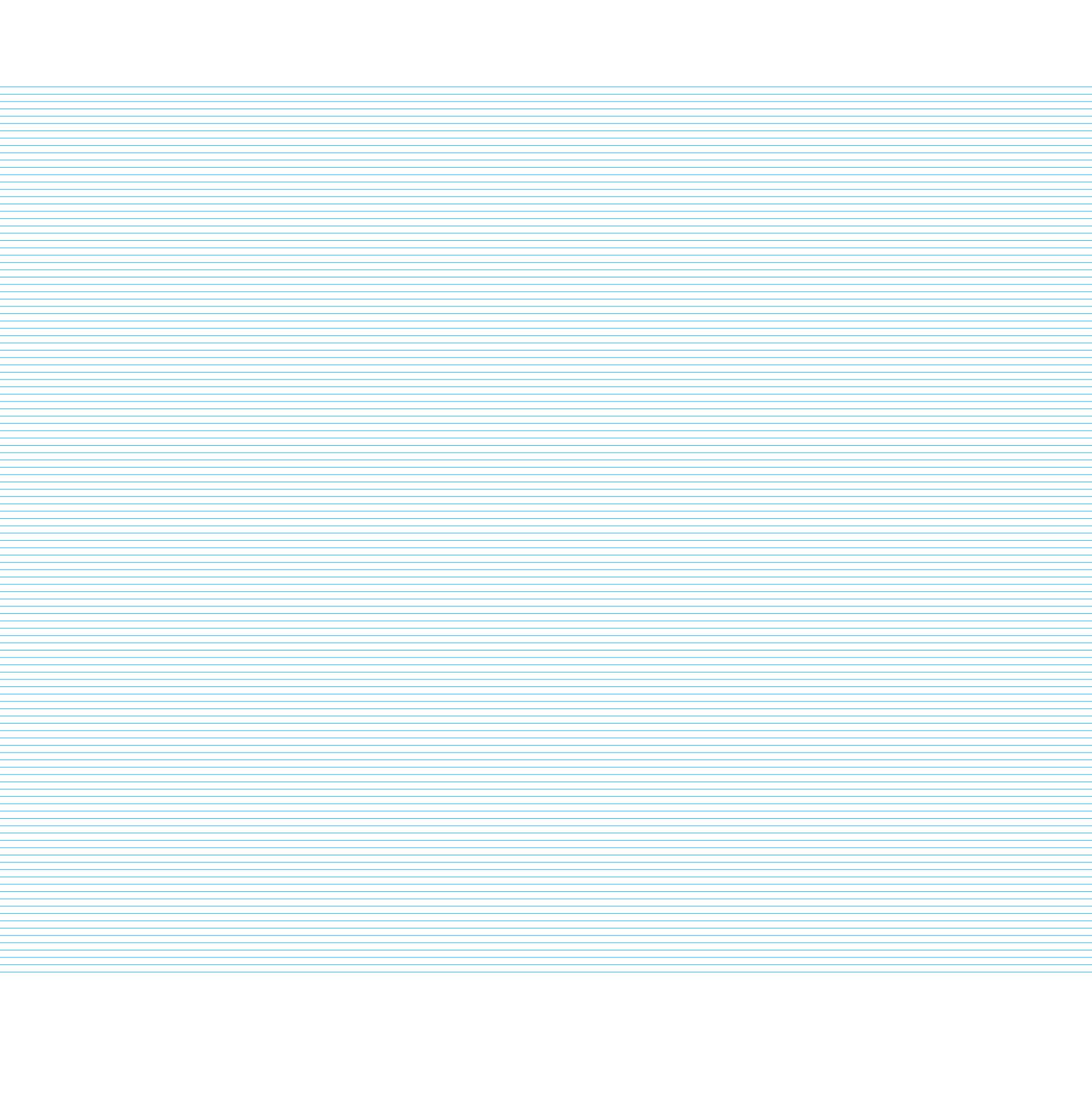
No alto da serra do Catimbau, Bezerra contempla as escarpas de arenito fissuradas pelo vento. No terreiro ao lado de sua casa, estão plantadas no chão as estranhas figuras humanas e os bichos que esculpiu em madeira, uns bem parecidos com pássaros, outros que lembram cachorros, cobras, até mesmo um tamanduá. Cada um tem seu lugar nessa ciranda da imaginação. Há algo de trágico na expressão rude, por vezes torturada dessas formas que não negam a natureza donde provêm. Como disse Rodrigo Naves, no catálogo da primeira exposição do artista em São Paulo, em 2009, “José Bezerra pertence às camadas mais pobres de nossa população, trabalha com técnicas que o aproximam da arte primitiva e com temas próximos da vida rural. Todos esses aspectos conspiram para que seja encaixado no rótulo de artista popular, uma noção dúbia e

limitadora, mesmo depois que a arte moderna restituui às artes marginalizadas um estatuto que jamais tiveram. José Bezerra é simplesmente um artista brasileiro de grande força e atualidade".

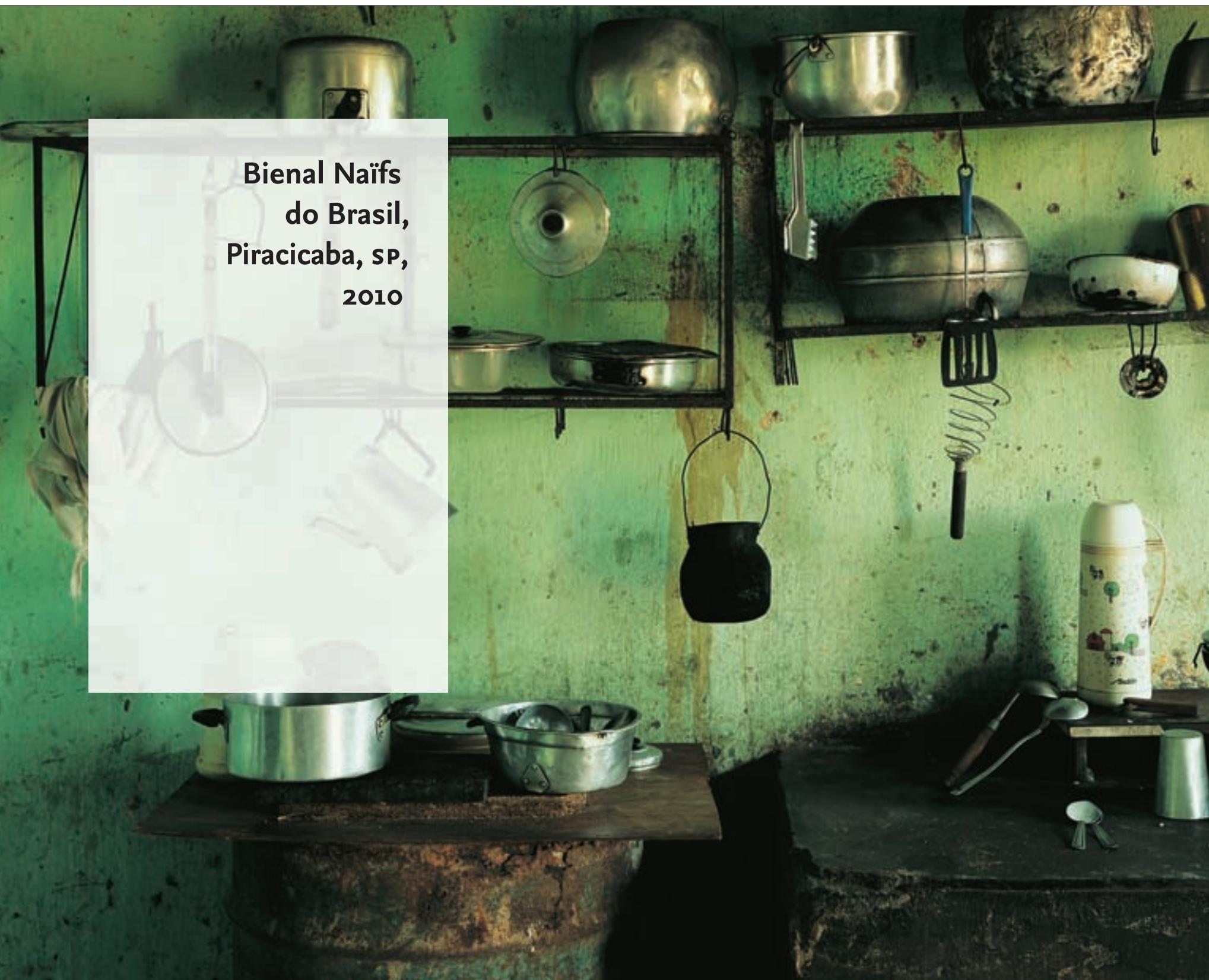
Já dizia Oiticica que "da adversidade vivemos". Assim também vive Sena, cuja pintura é pura energia, vibração, movimento. Este artista, ativo na campanha antimanicômios, encontra na arte o caminho da socialização. Com pinceladas curtas e cores contrastantes recria em seus quadros o dinamismo da dança ao som de tambores e atabaques. Ao captar a emoção coletiva, Sena está também sintonizando sua ancestralidade negra. O atavismo manifesta-se também em Bezerra. O escultor só adivinha a forma dos animais em pedaços de madeira devido à familiaridade que tem com a flora e a fauna da região em que viveram seus antepassados índios.

Fica aqui o testemunho da arte como atividade capaz de devolver ao homem a capacidade de transcender, não à morte, mas às vicissitudes da vida.

[...] a curadoria organiza-se em torno do diálogo entre artistas emergentes – participantes de edições anteriores da Bienal Naïfs – e artistas com carreiras consolidadas no restrito círculo das galerias e museus



**Bienal Naïfs  
do Brasil,  
Piracicaba, SP,  
2010**



**Vilma Eid**  
Presidente do  
Instituto do  
Imaginário  
do Povo  
Brasileiro

Em 1971, quando comemorei um ano de casada, minha mãe, que sempre incentivou o olhar dos filhos para a arte, levou-me a uma galeria de arte em São Paulo, nossa cidade, para que eu escolhesse um quadro de presente. Encantei-me por uma pintura que mostrava uns “boizinhos”. Foi então que eu soube que era do artista José Antonio da Silva.

Conto esse episódio porque foi o primeiro momento em que vislumbrei a existência da arte espontânea. Não gosto do termo *naïf*. Como tantos outros, ele não pertence à língua portuguesa. Foi adotado e, ao meu ver, é muito restritivo quando o assunto é arte. Não vou me estender para falar dele. Lendo tantos outros textos a esse respeito, nos catálogos desta Bienal e em outras publicações, observei que essa questão está presente e, de certa forma, continua inconclusa.

A partir daquele primeiro episódio, comecei a formar uma coleção. No princípio era apenas para meu prazer, mas, com o passar dos anos, acumulando conhecimento e experiência visual, percebi que aquele pequeno ajuntamento de obras, pinturas e esculturas foi tomando tão grande vulto que passei a me sentir responsável por mostrá-las, para propiciar a outros a contemplação de sua beleza.

Hoje sou colecionadora e galerista. A paixão, a responsabilidade e a alegria de mostrar os artistas da nossa gente me levam a lugares longínquos, alguns quase escondidos neste nosso país grandioso e com características tão fortes calcadas na diversidade. Essa é a nossa riqueza. Esse é o nosso poder. Não importa em qual região geográfica tenha nascido o artista. Ele nasce, cresce e dá vida ao seu talento em

qualquer lugar, até nos mais ermos. O importante é o que ele traz dentro de si; o talento, a alma criativa, a necessidade de expressar-se com o suporte que está ao seu alcance, sem se preocupar com mercado, com a aceitação ou com a valorização da sua obra.

No Vale do Jequitinhonha, MG, do barro encontrado ainda com facilidade, nascem as esculturas de Isabel Mendes da Cunha, de Noemisa e do já falecido Ulisses Pereira Chaves. Em Juazeiro do Norte, CE, onde a madeira é mais abundante, viveu e morreu Nino, um dos maiores gênios criativos da escultura do século XX, e seu contemporâneo Manuel Graciano, ainda vivo. José Antonio da Silva, pintor nascido em Salles de Oliveira, SP, Alcides Pereira dos Santos, baiano criado em Mato Grosso, Ranchinho, de Assis, em SP, Julio Martins da Silva, do RJ, Nilson Pimenta e seus alunos, de Cuiabá, MT, e tantos outros pintores, todos já mostraram suas obras na Bienal Naïfs do Brasil.

Pela primeira vez participando do júri da Bienal, foi para mim uma surpresa deparar com cerca de 800 trabalhos de várias regiões do Brasil. Senti falta da escultura, já que a pintura representa algo em torno de 95% dos trabalhos inscritos. Talvez o motivo seja o fato de que o termo *naïf* remete imediatamente a pintura. Julgá-los foi uma difícil missão. Mas estávamos lá para isso, e espero que o tenhamos feito com algum critério e senso de justiça.

Para os dois prêmios Aquisição, nossa escolha recaiu sobre Neves Torres e João Generoso, em uma clara opção pela poesia e pelo lirismo como temas cada vez mais raros neste início do século XXI.

Para muitos, os artistas espontâneos já não existem. Alegam que a TV, a internet e todos os meios de comunicação do mundo moderno acabaram com eles. Discordo. Esta Bienal, com o interesse que gera nos artistas de todo o Brasil, é a maior prova disso.

A iniciativa consolidada do SESC, com a Bienal Naïfs do Brasil, merece nosso respeito e nosso aplauso. Precisamos de muitas outras e todas as que forem possíveis, para revelar e apoiar talentos da nossa terra.

**Naïfs,  
quase  
sempre**



**Geraldo Edson de Andrade**  
Professor, Crítico de Arte e Escritor.  
Presidente de Honra da Associação Brasileira de Críticos de Arte-ABCA-AICA

Dentro da pintura brasileira, os chamados artistas Naïfs são aqueles menos prestigiados pela crítica. Inexplicavelmente. Tendo eles espaço restrito no âmbito expositivo, há anos ausentes das bienais internacionais de São Paulo nas quais já foram presença forte, e dos raros salões de arte que ainda teimam em acontecer neste imenso país, chega a ser uma celebração a realização em Piracicaba de uma bienal dedicada exclusivamente aos nossos artistas populares.

Eis, pois, o mérito maior do SESC ao patrocinar esta Bienal Naïfs do Brasil para a qual convoca artistas de todas as regiões, com resposta altamente positiva. Nesta edição de 2010, vinte e dois estados estão representados, reunindo trezentos e setenta e oito pintores, o que não deixa de ser altamente auspicioso, demonstrando que mesmo sem o respaldo crítico a arte naïve nacional tem artistas trabalhando para não deixar cair a chama de sua estética e da veracidade de sua criação. Com a vantagem de renovar de dois em dois anos novas gerações e de revelar artistas que de outro modo ficariam restritos às suas regiões.

Nem sempre, porém, foi assim. Sabemos todos que desde os tempos coloniais artistas já aqui nascidos, autodidatas, pintavam principalmente para ornamentar as igrejas de nossas mais prósperas províncias, como Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Indo mais longe, o que dizer do habitante indígena, que já criava seu artesanato e pintava seu corpo nos momentos mais solenes? E como qualificar os ex-votos pintados e deixados anonimamente nas igrejas da devoção popular e dos cruzeiros à beira das estradas?

A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo como uma ruptura entre o academicismo vigente nos primeiros anos do século XX e as novas perspectivas da arte já de longa data avançando nas principais capitais mundiais, sequer cogitou incluir, entre seus integrantes, pintores ditos primitivos. O fato, aliás, é sentido pelo pesquisador Pietro Maria Bardi, que, na obra “História da Arte Brasileira”, lamenta que os mentores do evento ‘tenham esquecido os pintores primitivistas, que criavam aquela nacionalidade pela qual eles próprios clamavam’.

Primeiramente, esses artistas espontâneos e sem formação acadêmica ficaram conhecidos como primitivos. Posteriormente, as definições foram mudando numa sucessão de termos tais como ingênuo, espontânea, imaginária, regional, folclórica, ínsita (do latim *insitus*: inata) pelos quais transitaram os nossos mais autênticos artistas dessa linguagem.

Nomes como Cardosinho – como era conhecido o bedel, português de nascimento, José Bernardo de Cardoso Jr. – surgiam com pintura de sensível poesia nos anos trinta, apoiados por artistas de normas cultas, como Cândido Portinari, e com o amparo crítico de intelectuais do quilate de Celso Kelly e Carlos Cavalcanti, dois de seus grandes incentivadores. Na mesma trilha, surgia o paulista e agricultor José Antonio da Silva, descoberto num salão de arte de São José do Rio Preto em 1946.

A atenção da crítica especializada seria ainda mais intensa quando da realização, em 1951, da I Bienal Internacional de São Paulo, ao conceder uma Menção Honrosa à pintura de Heitor dos Prazeres, genial compositor de sambas e marchinhas carnavalescas (foi, inclusive parceiro de Noel Rosa), que trazia para as telas o fascinante mundo do samba dos morros cariocas. Os três artistas, aliás, tiveram sua pintura enfocada pelo escritor Rubem Braga na monografia intitulada ‘Três Primitivos’, de 1953, o primeiro ensaio publicado no país sobre pintores populares.

Curiosamente, as bienais internacionais paulistas, em todas as suas versões até 1969, sempre reservaram generoso espaço para nossos pintores ingênuos, chegando mesmo a premiá-los, como foram o caso, dentre outros, da piauiense Elisa Martins da Silveira e o da cearense Grauben de Monte Lima, que chegou à pintura aos 60 anos de idade, depois que se aposentou do serviço público.

Foram, pois, esses nomes e alguns outros mais que abriram caminho para importantes artistas da mesma linguagem, como o acreano de ascendência indígena Chico da Silva, Menção Honrosa na Bienal Internacional de Veneza, 1966, com pintura e desenho povoados por peixes, pássaros e bichos do imaginário amazonense, como os cariocas Pedro Paulo Leal e seu filho Manuel Faria Leal, Rosina Becker do Valle e Silvia de Leon Chalrelo, os pernambucanos Manezinho Araújo e Gerson e Elsa Oliveira Souza, os paulistas Agostinho Batista de Freitas e Iracema Ardit, os baianos João Alves e Edelweiss, o mineiro Zizi Sapateiro e a potiguar Maria do Santíssimo. É bom destacar que ainda não existia rivalidade, tampouco preconceito entre arte culta e arte ingênua.

Ivan Serpa, nome importante da pintura moderna brasileira, e um dos nossos primeiros pintores construtivistas, mantinha curso no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde acolhia com desmesurado respeito muitos desses pintores, inclusive orientando-os nas suas mais evidentes qualidades, como a pureza da cor e a maneira tosca do desenho e da composição. O vocabulário plástico particular de cada um, enfim.

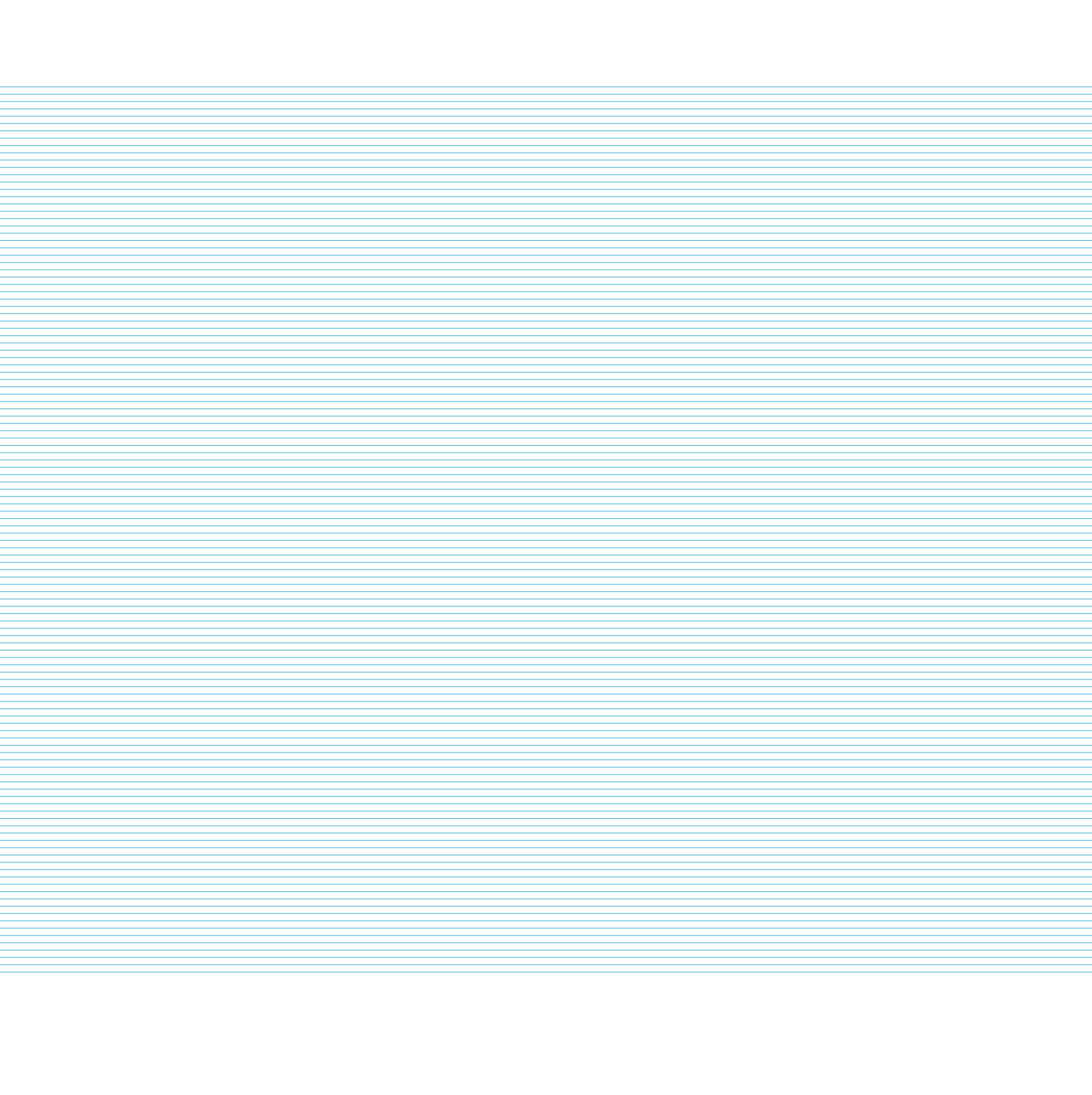
A cada dois anos a Bienal de Artistas Naïf traz para o espectador um universo plástico de irresistível encanto, traduzindo através de seus intérpretes uma linguagem de pintura que tem muito da vivência existencial. Nada de conceitualismo ou malabarismo estético, nem intelectualismo artificial, e sim de arte

que indistintamente fala a todos, cultos ou não. A liberdade com que procura mostrar a sua realidade, na verdade, a poesia do cotidiano que o cerca, revelam outra faceta que não pode passar despercebida do pesquisador e do público: a maioria dos pintores Naïfs provêm do interior, de contatos com profissões humildes, e muitos deles eclodem quando da transferência para os grandes centros. Com isto, demonstram ser essa criação muitas vezes nostálgica, uma espécie de ajuste de contas com eles próprios frente ao seu afastamento das raízes regionais representadas pelas festividades cristãs ou pagãs, ligadas ao folclórico regional – temas que são constantes na obra popular (ou naïve, como queiram).

Não é de estranhar-se que a pintura Naïf seja mais apreciada pelo turista, que nela vê um retrato do país ou sob a lente folclórica, ou sob a lente de como esse turista imagina que se viva neste outro lado dos trópicos. No entanto, como assinala o antropólogo inglês R.R.Marett, ‘a arte não está ligada a nenhum tipo especial de cultura humana. É, pelo contrário, uma planta resistente que floresce em todos os climas e em todas as estações’.

A Bienal Naïfs do Brasil, promovida pelo SESC SP, cumpre, pois, tarefa importante no desenvolvimento da arte em nosso país, porquanto se volta para o estímulo, incentivo e divulgação daquilo que de mais real existe em matéria de criação popular. Não é dizer pouco sobre um evento que se revela tão brasileiro como as nossas tradições e a nossa música. Mais Brasil, impossível.

[...] demonstram ser essa criação muitas vezes nostálgica, uma espécie de ajuste de contas com eles próprios frente ao seu afastamento das raízes regionais representadas pelas festividades cristãs ou pagãs, ligadas ao folclórico regional



**A arte que  
emana do povo  
– a tradução  
do humano**



**Ricardo Amadasí**  
Artista Plástico e  
Pesquisador  
de Arte Popular.  
Curador do MAP –  
Museu de Arte  
Popular de Diadema

Hoje, o desafio da cultura é repensar valores. Possibilitar reflexões. Destravar o desenvolvimento humano. A cultura brasileira é fruto da miscigenação de diferentes povos que introduziram seus hábitos e costumes, criando um novo tecido social híbrido e em constante transformação. O Brasil é o espaço certo para as multiplicidades, pluralidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.

Todo esse imenso manancial de cruzamentos e aproximações, simbóticos ou não, manifesta-se como reflexo na convivência humana, construindo o mosaico da identidade cultural de um país. Identidade que não é nada além de um conjunto de crenças e representações simbólicas que dão sentido ao conceito de cidadania.

No atual mundo contemporâneo, chamado de pós-moderno, o abismo das contradições e desencontros acentua-se a cada dia. As várias tentativas de impor formas hegemônicas ao comportamento humano recebem contestação em todo o planeta. A intolerância prevalece, gerando fragmentações no tecido conceitual e ideológico, precioso acervo da história da humanidade e seus sonhos, atropelando seus princípios coletivos, seu pluralismo cultural e sua diversidade, com a perda do conceito de múltiplas identidades e seus variados processos de construção. Surge uma única verdade num mundo cada vez mais globalizado: o mercado. Um mercado persa que mistura valores simbólicos com valores de mercadoria. Mercado de ideias, mercado de produtos, mercado de fé, que provoca uma mudança no psiquismo humano, com a banalização do mal e da violência, e com a normalização das patologias.

Existe hoje uma forma central de cultura, e as outras têm que resistir. Formas privilegiadas, culturas distantes e alheias às necessidades de convívio do povo, apresentam-se como expressões da verdade, como únicas tradutoras de nosso momento de transição histórico, tentando determinar o que nós somos. Numa terra aparentemente de ninguém, cheia de vazios e perplexidades, tudo pode ser preenchido. Onde tudo vale e ao mesmo tempo não tem valor, surge uma galeria surreal de personagens redentores e salvadores reativando diversos fundamentalismos religiosos. Neste enorme e complexo universo, floresce a simplicidade de artistas independentes, independentes inclusive da vontade mercadológica, que acreditam na arte como comportamento e elemento de transformação.

A reflexão, o pensar, origina-se no olhar. Quanto mais intensa a educação do olhar e da forma de olhar, mais verdadeira será a compreensão da realidade que nos cerca. Se realmente é verdade que a arte age no domínio da emoção, estimula os sentidos e amplia a sensibilidade, essa sensibilidade permite-nos interrogar, questionar que tipo de sociedade nós construímos e vivenciamos hoje.

Uma revisão poética da história brasileira torna-se necessária. Todas as formas de cantar e contar as diferentes realidades através das mais diversas narrativas formam um inesgotável campo de pesquisa para aqueles que realmente desejam aproximar-se da alma de um povo. A arte é feita de imaginação e a vida do povo é feita de sonhos. Um olhar cuidadoso a nossa volta possibilita-nos verificar que os conteúdos simbólicos presentes no inconsciente coletivo estão em todo lugar, mobilizando os espíritos e comovendo as pessoas.

Os signos surgidos da arte que emana do povo aproximam-nos da vida, e convidam-nos a um exercício de interpretações sem limites, como a própria imaginação humana: sempre mutante e surpreendente.

A cultura espontânea brasileira é uma das manifestações mais importantes de nossa época. O imaginário visual que surge do povo traduz como o povo pensa e sente. Um povo que não quer fazer a guerra entre si, nem fazer parte das disputas pelas supremacias do poder, vive, e convive, pelo contrário, dentro do cotidiano das diferenças, acreditando no respeito humano, no respeito do outro diferente de nós e bebendo nesta fonte do imaginário popular de inesgotável sabedoria.

A arte de origem popular é a representação sempre renovada da afirmação da vida. De uma vida que se manifesta através de cores intensas e formas definidas, de maneira sempre espontânea. Em cada beco, esquina ou lugar onde o povo se reúne, há a manifestação do sentimento de alegria, o gosto pelas festas que aproximam as pessoas, estabelecendo trocas simbólicas num ato de reafirmação de fé na humanidade.

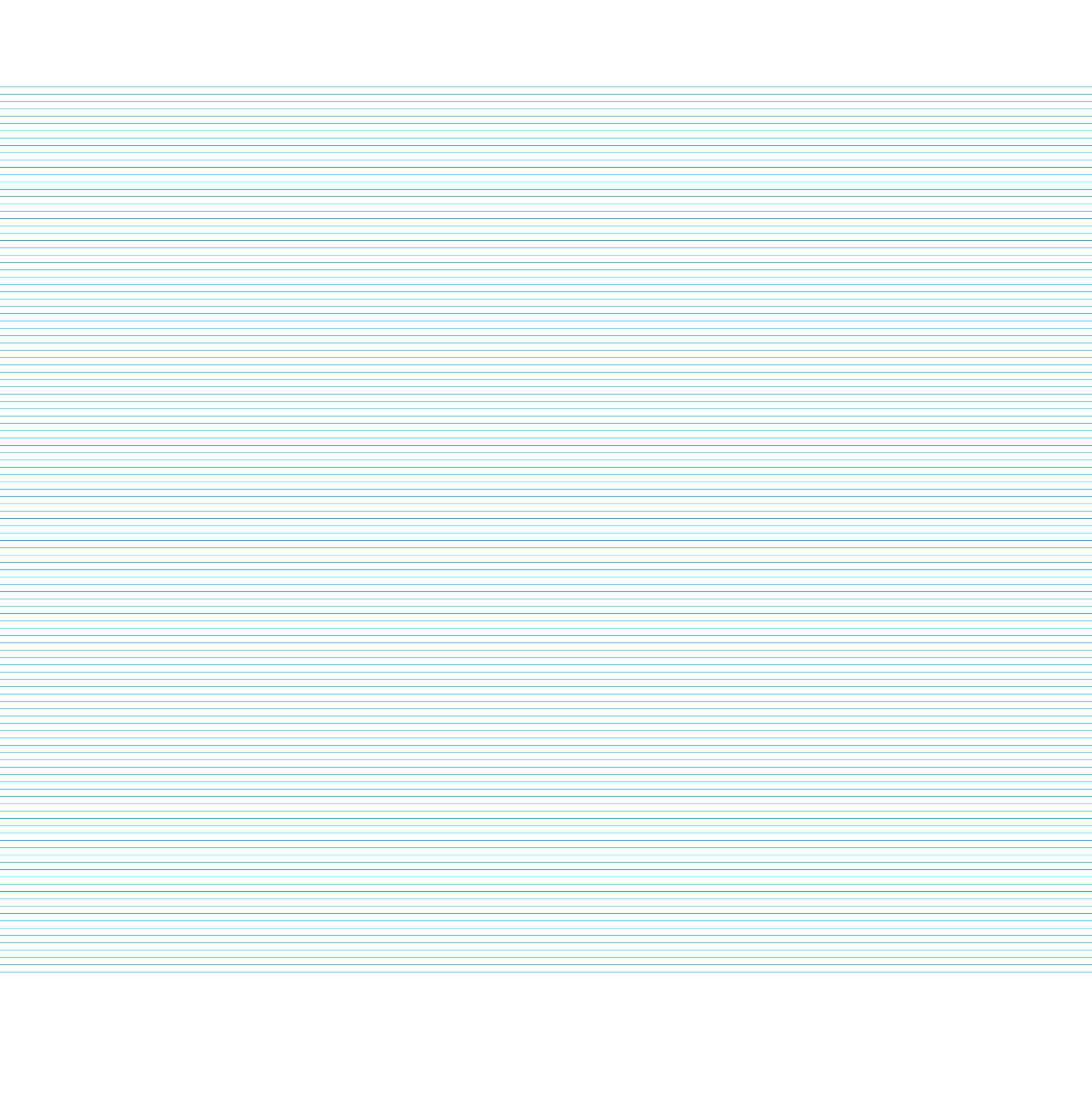
Paradoxalmente, os artistas vinculados à arte popular, por nunca terem passado por uma formação clássica ou acadêmica, são campo fértil para o exercício da sensibilidade humana. Livres e espontâneos, tendo a intuição como principal instrumento, transformam a vitalidade e a energia que os caracterizam em motivação para a criação de novas realidades, num processo de alquimia e metamorfose presentes no imaginário do povo. A arte, uma simbolização da possibilidade de mudança e revolução. E se esse talento criativo fosse considerado como um valor para a sociedade? Arte popular se toca com o coração. Seres afirmativos, dotados de imensa coragem e resistência, acreditam em seus próprios sonhos, atribuindo através da arte um novo significado a sua própria existência, muitas vezes marginalizada. A arte é o espaço imaginativo dos adultos. O painel diversificado da Bienal Naïfs do Brasil 2010 transforma-se num espelho panorâmico deste rico caleidoscópio cultural. Trezentos e setenta e oito artistas inscritos de vinte e dois estados representados. Inquietos,

vibrantes, sonhadores e provocadores, e fundamentalmente grandes seres humanos que se relacionam com a obra como se relacionam com sua própria vida: com emoção, sem violências e de maneira franca e sincera. Alguns dos artistas participantes escolhem expressar-se através de grandes composições cenográficas, cheias de situações enriquecedoras; outros impressionam pela vitalidade expansiva de suas propostas. Existem artistas que optam pela recordação do tempo passado, à procura do tempo perdido. O humor está sempre presente no imaginário visual do povo. E como diferenciar a presença destacada dos artistas que estabelecem uma relação mais íntima e poética com sua obra, cheia de sutilezas, nuances, e paisagem interiores?

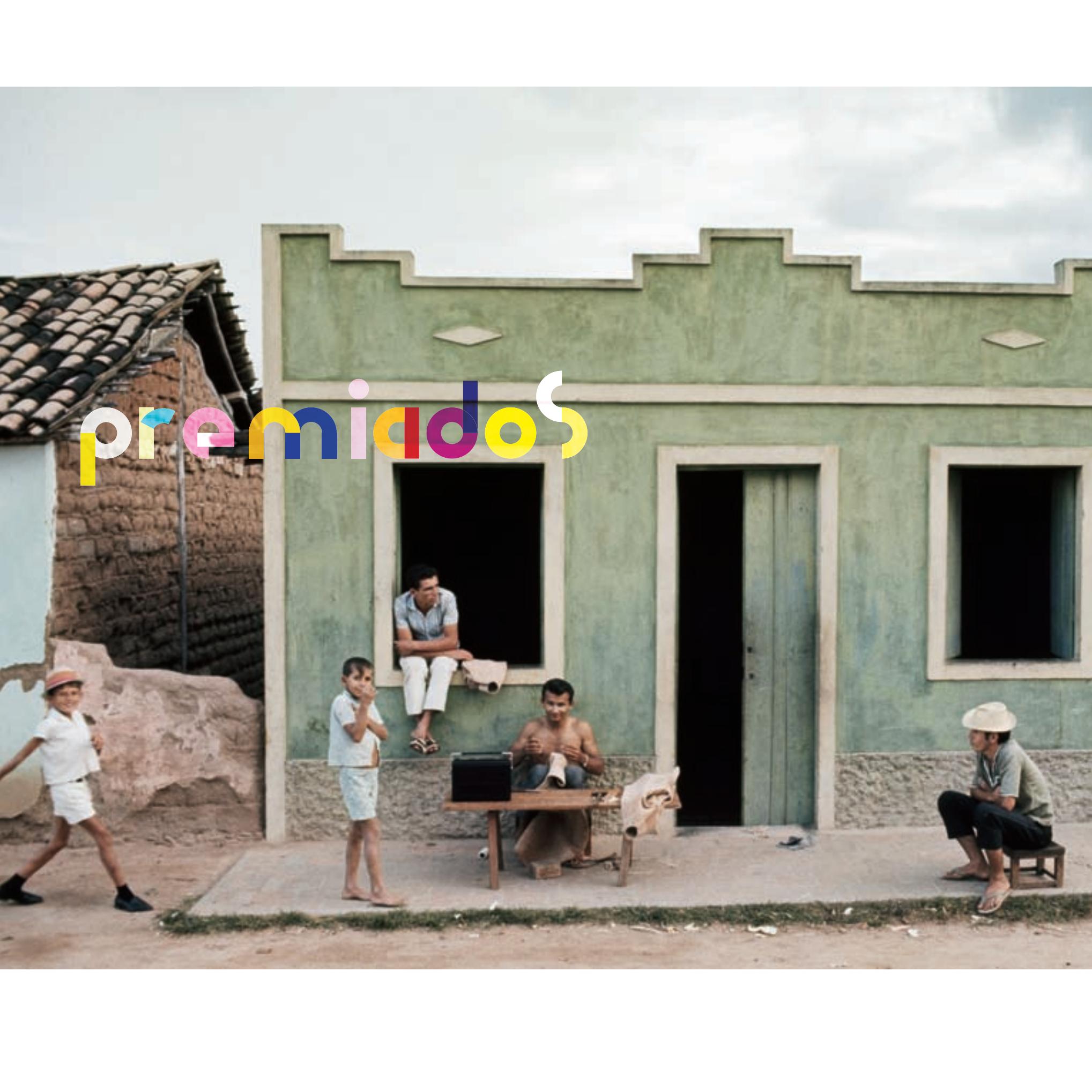
Nenhuma unanimidade é possível ou fecunda. A idéia central é destacar o lado humano de cada um dos artistas, porque é difícil julgar qual deles está mais certo que os outros. Porque não existem formas certas ou predeterminadas. Só existem abordagens e aproximações mais sensíveis e relacionamentos mais poéticos.

As belas praias da Arte Naïf, como toda baía acolhedora, recebem as mais variadas influências de correntes artísticas diferentes, que banham e alteram sua geografia original. Neste ir e vir, chegar e partir, criam-se novos e frutíferos diálogos com outros pensamentos visuais. Toda cultura é essencialmente híbrida e em constante movimento, encantando-nos com a beleza do contato com as novas descobertas, enriquecidos com o contato de novos sentimentos. Não existe arte em estado puro. Por que com a Arte Naïf seria diferente?

**A ideia central é destacar o lado humano de cada um dos artistas, porque é difícil julgar qual deles está mais certo que os outros.**



artistas

A color photograph of a street scene in front of a green building. On the left, a boy in a white shirt and shorts walks away from the camera. In the center, a man sits on a window ledge, and another man sits at a small table on the sidewalk. A third man sits on a stool on the right. The building has a green facade, a tiled roof, and several windows.

premiados



DESTAQUE AQUISIÇÃO

**Neves Torres**

Conselheiro Pena – MG, 1932

*O Engenho*

Óleo sobre tela

50 x 70 cm



**Neves Torres**

*Montanha*

Óleo sobre tela

50 x 70 cm



DESTAQUE AQUISIÇÃO

**J. Generoso**

[João Generoso]

Tapiraí – SP, 1950

*O Vendedor de Aipim*

Óleo sobre cartão e madeira

47 × 56 cm



J. Generoso

*O Ordenhador de Cabra*

Óleo sobre cartão e madeira

47 x 56 cm



INCENTIVO

**Carmézia**

[Carmézia Emiliano]

Boa Vista – RR, 1960

*Dança do Beija Flor*

Óleo sobre tela

74 × 94 cm

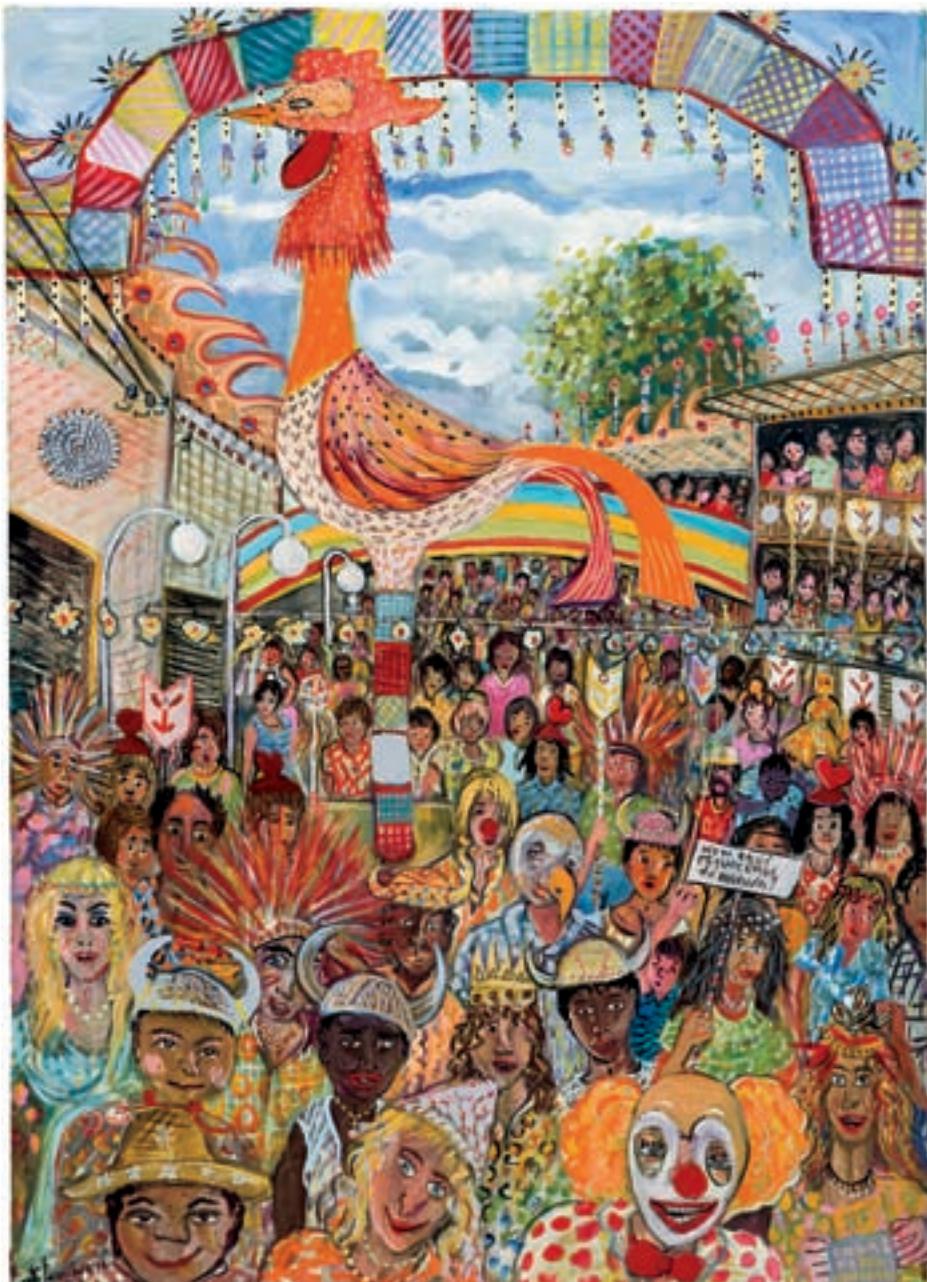


**Carmézia**

*Cereia*

Óleo sobre tela

74 × 94 cm



INCENTIVO

**Euclides Coimbra**

[Euclides de Almeida Coimbra]

Ribeirão Pires – SP, 1960

*O Galo da Madrugada*

Óleo sobre tela

105 x 76 cm



**Euclides Coimbra**

*Vamos Tirar o Brasil da Gaveta*

Óleo e acrílica sobre tela

105 x 76 cm



INCENTIVO  
**Eliana Martins**

[Eliana Silveira de Andrade]  
Ponte Nova – MG, 1943  
*Cidade de Interior*  
Acrílica sobre tela  
100 × 151 cm



**Eliana Martins**

*Lembranças*

Acrílica sobre tela

91 x 130 cm



INCENTIVO

**Parreira**

[Marconi Parreiras]

Montes Claros – MG, 1965

*Marconi na Rua Marconi*

Acrílica e verniz sobre tela

160 × 120 cm



**Parreira**

*Boi na Manta*

Acrílica e verniz sobre tela

120 x 160 cm



INCENTIVO

**Milton Costa**

[Milton Cardoso da Costa]

Rio de Janeiro – RJ, 1958

*Lixo Homem*

Mista

50 x 70 cm



INCENTIVO  
**Alemão**

[Alencar Claret Duarte da Silva]

Piracicaba – SP, 1959

*O Engolidor de Sapo*

Escultura em Madeira

109 x 19 x 30 cm



MENÇÃO ESPECIAL

**Fernando V. da Silva**

[Antonio Fernando Vieira da Silva]

Rio de Janeiro – RJ, 1939

*Exposição Comemorativa de 44*

Anos da Pintura Brasileira

Acrílica sobre tela

71 x 76 cm



**Fernando V. da Silva**

*Fim de Tarde Num Certo Bar  
Com Música da Lapa no Rio*

Acrílica sobre tela

48 x 69 cm



MENÇÃO ESPECIAL

**Antunes**

[Antonio Francisco da Costa]

Solonópole – CE, 1970

*Tatu*

Acrílica sobre tela

50 x 70 cm



**Antunes**

*Beija Flor*

Acrílica sobre tela

50 x 70 cm



MENÇÃO ESPECIAL

**David Sobral**

[David Augusto Sobral]

Beira Alta – Portugal, 1930

*Boca Grande*

Acrílica sobre tela

40 x 60 cm



**David Sobral**

*Águia Gigante*

Acrílica sobre tela

60 x 50 cm



MENÇÃO ESPECIAL

**Nilson Pimenta**

[Nilson Pimenta da Costa]

Caravela – BA, 1957

*À Macacadas*

Acrílica sobre tela

40 x 60 cm



**Nilson Pimenta**

*Derrubada Proibida*

Acrílica sobre tela

40 × 60 cm

artistas

# Selecionados





**Ademar César**

[Ademar César dos Santos]

Joinville – sc, 1961

*Mais Um Dia no Lar de Meninos*

Óleo sobre tela

71 x 97 cm



**Rodrigues Lessa**

[Adilson Rodrigues Coelho]

Tupã – SP, 1972

*Maracatú X*

Acrílica, óleo e tecido sobre tela

80 x 80 cm



A. Salviano Bueno

[Alaor Salviano Bueno]

Paraguaçu – MG, 1938

*Brincando De:*

Acrílica sobre tela

54 × 64 cm



A.D. Silva

[Aloisio Dias da Silva]

Presidente Venceslau – SP, 1947

*Colheita da Banana*

Acrílica sobre painel

60 x 80 cm



**Amélia Gil**

[Amélia Teixeira de Almeida Gil]

Piracicaba – SP, 1947

*O Batizado*

Óleo sobre tela

74 × 93 cm



**Anabea**

[Ana Beatriz Cerisara]

Santo Ângelo – RS, 1956

*Arcos da Lapa*

Bordado sobre retalhos

41 x 51 cm



**Anabea**

*Bar do Séo Chico*

Bordado sobre retalhos

40 × 49 cm



**AC. Pais**

[Ana Carolina Pais de Souza]

São Paulo – SP, 1983

*Tarde de Chuva*

Acrílica sobre tela

90 x 69 cm



### Psilito

[Antonio Carlos  
Nascimento Pivatto]  
Porto Alegre – RS, 1937  
*Envolvimento Vertical*  
Acrílica sobre tela  
40 x 40 cm



**Antônio Eustáquio**

Raul Soares – MG, 1962

*Minha Bíblia*

Óleo sobre tela

84,5 x 104 cm



**Tonico Scarelli**

[Antonio Scarelli]

São Joaquim da Barra – SP, 1931

*Meu Disco Voador*

Óleo sobre tela

70 x 50 cm



### Kaká

[Cacilda Aparecida Alves]

Barra Bonita – SP, 1958

*Brincadeiras de Ontem*

Óleo sobre tela

70 x 80 cm



**Kaká**  
*Tristeza de Hoje*  
Óleo sobre tela  
70 x 80 cm



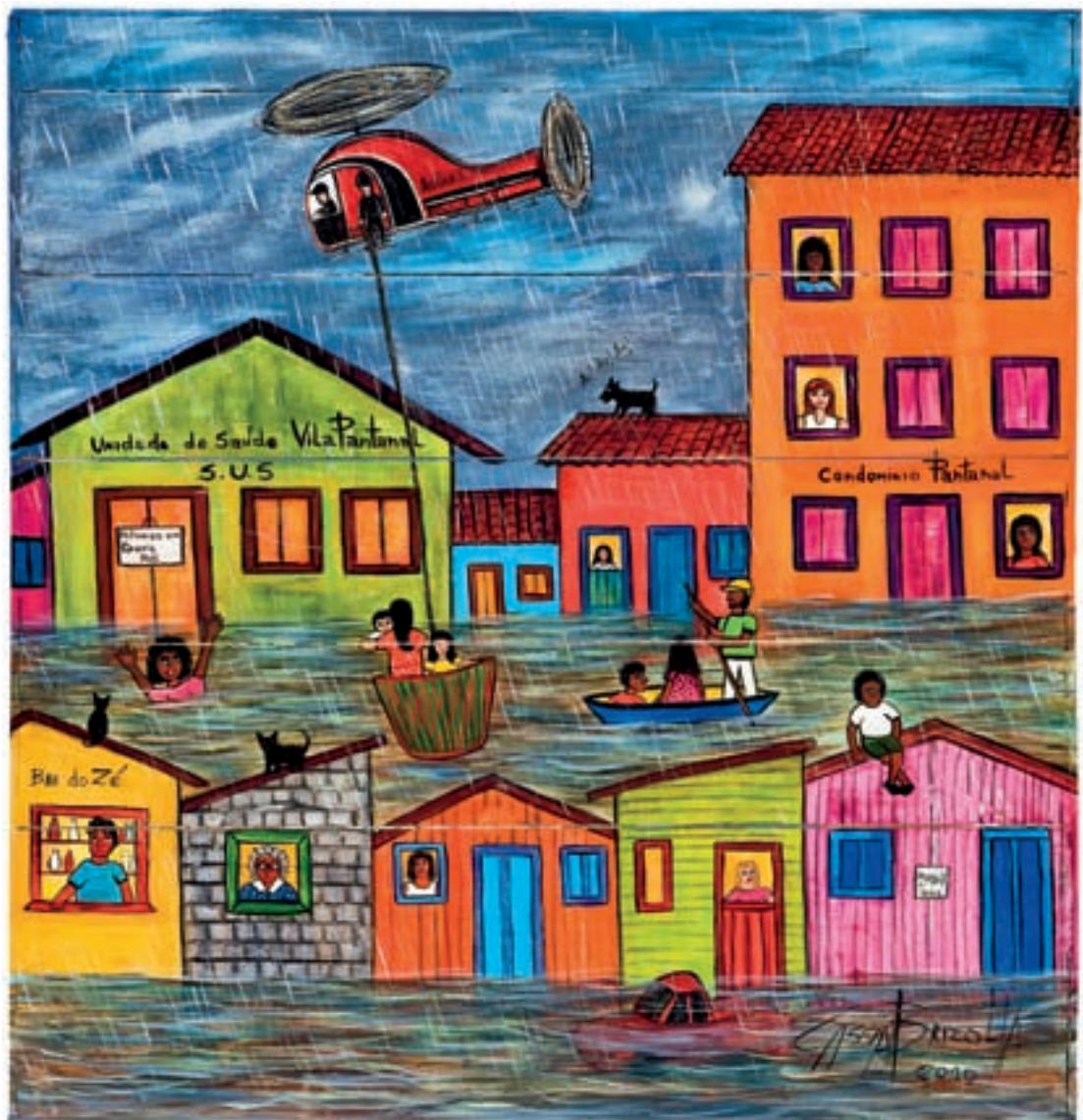
**Carmela Pereira**

Piracicaba – SP, 1936

*Folclore – Tradição – Lendas*

Óleo sobre tela

90 x 100 cm



**Cássia Brizolla**

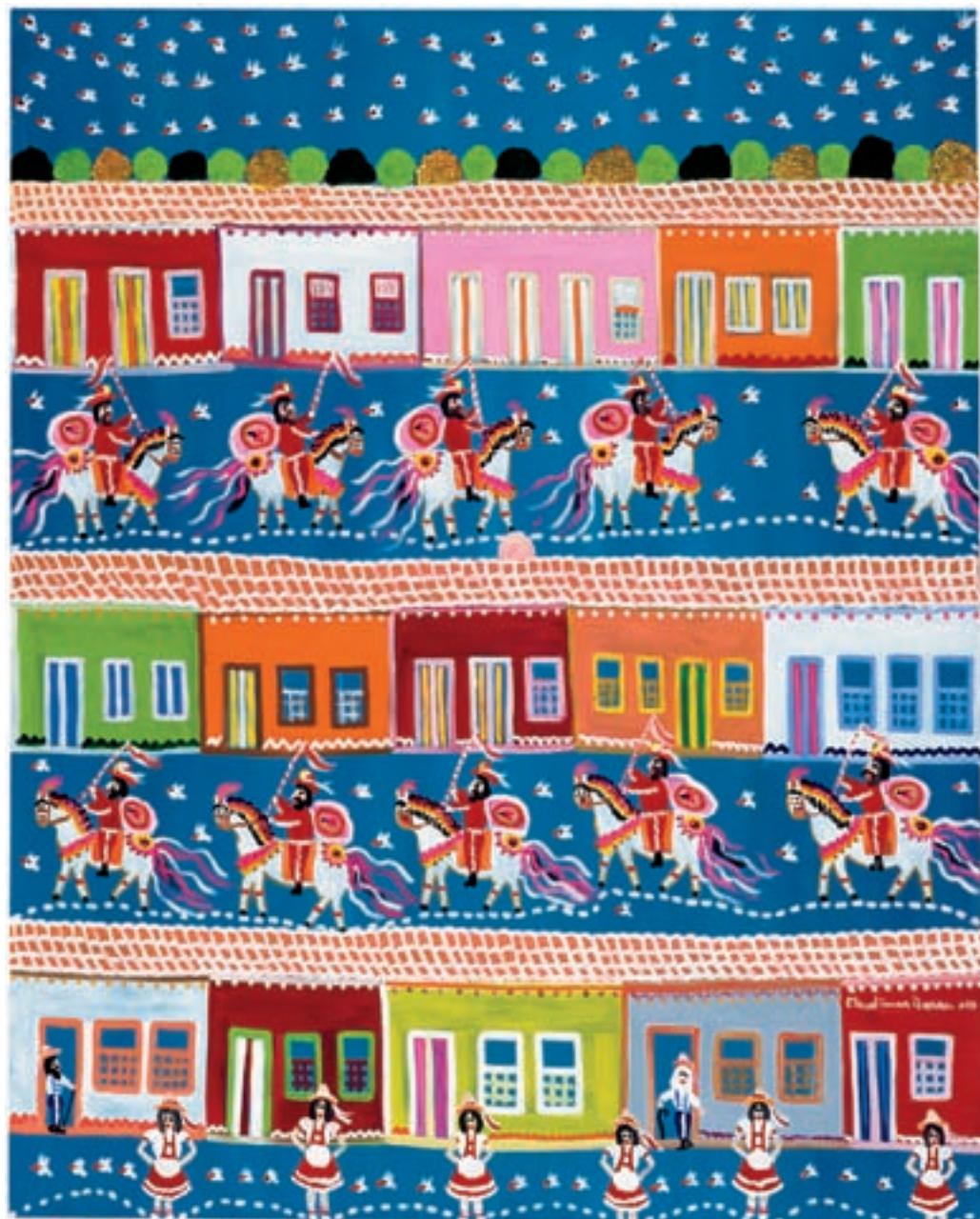
[Cássia Virginia Brissolla Mattedi]

Serra Negra – SP, 1961

*O Haiti é Aqui*

Acrílica sobre madeira

73 x 70 cm



**Claudimar Pereira**

[Claudimar Gonzaga Pereira]

Pirenópolis – GO, 1967

*Tradição Pirenopolina I*

Óleo sobre tela

100 x 81 cm



**Clóvis Junior**  
[Clovis Dias Junior]  
Guarabira – PB, 1965  
*O Boi do Bessa 2010*  
Acrílica sobre tela  
63 x 73 cm



**Clóvis Junior**

A Sereia da Barra 2010

Acrílica sobre tela

54 × 64 cm



**Cor Jesus**

[Cor Jesus de Oliveira Santana]

Guaraciaba – MG, 1950

*Vilas Cores*

Acrílica sobre tela

34 × 70 cm



**Daniel Firmino**

[Daniel Firmino da Silva]

Ribeirão Bonito – SP, 1951

*Futebol Nossa de Cada Dia N°1*

Óleo sobre tela

54,5 × 75 cm



**Denise Costa**

[Denise Maria Costa

da Fonseca Gomes]

João Pessoa – PB, 1964

*Tamanduá em Conflito*

Acrílica sobre tela

60 x 80 cm



**Diógenes Oliveira**

[Diógenes Antonio de Oliveira]

Teofilândia – BA, 1959

*Entre O Céu e O Inferno*

Acrílica, cola colorida e verniz  
sobre tela

50 x 50 cm



**Néia**

[Dulcinéia Aparecida Rocha]

São Paulo – SP, 1955

*Parada Gay*

Óleo sobre tela

43 × 54 cm



**Elisabeth**

[Elisabeth Maria Marques  
Carvalho Santos]  
Campanha – MG, 1949  
*Música Sertaneja*  
Acrílica sobre tela  
50 x 70 cm



**Enzo Ferrara**

[Enzo Cícero Tiago Aparecido  
de Lima Santos]  
São Paulo – SP, 1984  
*Triângulo Mineiro*  
Óleo sobre tela  
47 × 53 cm



**Francisco das Chagas**

[Francisco das Chagas Silva Mendes]

Piripiri – PI, 1964

*Flamengo x Corinthians*

*Clássico do Povo e dos Recados*

Acrílica e óleo sobre tela

70 x 90 cm



**Chico Carpina**

[Francisco Luiz de Campos]

Campinas – SP, 1955

*Tem Mais Conta!*

Acrílica sobre duratex

80 x 61 cm



**Geraldina Gallés**

Fernandes Pinheiro – PR, 1930

*Cortiço N° 4*

Acrílica sobre tela

70 x 50 cm



**Geraldina Galléas**

Cortiço N° 5  
Acrílica sobre tela  
70 x 50 cm



**Helena Vasconcelos**

[Helena Maria Boaretto

Paula Vasconcelos]

Uberaba – MG, 1949

*Encontro de Folias de Reis*

Acrílica sobre tela

50 x 120 cm



**Helena Vasconcelos**  
*O Catira Feminino*  
Acrílica sobre tela  
50 x 70 cm



**Helena C. Rodrigues**

[Helena Maria Costa Rodrigues]

Salvador – BA, 1947

*Brasil e Portugal na Copa 2010*

Acrílica sobre tela

60 x 80 cm



**Nakajima**

[Iwao Nakajima]

Gumma – Japão, 1934

*Oh, Meu Deus!*

Mista

80 x 74 cm

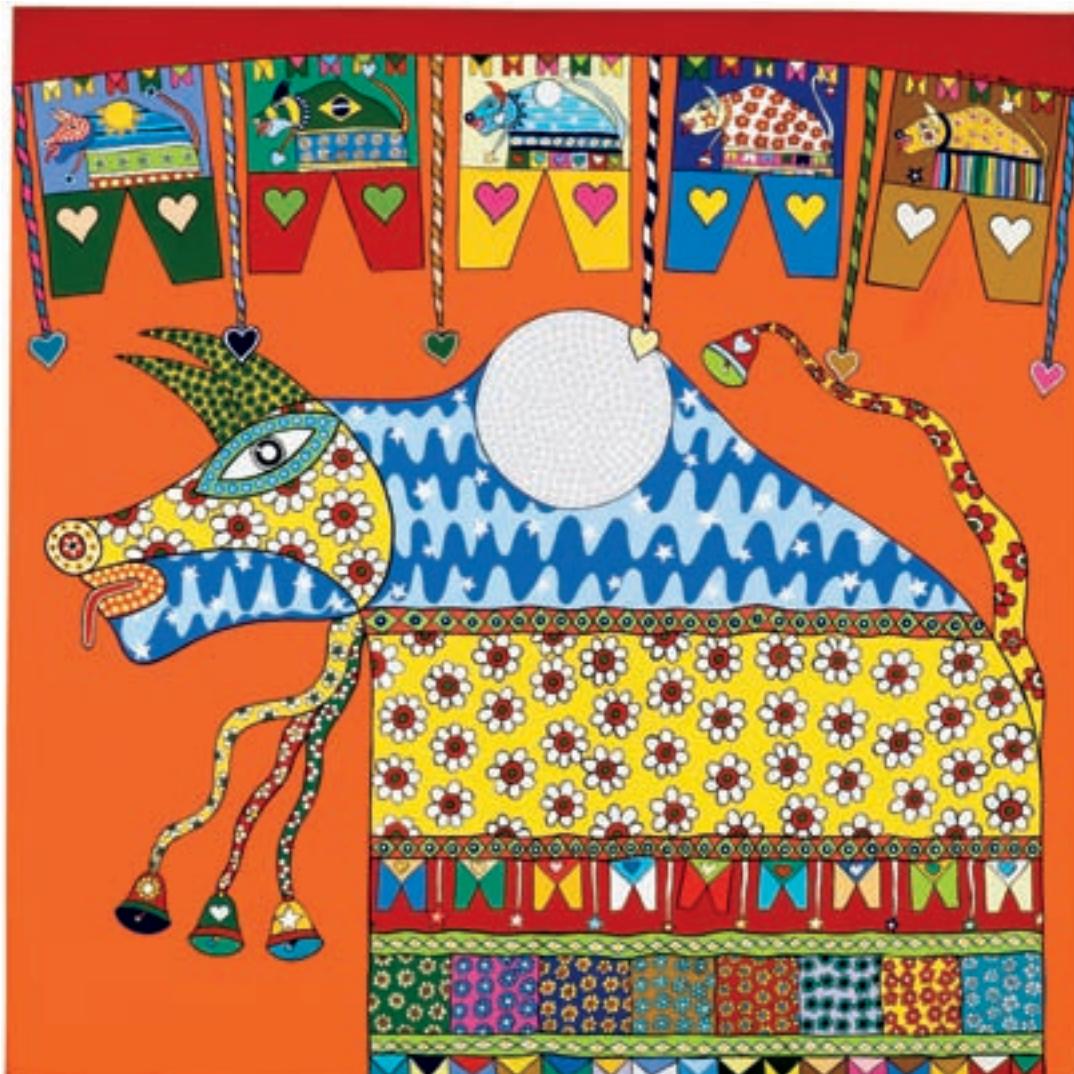


**Nakajima**

*Oh, Meu Deus!*

Mista

80 × 74 cm



**Tito Lobo**

[Jacinto Diôgo Correia Neto]

João Pessoa - PB, 1960

*Boi da Lua*

Acrílica sobre tela

100 x 100 cm

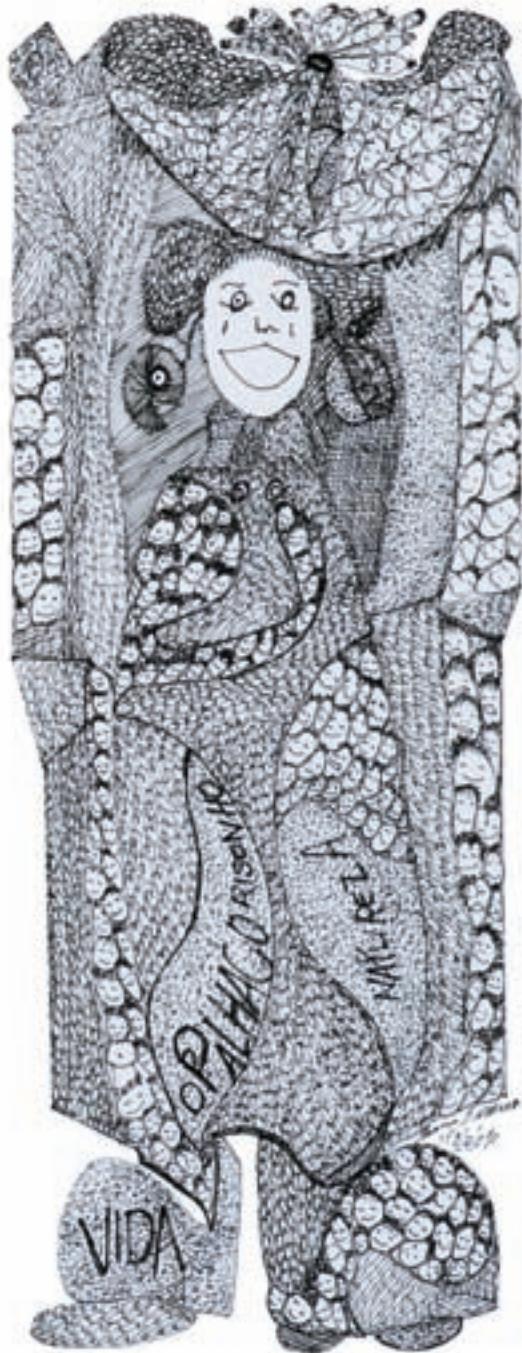


**Tito Lobo**

*Boi do Sol*

Acrílica sobre tela

100 x 100 cm



**Joana Baraúna**

[Joana Baraúna da Silva]

Santa Rita – PB

*Poesia e Vida N° II*

Nanquim sobre papel

40 x 23 cm

**João Pedro do Juazeiro**  
[João Pedro de Carvalho Neto]  
Ipumirim – CE, 1964  
*Lampião*  
Xilogravura  
80 x 40 cm





**João Pedro do Juazeiro**  
*Maria Bonita*  
Xilogravura  
80 x 40 cm



### D'Ollynda Brasil

[Jorge Luiz Gomes da Silva]

Recife – PE, 1969

*Grande Circo Nerino*

Acrílica sobre tela

143 x 113 cm



**D'Oollynda Brasil**

*Final de 2014*

Acrílica sobre tela

113 × 143 cm



**Blanco Castro**

[José Carlos Lopes

Blanco de Castro]

Monte Alto – SP, 1957

*Romaria*

Óleo sobre tela

92 x 62 cm



**Jose Luiz S.**

[José Luiz Soares]

Belo Horizonte – MG, 1935

*Sincretismo Religioso*

Óleo sobre tela

53 x 103 cm



**JM**

[José Maurício Lúcio Gomes]

Dores do Indaiá – MG, 1975

*O Carro de Boi*

Entalhe em Argila

92 x 112 cm



**J. Murilo**

[José Murilo Batista de Oliveira]

Cordisburgo – MG, 1936

*A Procissão das Viúvas*

Acrílica sobre tela

30 x 120 cm



**José Raimundo**

[José Raimundo Francisco]

Careaçu – MG, 1960

*Bar do Antenor*

Acrílica sobre tela

70 x 90 cm



**Josenildo Suassuna**  
[Josenildo Suassuna Vaz]  
Catolé do Rocha – PB, 1970  
*Criação*  
Acrílica sobre tela  
60 x 70 cm



**Júlio Paraty**

[Júlio Cézar de Jesus Freire]

Parati – RJ, 1952

*Festa de São Pedro*

Acrílica sobre tela

40 x 90 cm



**Karleen Renwick**

[Karleen Jane Renwick]

São Paulo – SP, 1959

*Represa*

Acrílica sobre tela

92 x 107 cm



**Karleen Renwick**

*Cajueiro*

Acrílica sobre tela

127 x 147,5 cm



**Lucilla**

[Lucila Marques Schijnemaekers]

Itabaiana – PB, 1935

*Dona Anta Faz de Conta*

Cerâmica

45 × 15 × 12 cm

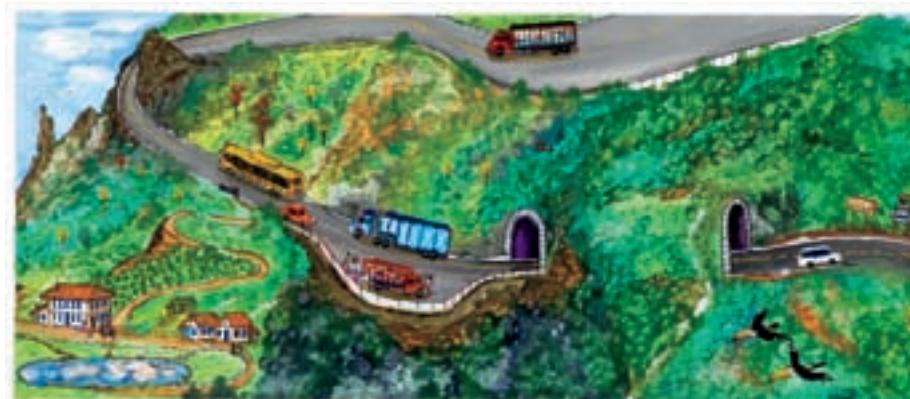
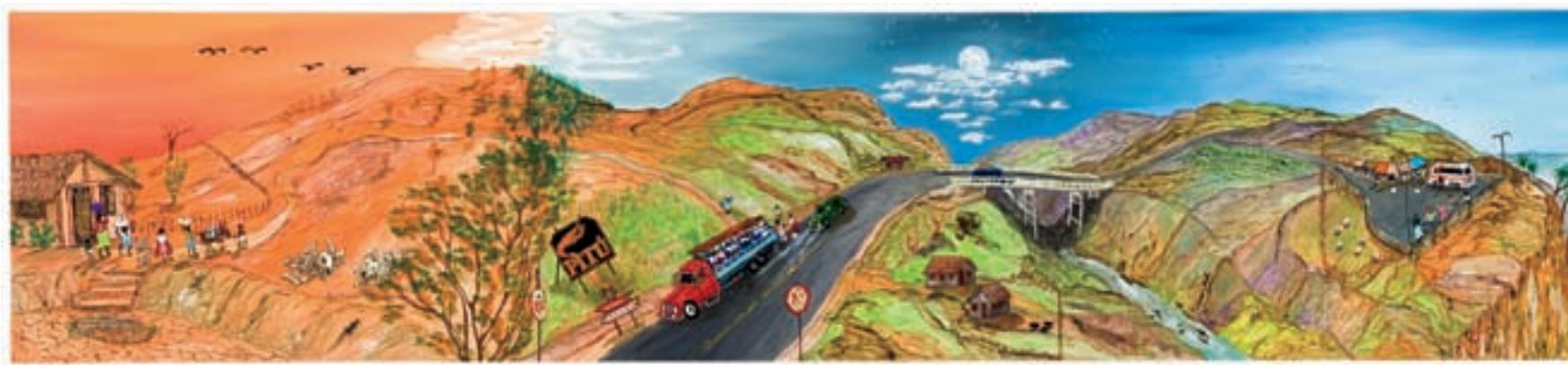


**Lucilla**

*Nada Faz Florestal*

Modelagem manual com  
cerâmica

45 x 13 x 10 cm



### Rocha Maia

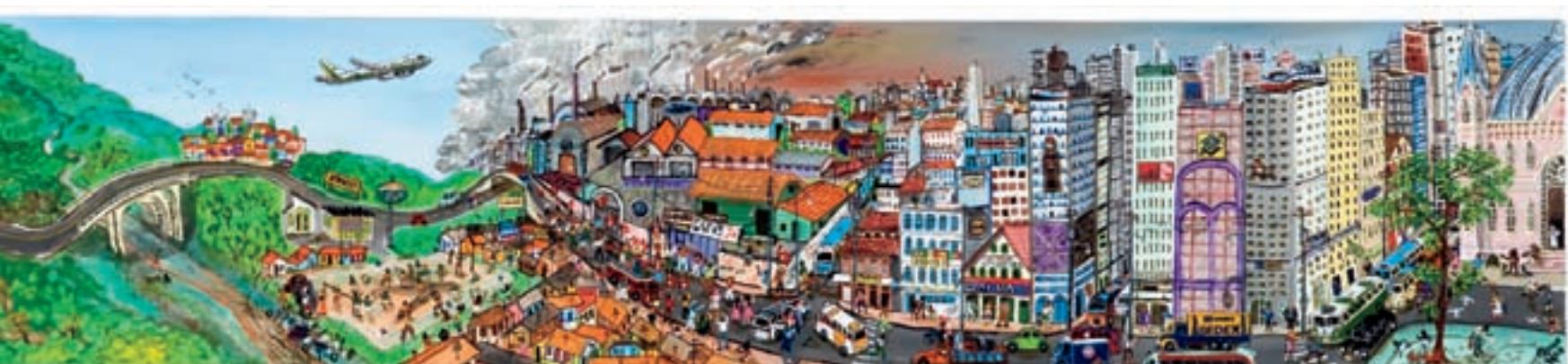
[Luiz Roberto da Rocha Maia]

Rio de Janeiro – RJ, 1947

*Ontem, Hoje...e Amanhã?*

Mista sobre tela

40 x 270 cm



**Rocha Maia**

*Ontem e Hoje...A Mesma Coisa!*

Mista sobre tela

40 x 270 cm



**Lilia Machado**

[Lilia Maria de Camargo

Ferraz Machado]

São Carlos – SP, 1946

*Plantação*

Óleo sobre tela

80 x 100 cm



**Luiz Teodoro**

[Luiz Teodoro dos Santos]

Mococa – SP, 1945

*Fazenda São Luiz*

Guache sobre papel

59 × 74 cm



**Luiz Teodoro**  
Condomínio São Luiz  
Mista  
 $59 \times 74 \text{ cm}$



**Marcelo**

[Marcelo Schimanesski]

Ponta Grossa – PR, 1967

*Resistindo a Modernidade*

Óleo sobre tela

50 x 70 cm



**Marcos de Oliveira**  
[Marcos Pereira Oliveira]  
Mundo Novo – BA, 1980  
*Seres Extintos I*  
Acrílica sobre tubo cartão  
165 x 30 x 30 cm



**Marilene Gomes**

[Marilene Gomes da Silva]

Paulista – PE, 1959

*Alegria no Sesc Piracicaba*

Acrílica sobre tela

94 × 125 cm



**Marilene Gomes**

*Lembrando Minha Infância*

Acrílica sobre tela

80 x 120 cm



OBRA COLETIVA

### Mosaicos: mapas de nós

*Na Praia*

Mosaico

112 x 130 cm



**Célia Santiago**

[Maria Célia Pereira Santiago]

Caruari – AM, 1966

*Festa Junina*

Mista

40 × 84 × 14 cm



**Célia Santiago**

*Romaria*

Mista

40 × 84 × 14 cm



M<sup>a</sup> D'arc

[Maria D'arc da Silva]

Catalão – GO, 1961

*Congada Nossa Senhora  
do Rosário*

Óleo sobre tela

60 x 80 cm



Maria Brandão

[Maria de Almeida

Prado Brandão

Jaú - SP, 1967

Mata Atlântica

Acrílica sobre tela

100 x 80 cm



**Maria Brandão**  
*Amazônia*  
 Acrílica sobre tela  
 100 x 80 cm



**Isa Galindo**

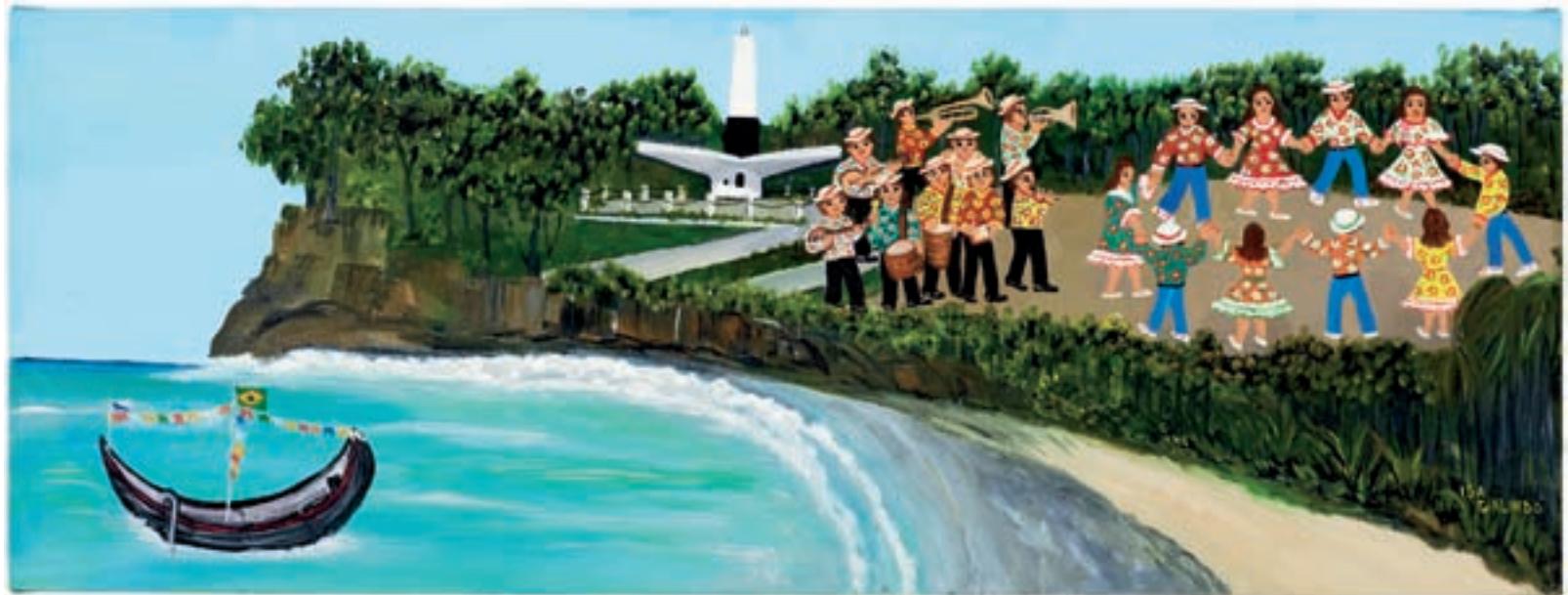
[Maria José de Carvalho Galindo]

Caruaru – PE, 1929

*Ciranda na Praia do Cabo Branco*

Acrílica sobre tela

30 x 80 cm



**Isa Galindo**  
*Ciranda no Farol*  
Acrílica sobre tela  
30 x 80 cm



**Mari**

[Marineis Limeira Dias]

Tremedal – BA, 1967

*Tributo à Infância*  
Acrílica sobre madeira

120 × 65 cm



**Miguel SSS**

[Miguel Sampaio de

Souza e Silva]

Marília – SP, 1944

*Amanhecer na Fazenda*

Óleo sobre tela

50 x 60 cm



**Monica Alvarenga**

[Monica de Aquino

Ennes Alvarenga]

Rio de Janeiro – RJ, 1959

*Hoje é Dia de Festa*

Acrílica sobre tela

100 x 50 cm



**Neuza Leonora**

[Neuza Leonora da Silva Fonseca]

Cândido Mota – SP, 1945

*A Gafieira do Chico*

Acrílica sobre tela

50 x 70 cm



**Odon Nogueira**  
[Odon Alves Nogueira]  
Bela Vista – GO, 1980  
*Natividade*  
Terra Cota  
47 x 31 x 24 cm



**Rômulo Cardozo**

Cachoeiro de Itapemirim – ES, 1948  
*O Espírito do Pré-Sal não é  
Santo, é o Governmental, Salve o  
Espírito Santo*  
Acrílica sobre tela  
115 × 80 cm



**R: Domingues**

[Rosa Domingues da Silva Neto]

Mossâmedes – GO, 1949

*Açude*

Óleo sobre tela

50 x 70 cm



**Sandra Aguiar**

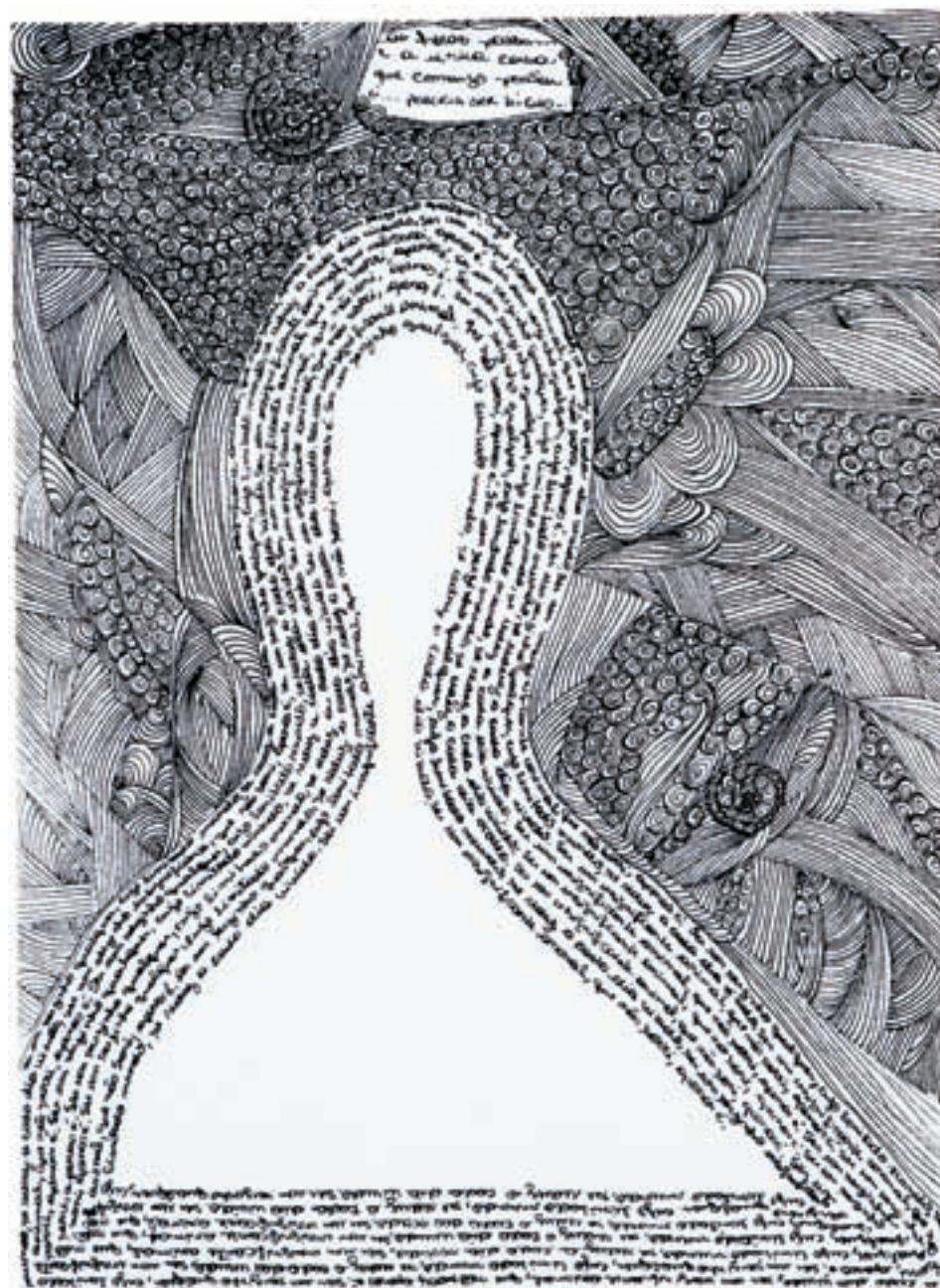
[Sandra Pereira Peixoto de Aguiar]

Nazaré – BA, 1960

*Favela Alegre*

Mista

72 x 113 cm



**Serena Souza**

[Serena Pais de Souza]

São Paulo – SP, 1981

*Poema Perdido*

Nanquim sobre Papel

32 × 25,5 cm



### Sérgio Pompêo

[Sergio Pompêo de Pina Junior]

Goiânia – GO, 1980

*Festa do Divino Espírito Santo Abertura  
das Cavalhadas de Pirenópolis*

Acrílica sobre tela

50 x 80 cm



**Sidney**

[Sidney da Silva]

Salvador – BA, 1984

*Festival de Verão o Rasta*

Óleo sobre tecido

21 x 14 cm



**Sidney**  
O Percussionista  
Óleo sobre tecido  
 $21 \times 17$  cm



**Silviano**

[Silviano José Cerqueira]

Feira de Santana – BA, 1916

*Missa Campal*

Óleo sobre tela

80 x 100 cm



**Silviano**  
*Salão de Barbeiro*  
Óleo sobre tela  
30 x 40,5 cm



**Valdivino Miranda**

[Valdivino Augusto de Miranda]

Itiquira – MT, 1965

*O Acontecimento*

Acrílica sobre tela

76 x 61 cm



**Valdivino Miranda**  
*O Encontro*  
Acrílica sobre tela  
76 x 61 cm



**Valques Rodrigues**

[Valques Rodrigues da Costa]

Cuiabá – MT, 1982

*Predadores II*

Acrílica sobre tela

60 x 40 cm



**Wilson Neto**

[Wilson Pessoa Dias Neto]

Fortaleza – CE, 1980

*Conversa de Compadre*

Mista

95 × 94 cm



**Wilson Neto**  
*Conversa de Comadre*  
Mista  
121 x 106 cm



**Maria Matheus**

[Zilda Maria Alves Matheus]

São Paulo – SP, 1952

*Nossa Senhora Aparecida*

Acrílica sobre tela

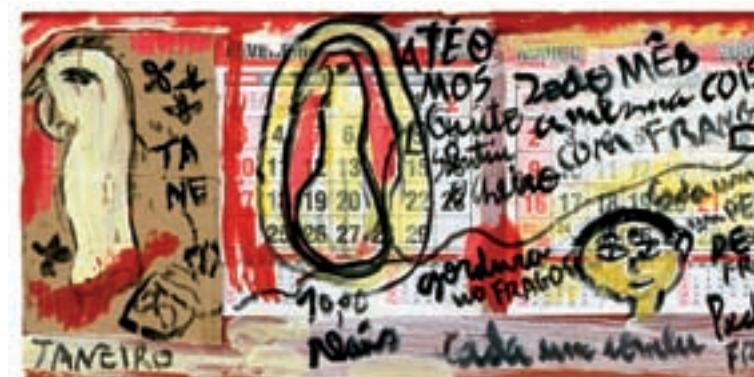
50 x 50 cm



Sala

eSpecial





### Alex dos Santos

[Alex Benedito dos Santos]

Jaboticabal – SP, 1980

*Estressado*

pintura sobre papelão

70 x 130 cm, 2008

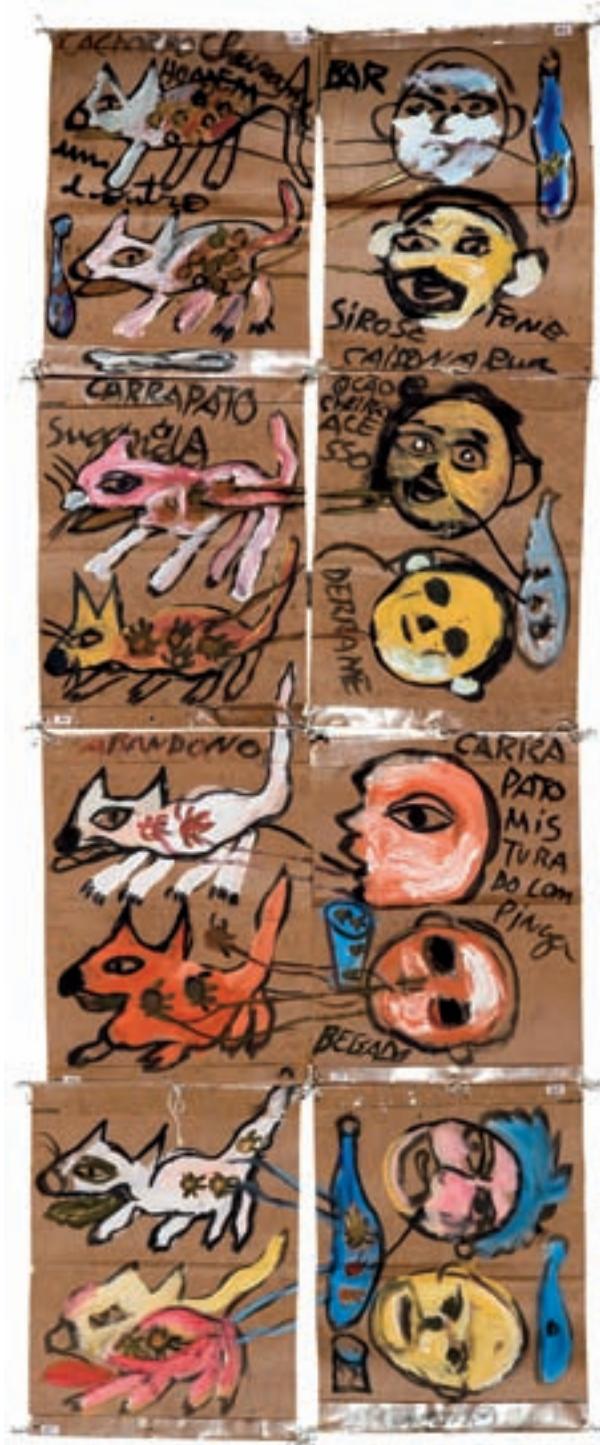
Coleção do artista,

Jaboticabal - SP



Alex dos Santos

O Cheiro de Frango  
pintura sobre porta de  
guarda-roupa  
60 x 170 cm, 2008  
Coleção do artista,  
Jaboticabal - SP



**Alex dos Santos**

*A Vida do Homem e  
do Cachorro*

pintura sobre papel

150 x 95 cm, 2009

Coleção do artista,  
Jaboticabal - SP



**Alex dos Santos**

*A Vida dos Seres Humanos*

*e Seres Vivos*

pintura sobre colchão

250 x 180 cm, 2009

Coleção do artista,  
Jaboticabal - SP



**Alex Cerveny**

[Alexandro Júlio de Oliveira Cerveny]

São Paulo – SP, 1963

*Inútil Paisagem*

pintura sobre azulejos

48 × 48 cm, 2003

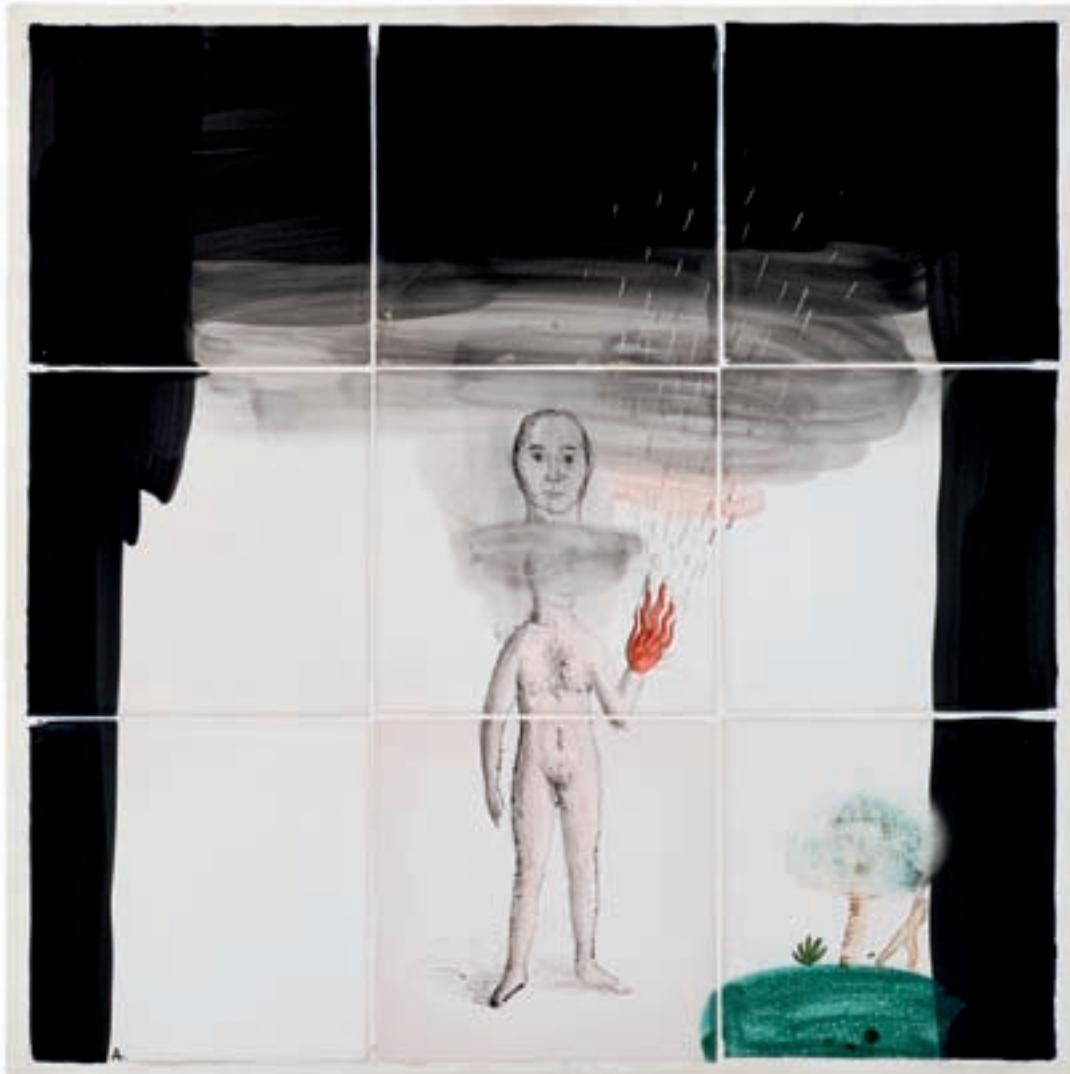
Cortesia Galeria Casa

Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**

Cadeia Alimentar  
pintura sobre azulejos  
48 x 48 cm, 2004  
Cortesia Galeria Casa  
Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**

*Sem título*

pintura sobre azulejos

48 × 48 cm, 2004

Cortesia Galeria Casa

Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**

*Kunst Zeit Freiheit (Arcádia)*

pintura sobre azulejo

48 x 48 cm, 2006

Cortesia Galeria Casa

Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**

*Dies Irae II*

óleo sobre tela

24 x 30 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa

Triângulo, São Paulo - SP



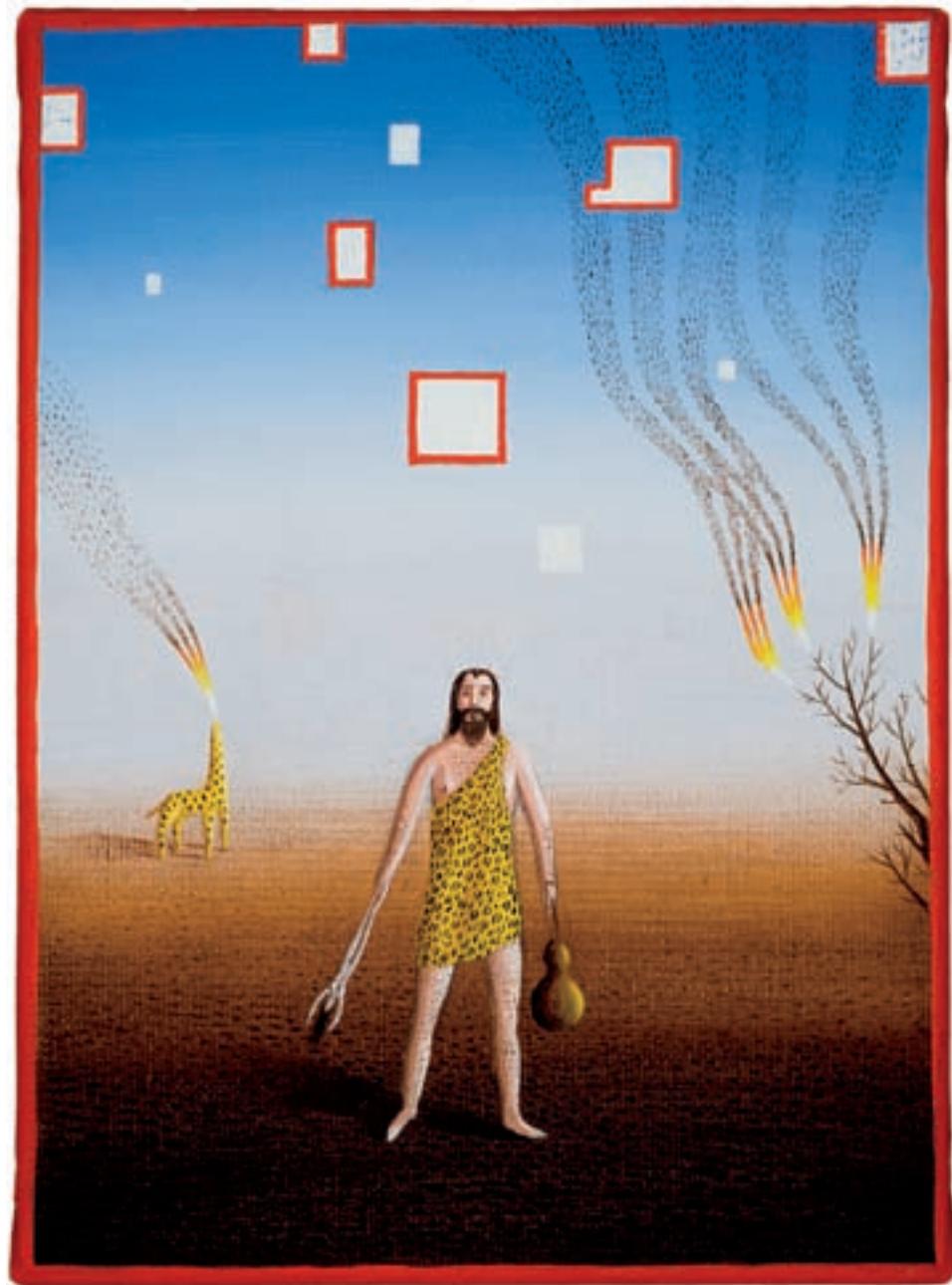
**Alex Cerveny**

*Chapéus e Barbas*

óleo sobre tela

24 x 30 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa  
Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**

*Deus Bruto*

óleo sobre tela

22 x 16 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa

Triângulo, São Paulo - SP



Alex Cerveny

*Alminha*

óleo sobre tela

18 x 14 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa  
Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**  
*Pequeno Paraguai*  
óleo sobre tela  
30 x 40 cm, 2009  
Cortesia Galeria Casa  
Triângulo, São Paulo - SP



**Alex Cerveny**

*Elisa Lynch*

óleo sobre tela

22 x 16 cm, 2009

Cortesia Galeria Casa  
Triângulo, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**  
[Antonio Henrique Abreu Amaral]  
São Paulo – SP, 1935  
*Álbum O Meu e o Seu –*  
*Impressões de Nossa Tempor*  
*O Idolatrado*  
xilogravura em cores  
43 x 30 cm, 1967  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*

*Sem Saída*

xilogravura em cores

30,4 x 43 cm, 1967

Acervo Fundação José e Paulina

Nemirovsky, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –*

*Impressões de Nossa Tempor*

*Madona*

xilogravura em cores

42,9 × 30,7 cm, 1967

Acervo Fundação José e Paulina

Nemirovsky, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*

*Realidades, Culpas?*

xilogravura em cores

30,5 x 42,3 cm, 1967

Acervo Fundação José e Paulina

Nemirovsky, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**  
Álbum *O Meu e o Seu – Impressões de Nossa Temporâneo Personagem Contemporâneo*  
xilogravura em cores  
 $30,6 \times 42,5$  cm, 1967  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

*Álbum O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Tempor  
Passatempo Século xx*

xilogravura em cores

42,7 x 30 cm, 1967

Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky, São Paulo - SP



A. Henrique A.

**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu – Impressões de Nossa Temp*  
*Um + Um = Dois ?*  
xilogravura em cores  
30,3 x 42,5 cm, 1967  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*  
Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967

Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**  
Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*  
Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967  
Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Tempo*

Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967

Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**  
Álbum *O Meu e o Seu – Impressões de Nossa Tempor*  
Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões variadas, 1967  
Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*  
Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967

Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**  
*Álbum O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Tempor*  
Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967  
Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*

Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967

Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**  
Álbum *O Meu e o Seu* –  
*Impressões de Nossa Tempor*  
Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967  
Coleção do artista, São Paulo - SP



**Antonio Henrique Amaral**

Álbum *O Meu e o Seu –  
Impressões de Nossa Temp*

Matriz de xilogravura  
madeira, dimensões  
variadas, 1967

Coleção do artista, São Paulo - SP



**Dalton**

[Dalton Oliveira de Paula]

Brasília – DF, 1982

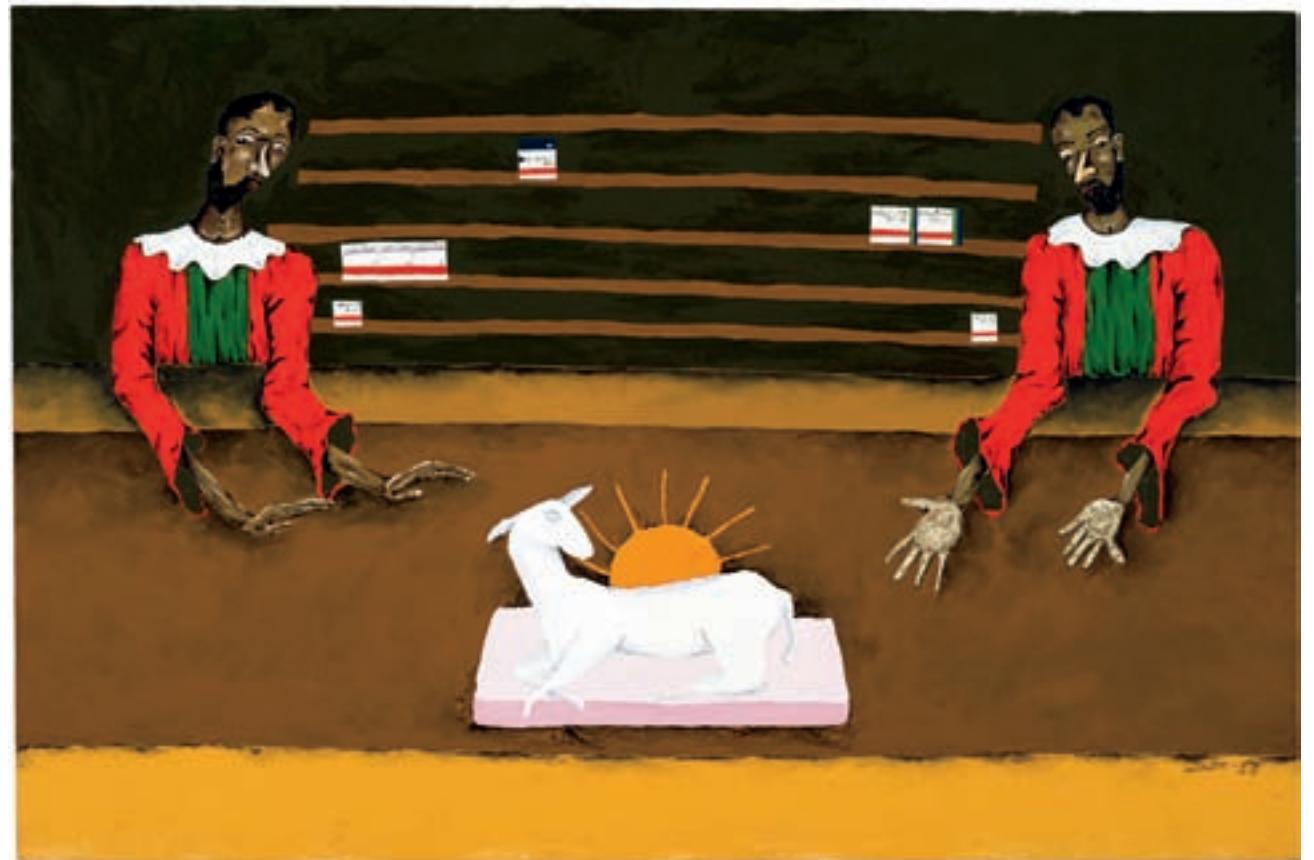
*Comunhão*

Óleo e folhas de ouro e prata sobre tela

70 x 90 cm, 2009

Acervo Museu de Britânia,

Britânia - GO



**Dalton**

*A Farmácia*

Óleo sobre tela

80 x 120 cm, 2009

Coleção do artista,

Goiânia - GO



**Dalton**

*Reisado*

Óleo e folhas de ouro e prata  
sobre tela

70 x 90 cm, 2009  
Coleção do artista,  
Goiânia - GO



**José Bezerra**

Buíque – PE, 1952

*Homens Sertanejos*  
escultura em madeira  
117 x 115 x 40 cm, 2008  
Cortesia Galeria Estação,  
São Paulo - SP



**José Bezerra**

*Cabeça de Cobra*

escultura em madeira

85 × 25 × 20 cm, 2008

Cortesia Galeria Estação,

São Paulo - SP



**José Bezerra**

*Camaleão*

escultura em madeira

103 x 18 x 170 cm, 2008

Cortesia Galeria Estação,

São Paulo - SP



**José Bezerra**

*Cabeça de Porco*  
escultura em madeira  
90 x 68 x 124 cm, s.d.  
Cortesia Galeria Estação,  
São Paulo - SP



**José Bezerra**

Banco Tamanduá  
escultura em madeira  
 $15 \times 98 \times 22$  cm, s.d.  
Cortesia Galeria Estação,  
São Paulo - SP



**José Bezerra**

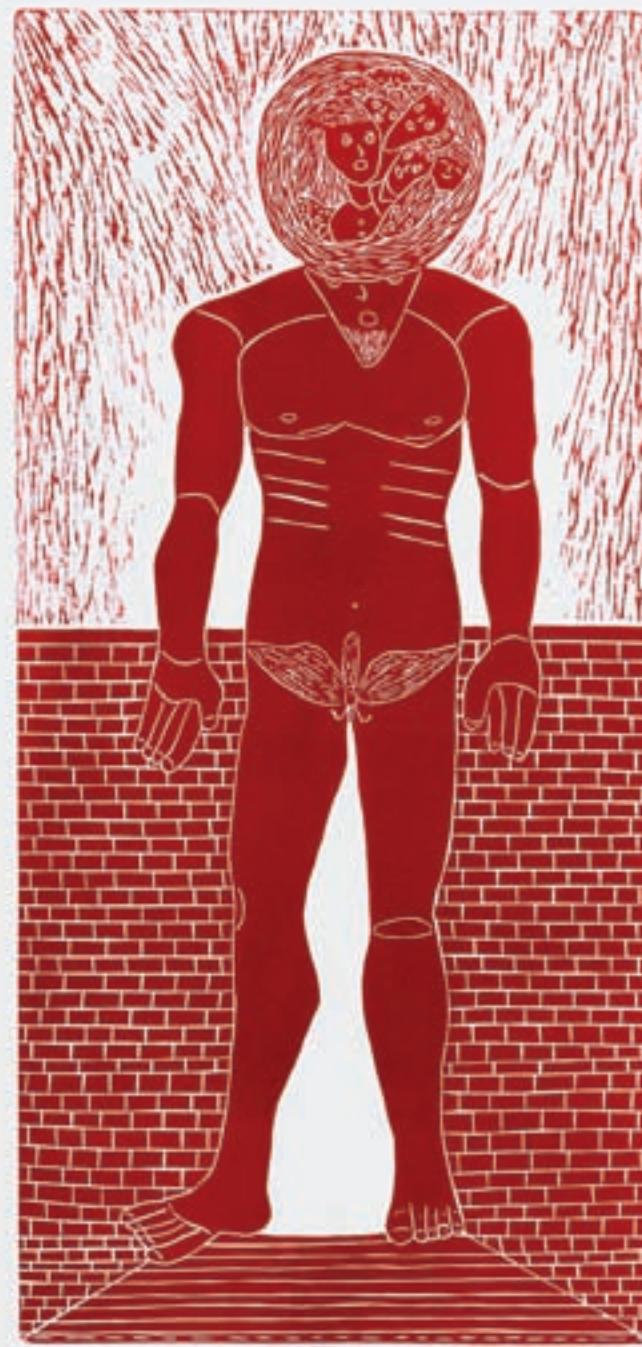
*Chifrudo*

escultura em madeira

124 × 28 × 18 cm, 2008

Cortesia Galeria Estação,

São Paulo - SP



### Guimarães

[Loizel Guimarães da Silva]

Bocaiúva do Sul – PR, 1952

*Vítima da Borboleta*

Xilogravura

100 x 40 cm, 2007

Coleção do artista,

Bocaiúva do Sul - PR



**Guimarães**

*Rinoceronte*

Xilogravura

80 x 60 cm, 2007

Coleção do artista,  
Bocaiúva do Sul - PR



**Guimarães**

*Final de Pescaria*

Linoleogravura

107 x 90 cm, 2005

Coleção do artista,  
Bocaiúva do Sul - PR



**Guimarães**

*Só Alegria*

Xilogravura

80 x 70 cm, 2009

Coleção do artista,  
Bocaiúva do Sul - PR



**Guimarães**

*Boi Bandido*

Linoleogravura

106 x 60 cm, 2009

Coleção do artista,  
Bocaiúva do Sul - PR



**Guimarães**

*Carroceiro*

Xilogravura

60 x 50 cm, 2008

Coleção do artista,  
Bocaiúva do Sul - PR



**Rogério Sena**

[Rogério Soares de Sena]

Belo Horizonte – MG, 1957

*Sem título*

óleo sobre tela

84 x 150 cm, 2006

Cortesia Belizário Galeria,

Belo Horizonte - MG



**Rogério Sena**

*Sem título*

óleo sobre tela

96 x 156 cm, 2005

Cortesia Belizário Galeria,  
Belo Horizonte - MG



Rogério Sena

*Sem título*

óleo sobre tela

70 x 80 cm, 2001

Cortesia Belizário Galeria,  
Belo Horizonte - MG



**Rogério Sena**

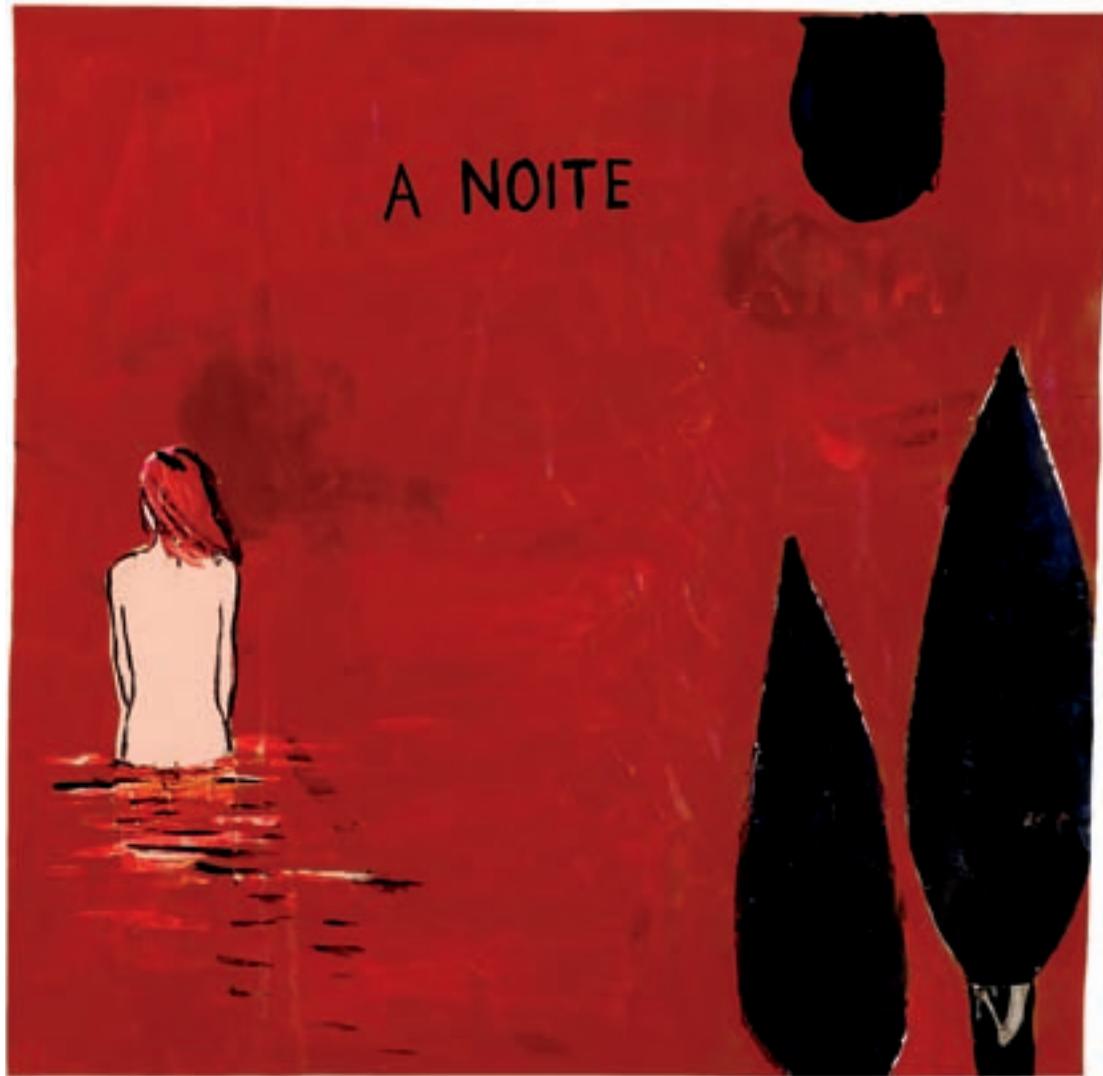
Sem título

óleo sobre tela

76 x 89 cm, 2007

Cortesia Belizário Galeria

Belo Horizonte - MG



**Vânia Mignone**

[Vânia Célia Mignone Gordo]

Campinas – SP, 1967

*A Noite*

acrílica sobre papel

51,5 x 54 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa Triângulo,

São Paulo - SP



**Vânia Mignone**

*O Perigo*

acrilica sobre papel

51 x 54 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa Triângulo,  
São Paulo - SP



**Vânia Mignone**

*O Ladrão*

acrilica sobre papel

50 x 50 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa Triângulo,  
São Paulo - SP



**Vânia Mignone**

*A Caverna*

acrílica sobre papel

50 x 50 cm, 2008

Cortesia Galeria Casa Triângulo,  
São Paulo - SP



**Vânia Mignone**

*Sem título*

acrílica sobre papel

51 x 54 cm, 2009

Cortesia Galeria Casa Triângulo,  
São Paulo - SP



**Vânia Mignone**

*Sem título*

acrílica sobre papel

51 x 56,5 cm, 2009

Cortesia Galeria Casa Triângulo,  
São Paulo - SP



**Vânia Mignone**

*Sem título*

acrílica sobre papel

51 × 86,5 cm, 2009

Cortesia Galeria Casa Triângulo,  
São Paulo - SP

biografías



## Sala especial: Arte sem fronteiras

### curadoria

Maria Alice Milliet

### pesquisa

Margarida Sant' Anna

### Alex dos Santos

[Alex Benedito dos Santos]

Jaboticabal, sp, 1980

Vive e trabalha em Jaboticabal, sp

Alex dos Santos começa a pintar aos 17 anos, empregando materiais que encontra na rua: papelão, duratex, restos de tinta. Nessa mesma época, passando a frequentar a biblioteca de sua



cidade, conhece por meio dos livros a obra de Picasso e Basquiat. Durante a 3ª Bienal de Arte e Cultura de Jaboticabal, em 2004, o artista Sigbert Franklin o incentiva a seguir a carreira artística. A partir de então, ele intensifica sua produção e multiplica sua participação em concursos de novos valores. Entre 2007 e 2008, é premiado (Medalha de Ouro) no Salão de Franca, no sesc Ribeirão, o que lhe permitiu uma individual no Museu de Arte de Ribeirão Preto, e na Bienal Naïfs do Brasil 2008 (Prêmio Aquisição). Em 2009, é selecionado entre 547 inscritos para integrar o Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, ao lado, por exemplo, de Cris Bierrenbach, Ricardo Carioba e Tiago Judas. A investigação de materiais diversos, em particular aqueles de que se apropria – colchão, porta, manequim de fibra – associa-se a uma expressividade cromática singular, com o emprego de referências iconográficas do cotidiano (como a dengue ou a doença da abelha preta), ou mesmo um repertório de imagens surreais (*O Aborto entre a Mulher e a Tartaruga*).

### Alex Cerveny

[Alexandro Júlio de Oliveira Cerveny]

São Paulo, sp, 1963

Vive e trabalha em São Paulo, sp

Alex Cerveny deve sua formação artística sobretudo à convivência com outros artistas.

Aos 14 anos, já frequentava o ateliê de Valdir Sarubbi, com quem aprendeu técnicas artísticas e desenvolveu o gosto pela literatura e pela música. Aos 18 anos, por orientação do mestre, foi encaminhado à oficina de gravura de Selma Daffré, companhia que certamente influenciou sua produção como ilustrador. Se o apuro técnico é um denominador comum em seu trabalho, Cerveny não se prende a uma única técnica ou material, recuperando, inclusive, a pintura sobre azulejos. Sua obra apresenta uma narrativa intimista, repleta de variadas referências, algumas delas autobiográficas, como nas figuras retorcidas e elásticas – lembranças de sua vivência de artista circense –, outras, literárias; e outras, ainda, dos meios de comunicação de massa, criando uma



intricada alegoria. “Eu me sinto mais um escritor que escreve com imagens, me sinto mais um cronista, que um artista. A tradição que me agrada na arte é essa de contar histórias, com

retábulos, com os muros assírios que contam histórias de batalhas...”, resume. O artista expõe individualmente desde 1982, tendo sido premiado na xxI Bienal de São Paulo (1991) e no Panorama do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1995).

### Antonio Henrique Amaral

[Antonio Henrique Abreu Amaral]

São Paulo, sp, 1935

Vive e trabalha em São Paulo, sp

Antonio Henrique Amaral inicia sua formação artística em 1952, na Escola do Museu de Arte de São Paulo, com Roberto Sambonet. Em 1956, estuda gravura com Lívio Abramo no Museu



de Arte Moderna de São Paulo, onde expõe individualmente pela primeira vez em 1958.

Nesse mesmo ano, viaja para a Argentina e para o Chile, e no seguinte, para os Estados Unidos, estudando gravura no Pratt Graphics Center, em Nova York, com Shiko Munakata. Voltando ao Brasil em 1960, instala-se no Rio de Janeiro, e conhece Ivan Serpa, Portinari, Antonio Bandeira, Djanira e Goeldi. Paralelamente à carreira artística, atua nessa época como redator publicitário. Seus desenhos e gravuras do início da carreira aproximam-se do surrealismo. A partir da metade da década de 1960, sua produção passa a incorporar a temática social, elementos da gravura popular e a figuração extraída da cultura de massa, como a publicidade e o graffiti, aproximando-se também da arte pop. Violência, sexo e política são temas tratados no uso recorrente de imagens de generais e bocas. Em 1967, introduzindo a cor na gravura, Antonio Henrique Amaral lança o álbum de xilogravuras *O Meu e o Seu*, em que revela de forma sintética a questão da interiorização do autoritarismo. Passa então a dedicar-se predominantemente à pintura. Recebe em 1971 o Prêmio Viagem ao Exterior no Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e viaja para Nova York. Retorna ao Brasil em 1981. Em 1997, tem publicado seu livro *Antonio Henrique Amaral – Obra em processo*, com textos de Edward J. Sullivan, Frederico Morais e Maria Alice Milliet (DBA). Em 2004, o Museu de Arte Moderna de São Paulo apresenta importante retrospectiva sobre a obra gráfica do artista, acompanhada do livro *Antonio Henrique Amaral: Obra Gráfica 1957/2003*, com texto de Maria Alice Milliet (Momesso Edições de Arte).

## Dalton

[Dalton Oliveira de Paula]

Brasília, DF, 1982

Vive e trabalha em Goiânia, GO

Dalton gostava de desenhar quando criança.

Aos quinze anos, inicia sua formação artística,

inscrevendo-se no curso de desenho na Escola de Artes Visuais da Agência Goiana de Cultura. Dois anos depois, já frequenta as oficinas de arte do Museu de Arte de Goiânia. Ali recebe incentivo para seguir a carreira artística e, em 2000, passa a expor em mostras coletivas. É selecionado nos concursos Novos Valores da Fundação Jaime Câmara (2000), Novos Valores da Universidade Católica e Sesi Criatividade (ambos em 2002), e na



última edição Bienal Naïfs do Brasil (2008), laureado com o prêmio Destaque-Aquisição. Nos últimos tempos, vem dividindo

seu tempo entre o Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás, onde atua no Grupamento de Salvamento em Emergências, em Goiânia, e a vida artística e acadêmica, estudando Artes na Universidade Federal de Goiás. Nas obras selecionadas para a sala especial da Bienal Naïfs do Brasil estão presentes os principais elementos de sua obra: simplicidade do desenho, cores fortes e temas da cultura afro, como festas e danças populares e sincretismo religioso.

## José Bezerra

Buíque, PE, 1952

Vive e trabalha no Vale do Catimbau, PE

Escultor, artesão, músico e contador de



histórias, José Bezerra iniciou sua carreira artística em 2002, a partir de um sonho revelando que ele sobreviveria dos troncos de madeira da região onde vive, a reserva ecológica do Vale do Catimbau, no sertão pernambucano. É respirando essa atmosfera que o artista produz suas esculturas, que exibe ao redor de sua casa. Por sua origem social, pela maneira como trabalha ou o material que emprega,

Bezerra poderia facilmente ser rotulado como artista popular, mas isso seria pacificar muito seu trabalho. Existe uma questão muito maior, uma tragicidade, um sofrimento revelado em suas esculturas: o drama da natureza, da região em que vive, que rapidamente vai deixar de existir para dar lugar à agricultura. A maneira como esculpe, a violência dos movimentos largos e a pouca precisão dos instrumentos que emprega no talhe daqueles animais esquisitos, todos meio monstruosos, meio deformados, conferem uma espécie de contemporaneidade à sua representação da natureza. Um conjunto de 70 de suas obras foi apresentado em São Paulo, em 2009, em importante individual organizada pelo Museu do Imaginário e realizada na Galeria Estação, com curadoria e texto de Rodrigo Naves.

## Loizel Guimarães

[Loizel Guimarães da Silva]

Bocaiúva do Sul, PR, 1957

Vive e trabalha em Bocaiúva do Sul, PR

A convivência de Loizel com a arte data de muito tempo, quando ele trabalhava como segurança em museus e centros culturais: "Observava atentamente as peças, e foi despertando em mim o interesse de fazer arte também." Até que um dia foi convidado a integrar uma oficina no Solar do Barão, na Fundação Cultural de Curitiba, onde trabalha desde 1996. Iniciava-se ali uma promissora carreira artística, hoje já premiada em diversos salões. Sua atração sempre foi pela arte da impressão, em particular pela mais antiga delas, a xilogravura, embora tenha experimentado também a linoleogravura na época em que trabalhou no Museu Guido Viaro. Trabalha basicamente com duas cores,



tanto que sua individual, apresentando 18 trabalhos no Palacete dos Leões (Espaço Cultural do Banco

Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul), em 2009, chamava-se O Vermelho e o Negro. Sua inspiração vem da observação atenta do cotidiano, mas a representação traz referências diversas – até mesmo da arte egípcia – na harmonia com que, transmitindo limpidez e clareza, são utilizadas linhas simples, formas estilizadas, níveis retilíneos de estruturação de espaços, manchas de cores uniformes.

### Rogério Sena

[Rogério Soares de Sena]

Belo Horizonte, MG, 1957

Vive e trabalha em Belo Horizonte, MG

Foi com o próprio pai, carreteiro que desenhava nas horas vagas, que Rogério Sena, ainda criança, tomou gosto pela arte. Na adolescência, passou também a escrever. Problemas psiquiátricos o levaram a tratamentos tradicionais que pouco ajudaram na sua recuperação. Na busca de terapias alternativas, conheceu o Hospital Raul Soares e teve acesso aos pincéis, à cerâmica e a outras técnicas e materiais. Teve início uma produção profusa, em que estão presentes cenas



de dança, de manifestações étnicas, de brincadeiras de criança e símbolos abstratos, pintados com uma paleta vibrante. “Pinto o cotidiano da vida, ando pela cidade, e o que vejo passo para a tela. Nos quadros, as pessoas nunca têm rosto porque, em geral, quando ando pelas ruas, elas não olham para mim”. O artista, descoberto por um marchand da capital mineira numa feira de arte popular, figura hoje ao lado de Marcelo Solá, Fabiano Gonper, Pitágoras Lopes e Yuri Firmeza em sua galeria. Em 2007, a Petrobrás patrocinou, realizado pela Associação Imagem Comunitária/Projeto Rede Jovem de Cidadania, um curta-metragem sobre o artista. No ano seguinte, ele foi premiado na

Bienal Naïfs do Brasil 2008. Paralelamente à carreira artística, Rogério Sena tem importante atuação na luta contra o sistema de manicômios.

### Vânia Mignone

[Vânia Célia Mignone Gordo]

Campinas, SP, 1967

Vive e trabalha em Campinas, SP

Graduou-se em Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e em Educação Artística na Universidade de Campinas. Seu trabalho parte dessa dupla formação: da experiência artística, decorrem a planura, a linha e as cores chapadas da xilogravura; da visualidade publicitária, a mensagem sintética, o aspecto gráfico do desenho, a fusão entre texto e imagem. Mas, ao contrário de obras de cunho pop, nas quais prevalece o aspecto impersonal das imagens geradas pelos meios de comunicação, no trabalho de Vânia cenas triviais ganham uma intensidade que supõe uma experiência pessoal da realidade. Nesse jogo entre intimidade e impersonalidade, sua pintura recusa qualquer conformidade a um padrão tradicionalista de



pintura, ou mesmo uma aceitação unívoca de certos dogmas contemporâneos. Suas obras, nas palavras de Moacir dos Anjos, são da ordem do incômodo e do desassossego, daquilo que não se sabe ou que não se quer nomear de modo pleno. Há nessas pinturas, quase sempre, a presença de figuras humanas sozinhas, apartadas do convívio social. São mulheres ou homens situados em lugares aos quais a artista nega identificação precisa, em espaços onde não há sequer distinção possível entre frente e fundo, igualados em planos de cores únicas. Recortadas desses lugares por meio de traços grossos,

negros e hesitantes, as figuras – envoltas em névoa pictórica densa –, parecem afogar-se na claustrofobia de um isolamento físico e afetivo, sem mostrarem por isso pesar evidente.

---

CRÉDITO OBRA COLETIVA PÁGINA 115

### Mosaicos: mapas de nós

Cice Corrêa

[Maria Cecília Martins Ribeiro Corrêa]

São Paulo – SP, 1959

Adauto Moura Grottí

[Adauto Moura Grottí]

São Paulo – SP, 1966

Emilia Aparecida Deruza

Cambará – PR, 1946

Geraldo Augusto de Campos Filho

Santos Dumond – MG, 1945

João Ferreira da Silva

Macaparaná – PE, 1937

José Batista de Sousa

Rio Pardo de Minas – MG, 1954

Julio Alves de Arruda Neves

Borborema – SP, 1941

Margarida Ferreira

Rio Vermelho – MG, 1952

Maju de Oliveira

[Maria José de Oliveira]

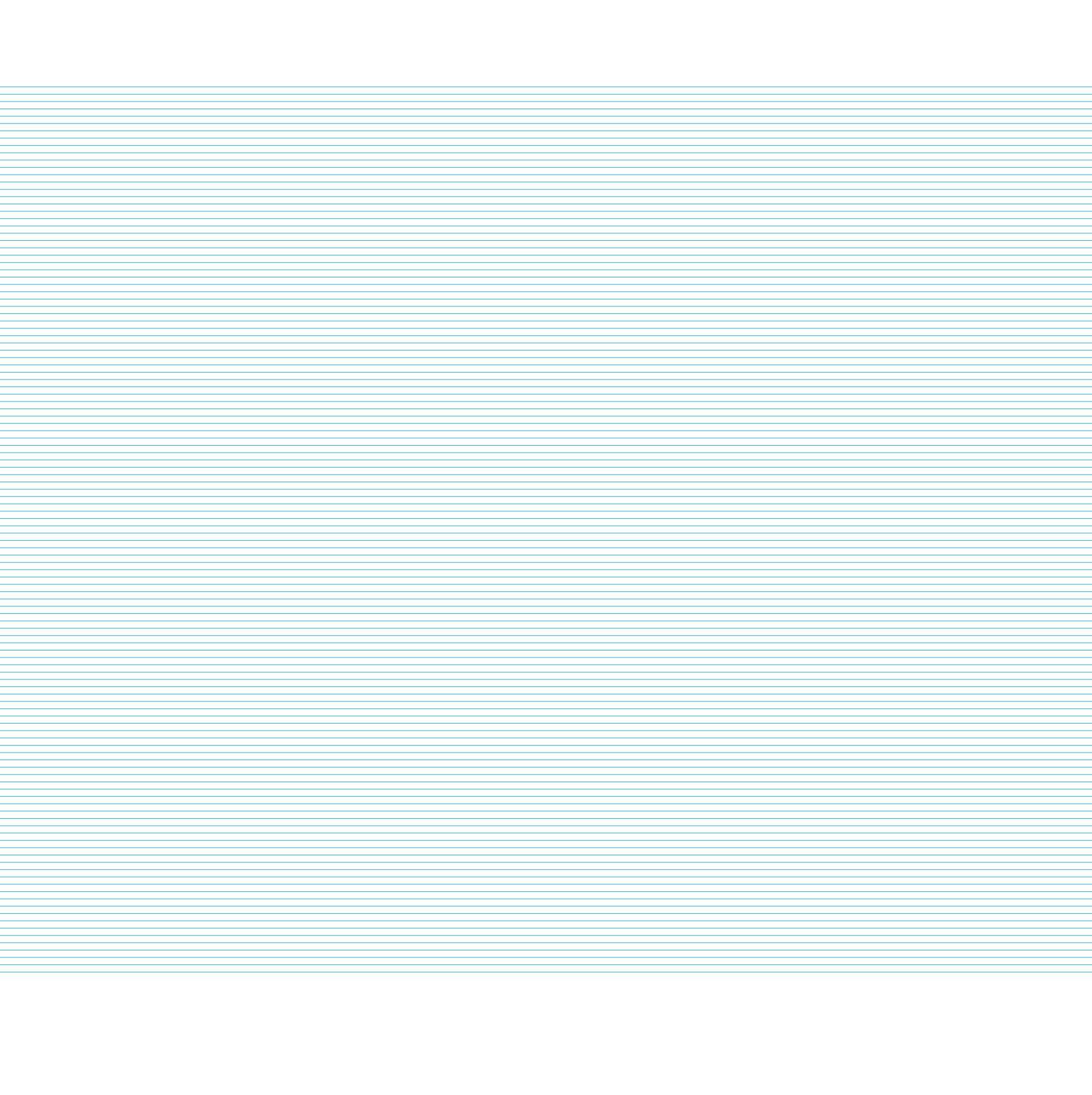
São Paulo – SP, 1946

Marilena Sarmento Mota Sant'elena

Passa Quatro – MG, 1945

Venina Rodrigues

Apiaí – SP, 1940





as histórias

As mostras de arte popular realizadas pelo SESC Piracicaba há 18 anos motivaram o reconhecimento para a manifestação artística e se tornaram o que hoje é a Bienal Naïfs do Brasil. Desde então, esse material, que perdura no tempo, trazendo todos os artistas selecionados e premiados ao longo das 10 edições, tem possibilitado a afirmação da arte Naïf, graças à amplitude do projeto e à adesão dos artistas.

Neste ano, os relatos dos artistas em suas experiências e seus processos de criação foram incorporados nesta produção. Assim, os 80 artistas selecionados foram convidados a contar nas cartas suas histórias sobre sua trajetória de vida, neste universo poético da arte Naïf. Contam sobre as possibilidades sensíveis que o cercam e que oferecem, em meio às tradições e vivências, a continuidade de seu trabalho, detalhes que, somados, ampliam o conhecimento sobre a arte e o artista naïf brasileiro.

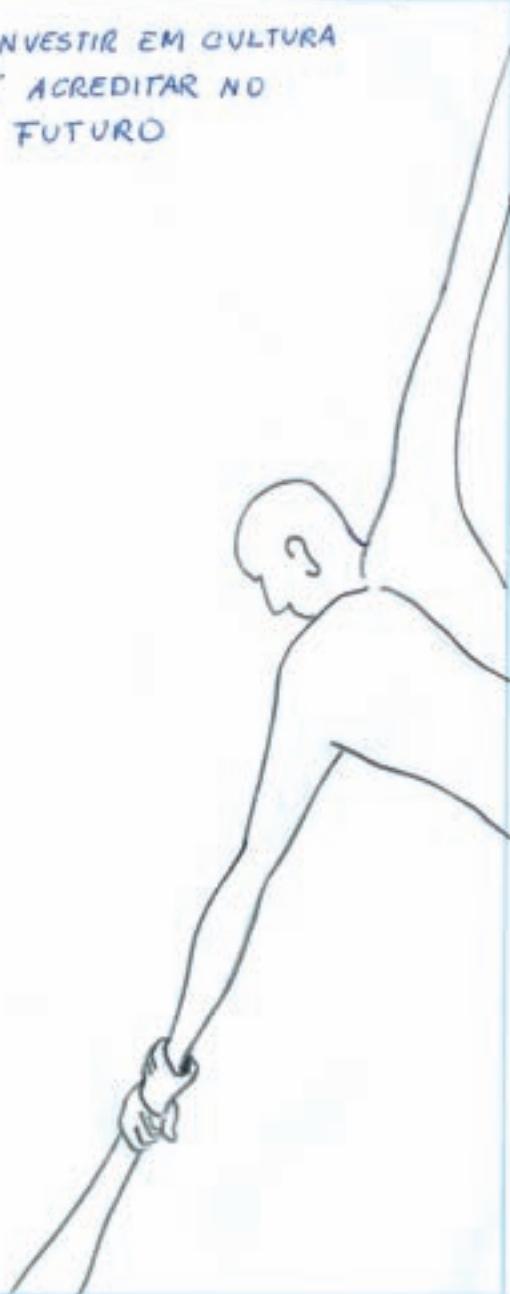
O SESC São Paulo compartilha com o público estes trechos dos relatos reafirmando o significado desta produção que reflete a dedicação à arte. Contribui, assim, para a reflexão mais ampla sobre a Bienal Naïfs do Brasil, com o desejo de que a fruição se torne mais ampla e enriquecida.

SESC São Paulo

## Ademar Cesar dos Santos

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

INVESTIR EM CULTURA  
É ACREDITAR NO  
FUTURO



3. Onde você reside hoje é zona urbana ou rural? É o local onde você nasceu?

Moro na zona urbana e nasci nela, mas bonho  
com o tempo e a lá quero morir.

Adilson Rodrigues

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Rodrigues Lessa - 2010

Alaor Salviano

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

A arte Naif, ingênua ou espontânea nos transmite lembranças de mitos, lamentos de origem, crenças, etc. produzidas por artistas autodidatas.

Assim como o Sesc/Pernambuco, outras instituições deviam apoiar e incentivar criando novos espaços e caminhos para que todos possam continuar registrando suas memórias.

A. A. S.

4. O que você quer contar com seu trabalho?

Gostaria contar um pouco da minha infância, adolescência e juventude, quando residia na minha cidade natal (Parauapebas-MG). Naquela época as crianças criavam os seus brinquedos, usando o que houvesse por perto e se divertiam inventando brincadeiras.

Alencar Claret



Amélia Teixeira

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Passeador de cães

\* COMO SERIA BOM SE TODOS OS HUMANOS TI-  
VESSEM A CONSCIÊNCIA PLENA DE QUE A AR-  
TE FAZ PARTE DA VIDA \*

4. O que você quer contar com seu trabalho?

Meu desejo é expressar minha alegria ou minha indignação em rela-  
ção à realidade (que os homens produzem) e o cotidiano.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Bordar muitas questões tem sido fundamental para reerguer uma prática feminina ancestral: a de bordar numa roda de mu-  
lheres em que cada uma é  
respeitada na sua forma de  
expressão, no mesmo tempo  
em construimos um espaço de  
solidariedade, troca e partilha!  
E a arte náfi nos permite  
criar com total liberdade e  
prazer! É uma benção!

Ei bordo o mundo e a reconstrua dentro de uma  
perspectiva muito pessoal, sem necessárias exigências de  
perfeição ou adequação! É um mundo mágico! Um mundo  
construído num universo feminino! Um universo de criativi-  
dade, cooperação, humor e competição!

Ana Carolina Pais

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Auto Retrato  
AC.PAIS 2010

Antonio Carlos

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

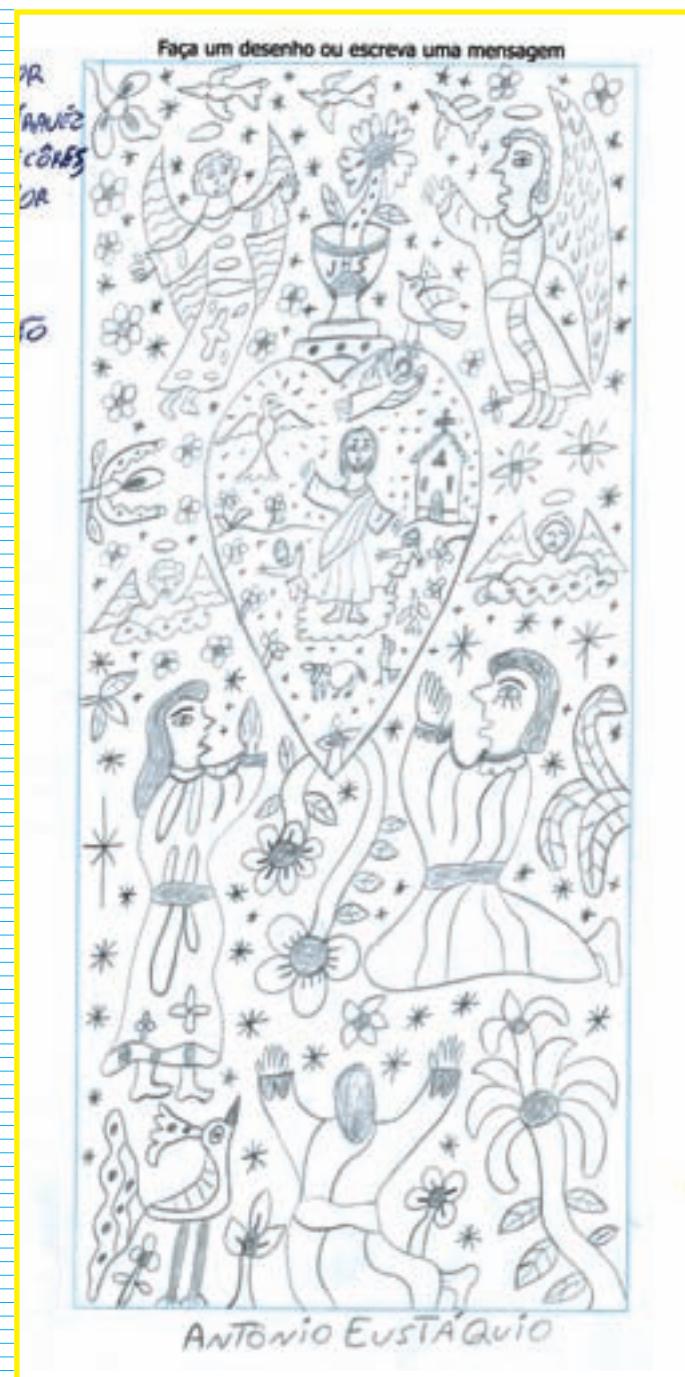
BEM, QUERO EXPRESAR A INENSA HONRA DE TER UMA TELA SELECIONADA PARA A BIENAL NAIFF DE PIRACICABA. FOI UMA ALEGRIA MUITO GRANDE AO RECEBER A CARTA DA BIENAL, COM CERTEZA ESTAPEI NA ABERTURA DA BIENAL, PARA APRECIAR TODAS AS OBRAS EXPOSTAS. CREIAM QUE ME ENGRANDECE MUITO ESTAR ENTRE MUITOS DOS ARTISTAS SELECCIONADOS PELA BIENAL. SERÁ FANTÁSTICO VISUALIZAR OS TRABALHOS EXPOSTOS.  
PARABÉNS, BIENAL NAIFF DE PIRACICABA.

Em tempo: Confirmo minha presença dia 19 de agosto, na abertura.

2. Trabalhar com arte é sua atividade principal? Se não for, qual é sua atividade principal (profissão)?

MINHA ATIVIDADE DE PRINCIPAL: SOU OFICIAL DO EXÉRCITO APOSENTADO. PINTO POR QUE ADORO MANIFESTAR MEU ESPÍRITO E PINTAR O BRASIL E A NATUREZA.

**Antonio Eustáquio**



**Antonio Fernando**



Antonio Fernando

Antonio Scarelli

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

QUE OS ORGÃOS GOVERNAMENTAIS EMPLANTE COM MAIS RIGOR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL MAIS ATIVA SÓ ASSIM PODÉMOS PRESERVAR O MEIO-AMBIENTE. O HABITAR DE MUITAS ESPECIES COMO ÁRIAS VERDES NA CIDADE PARA ESPECIES QUE VIVE NO PERÍODO URBAÑO E QUE AS FÁBRICAS PAREM DE QUIMAR ÁRVORES NATIVAS E PASSE A USAR FIBRAS DESERTAUEZ COMO CASCA DE CÓCÓ CASCA DE CASTANHA E OUTROS. E QUE HAJA UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE EM RIACHOS, RIOS, LAGOS E REGEREIS MELHOR A NATUREZA. (ANTUNGS)

4. O que você quer contar com seu trabalho?

TENTO USANDO O PINCEL COMO FERRAMENTA LEVAR UMA MENSAGEM ECOLÓGICA. FICO FELIZ QUANDO COLOCO FOTO DO TRABALHO MEU NUM CATALOGO OU NUM JORNAL PORQUE INDIRETAMENTE ESTOU DIVULGANDO ALGUMA ESPECIE EU TENTO TRACER PARA GALERIA DE ARTE E MUSEU UM POUCO DA ECOLÓGIA QUE EU PASSEI A CONHECER ATRAVÉZ DO CONVÍVIO NO INTERIOR. DEPOIS ATRAVÉS DE PESQUISA E DOCUMENTARIO TIUE OPORTUNIDADE DE CONHECER ESPECIES DO MUNDO INTEIRO. TENHO UMA REOCCUPAÇÃO COM A DEGRADACAO DO MEIO AMBIENTE ALGUMAS ESPECIES NÃO SÃO ENCONTRADAS EM PARTE DO NORDESTE BRASILEIRO: GRAONHA, CANARÉ DA TERRA, PAPAGAIO ETC.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

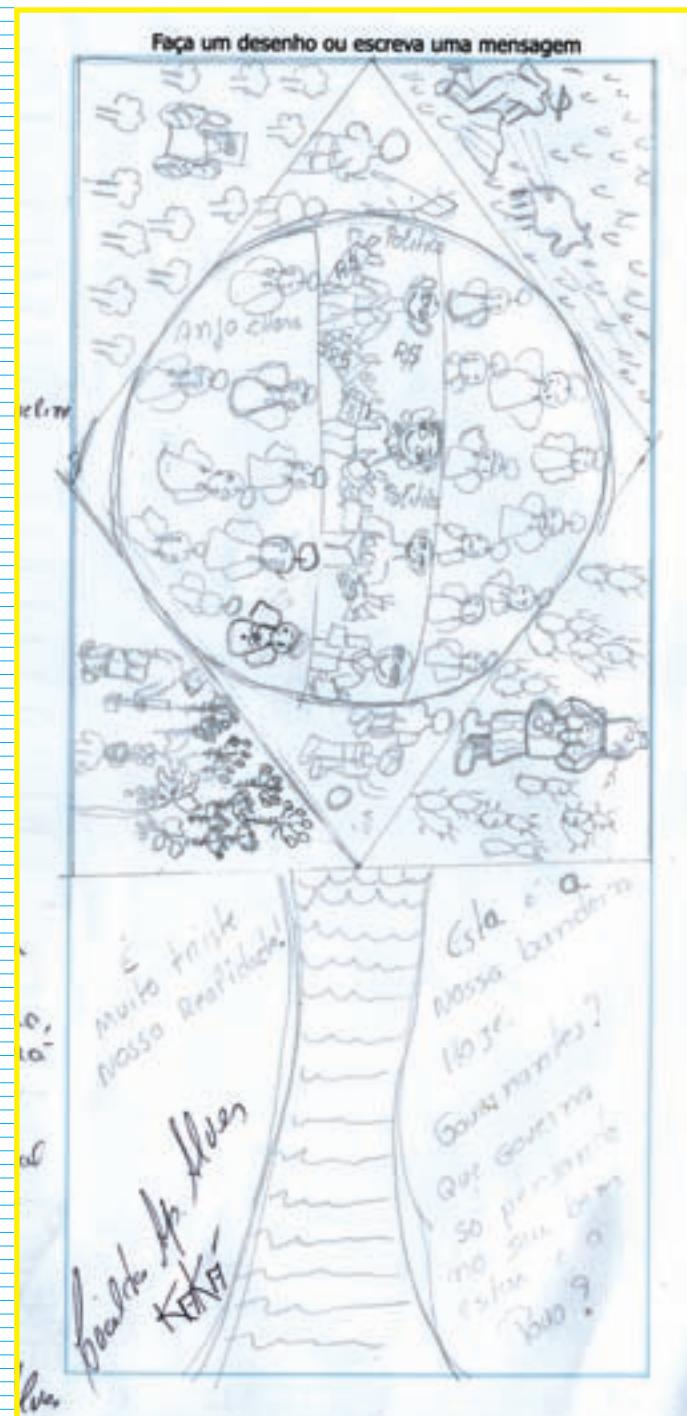
Mensagem

Com esta mensagem agradço a Deus por me dar inspiração que estava escondida na minha vida. minha cabeça nem pensava neste coisa. Um dia apareceu a Realidade. fiz força de vontade. Dedicando ho quanto mais. Mesmo com pouco tempo de pintar porque eu só pinto noite e no Domingo. porque na semana eu carioca condenado todo.

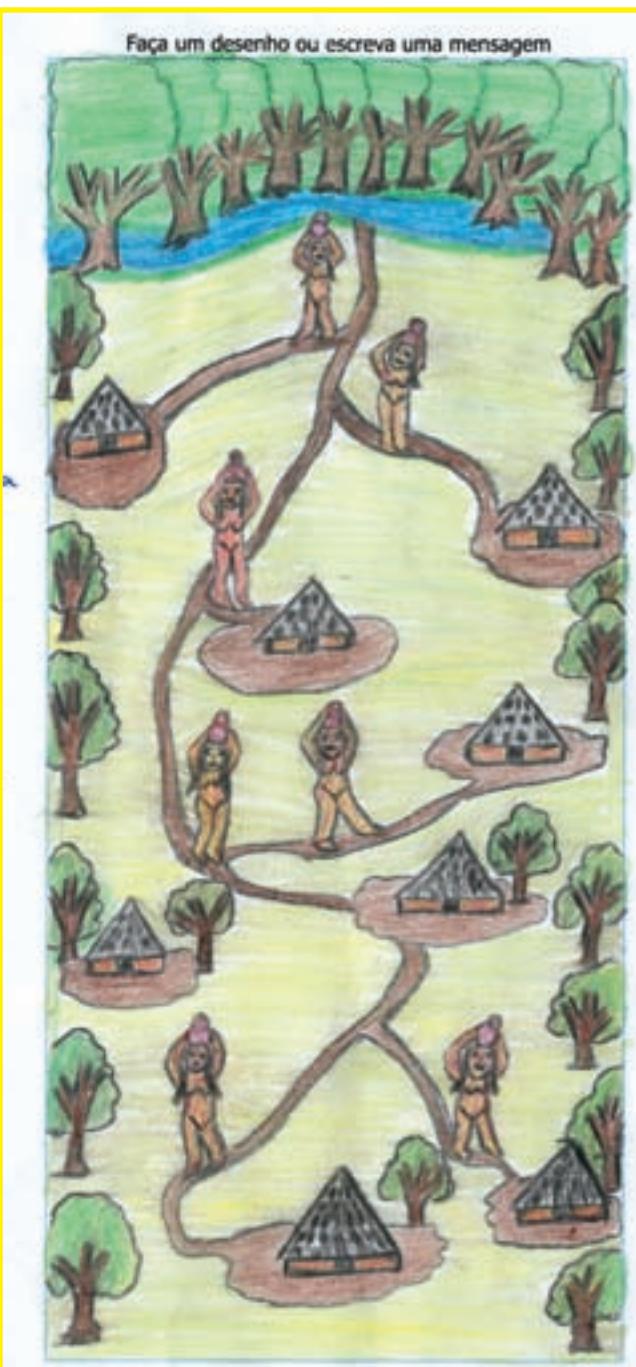
Emissio esta mensagem também a todas aquelas que com seu caleidoscopio tem enxentivado os meus Trabalho e a minha arte Meus sinceros agradecimentos

Gonçalo Scarelli  
Obra original  
2010

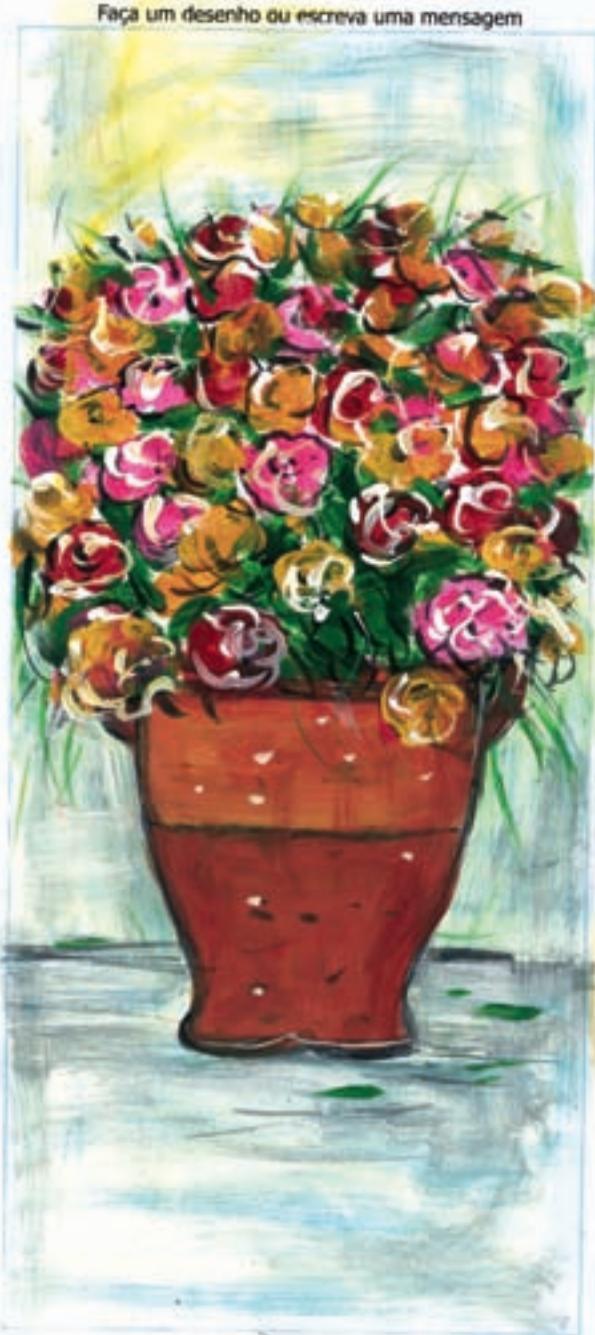
Cacilda Aparecida



Carmeza Emiliano



Cassia Virginia



Claudimar Pereira



4. O que você quer contar com seu trabalho?

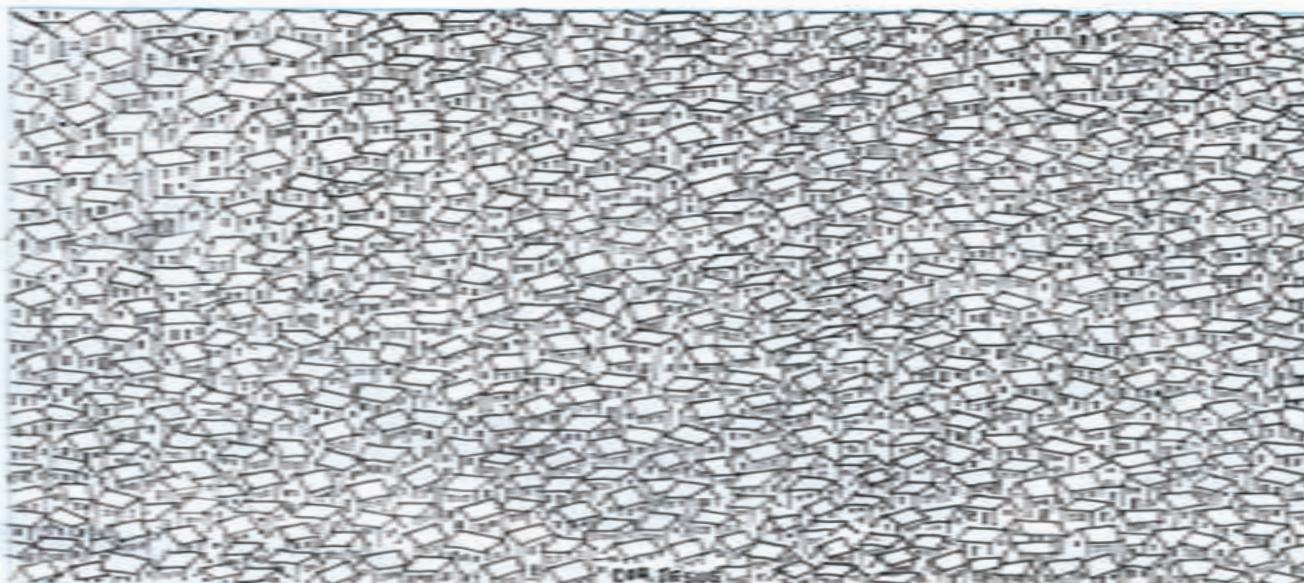
Desejo mostrar o Brasil que é o meu país com seus personagens típicos a natureza suas paisagens e cores tropicais.

## Carmela Pereira

4. O que você quer contar com seu trabalho?

O meu trabalho é dirigido para as crianças e adultos também. Eu acredito e acho que não tem quem não goste de um bom caso numa conversa ao pé da noite tomando um café quentinho com bolinho de chuva, era o que Vovó fazia meu Pai ou então meu tio nene, meus amigos, levando aquele sertão quando falavam do Boi Tete - da mula sem cabeça do bodesom, saci perere. Parece que os ouço ainda. Eu escrevi o livro o Folclore de Piracicaba. E tentei passar as coisas boas da minha infância. Todos se foram. Dos 6 pra sete anos já não os tinha mais as lembranças que tive deles e tão boa que não os esqueço. Li quinze saudeiros. Mas vamos viver e tentar ser úteis para os que estão vivendo, sejam crianças, adolescentes ou idosos. todos no geral gostam de uma boa história - lenda ou caso, e meu muito obrigado de

Carmela Pereira  
Piracicaba - 11 de Junho de 2.010



Cor Jesus

Daniel Firmino

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



"QUEM NÃO DEFENDE A LIBERDADE (Daniel Firmino - 2010)  
MORRE NA MEDO/CRIALDEZ!"  
(SÉRIE FUTEBOL NOSSO)

Ad Uverba

Que entre vós famos de alguma a  
etica do Bem queira.

✓

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Viu a oportunidade de elaborar o modo expressivo  
as crianças operações e sentimentos artísticos, elementos  
mentos das técnicas não tão operantes podem expressar  
e concentrar na execução.

Dulcineia Aparecida

David Augusto

Denise Costa

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Agradeço a vocês  
do SESC que pro-  
porcionaram que  
as minhas pinturas  
foram selecionadas,  
assim mais pessoas  
poderão rir com os  
meus quadros.



David  
Augusto  
2.010

AFURIADA MULA PRETA  
QUEM COM DENTE FERE  
COM DENTE SERÁ FERIDO.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

"TAMANDUÁ EM CONFLITO"

O SINAL VERMELHO,  
A SORTE ESTÁ LANÇADA,  
AS VIDAS TÃO CRUZADAS,  
SÃO PALAVRAS ROUBADAS,  
SÃO ESPÉLHOS DO TEMPO.  
O ANIMAL AFLITO QUE CORRE VELOZ,  
É A PRESA DO HOMEM  
QUE MATA FEROZ.  
MAS JÁ SOMOS A PRESA,  
ANIMAIS TÃO URBANOS,  
VÍTIMAS DO COTIDIANO,  
DA VIOLENCIA HUMANA.  
ANDO, CORRO E PERCO A HORA,  
SINAL VERMELHO...  
VOCE NÃO É IGUAL A NINGUÉM,  
TALVEZ SEJA MAIS UM NA MULTIDÃO.  
DESMONTO E MONTO A VIDA  
ENTRE OS BLOCOS DE CONCRETO,  
A MINHA VÍSAO TÃO EMBACADA,  
JÁ ESQUECI QUE NÃO SOU NADA,  
ESTOU TÃO PERDIDO NO TEMPO.  
NO TEMPO DE SE GANHAR,  
NO TEMPO DE SE PERDER,  
NO TEMPO DE SE ESQUECER,  
NO TEMPO DE RETROCEDER.  
DESTA VONTADE ÍNSANA,  
A AMBição É A VÍSAO,  
DE ATACAR PRA DOMINAR,  
CORRER PARA SOBREVIVER.  
NESTA DURA VERDADE...  
TEMOS QUE LUTAR PRA VIVER.

Denise Costa.

Diógenes

Eliana Martins

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

gostaria de agradecer a todos os organizadores e que a Bienal prosiga, pois é uma forma de artistas mostrarem suas artes, assim como os editais.

ARTE É Toda Diferença Singular  
ora forma de ouvir e falar,  
de ver e fazer, de  
sentir e agir, de ler e escrever.  
É transformar o conceito, é  
entrar com o universo.

(meu conceito sobre arte)



meus trabalhos são diferentes.  
uso muitos elementos em alguns  
telas, como ex: eu fiz Bush ex-  
presidente americano e coloquei em  
Sapato (no resto (tornando aquela  
gata da Sapatada)). O homem tem  
Sonho é uma escultura de um  
mendigo dormindo debaixo de  
um guarda-chuva que é a casa  
dele, que perdeu a esperança de  
melhores dias na vida.

Não faço só arte NAIF. Faço  
Pos-modernismo, conceitual,  
poesias, são 24 horas de criação.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Mulher,

Ela, sem mais hesitações,  
vou-lhe as contas.  
ela queria susseuar docemente,  
omo-te...  
Lembra, corre contra o vento,  
Selado,  
que sonhava seus livros,  
lentamente seu corpo (dor).  
gastou calçados  
De tanto andar.

Demente,  
Rasgou sua roupa em pedaços.  
longos trapos.  
Vestiu... rodou.  
jogou-se num canto,  
dueta, inreveil.  
longas de unhas protegiam seu corpo,  
longos elos de nervos  
cobriram seus olhos.

Anos se foram  
Carregados pelo tempo.  
Vento forte um dia,  
levou as unhas  
e aqueceu seu coração.  
Broxas roxas,  
desarranjam seu nome.

levantou-se  
arrancou os trapos.  
calçou seus pés  
que vagavam pelas calçadas.  
juntou-se ao vento.

Logo viriu as tristes pessoas.  
vestidas de trapos,  
carregando faróis.  
Andavam... andavam.  
subiam e desciam escadas  
que relavam seu rosto...  
Entendeu,  
consciente entrou na multidão.  
Dentro dela um mundo de louca,  
zenamente a paz..

15/09/2009

2. Trabalhar com arte é sua atividade principal? Se não for, qual é sua atividade principal (profissão)?

CANTO A VIDA, PAGO MINHAS DESPESAS COM O COMÉRCIO.  
AQUI ONDE MORO (RESIDO) A ARTE NÃO É MEIO DE  
SOBREVIVÊNCIA, MINHA ARTE É ENGAJADA, FAÇO POR  
PRazer. AQUI NÃO TEM GALERIA DE ARTE, NÃO TEM  
CENTRO CULTURAL, MINHA CASA É PONTO DE  
REFERÊNCIA ARTÍSTICA.

Elisabeth Maria

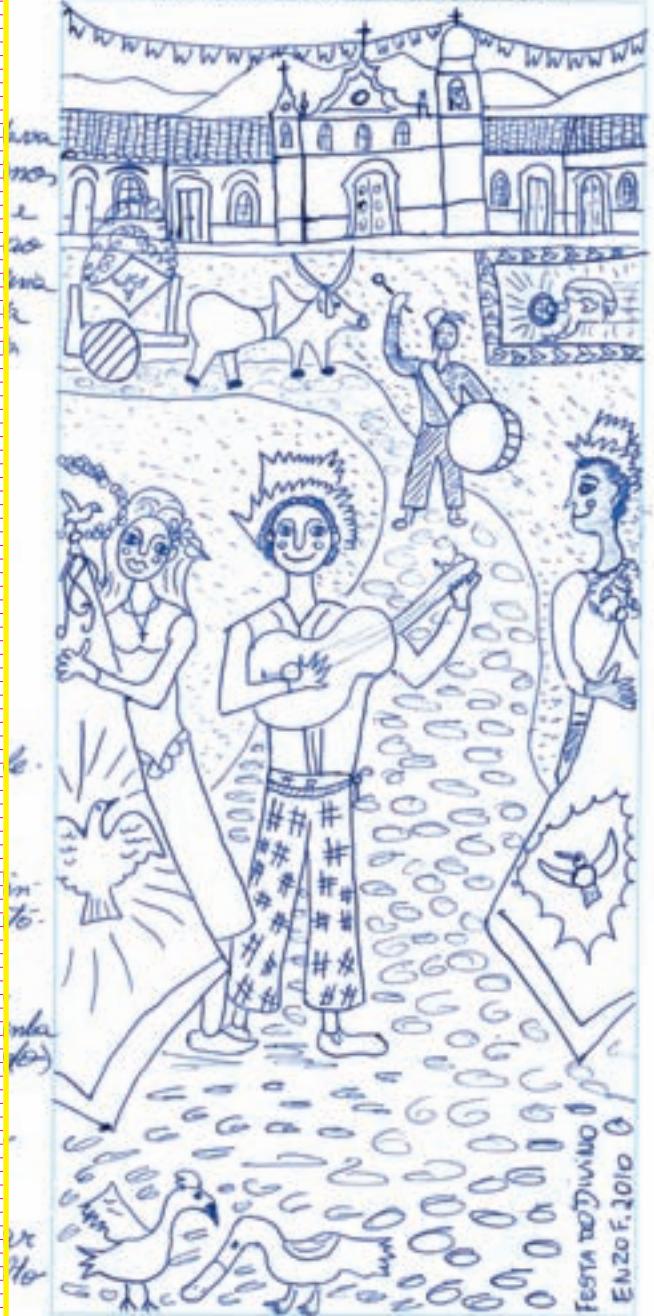
Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Minha mensagem a todos as pessoas sempre será no sentido de aconselhamento na busca de seu dom artístico e em desenvolvê-lo: é gratificante, faz bem para corpo e alma, aproxima os afins, e ARTE não é propriedade exclusiva de quem sabe muito. É um sol que nasce para todos!



Enzo Ferrara

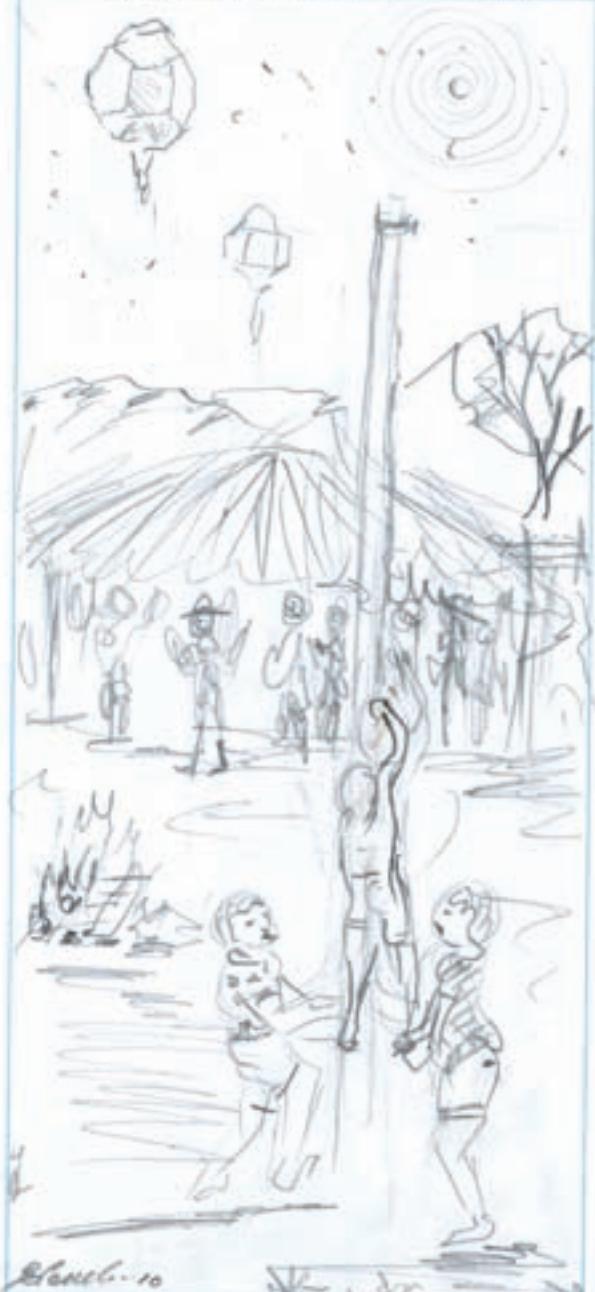
Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Euclides de Almeida

Francisco das Chagas

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Euclides

10 Anos

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

minha mensagem é um agradecimento pelo incentivo da Bienal NaiF do Brasil e pelo seu consolidação, seu direto e que fez um futuro promissor para sua importância. E expor minha felicidade pelo segundo participação e que fez me dizer sans fôrte. O Brasil é molt, o mundo queria ser aqui.

Francisco das Chagas  
10 Anos  
Braga, 18/10/2016

4. O que você quer contar com seu trabalho?

Quero dizer que a arte deve servir de uma necessidade primária de expressão de nossos sentimentos para que o mundo que nos vê em sua forma predominante ame-nhe-nos.

O que preciso contar sinceramente no meu trabalho é uma voz que tem em um sentimento primário, se uma pessoa que tem expressar em telas estéticas que seja, cultura, realismo ou simplesmente belas.

Francisco Luiz

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Muito  
gostei, muito divertido e  
muito criativo.

Muito vida e inspiração

Olá sempre  
13/06/2010

Geraldina Galleas

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

ai para  
os já  
famosos,  
amis, mu-  
artes

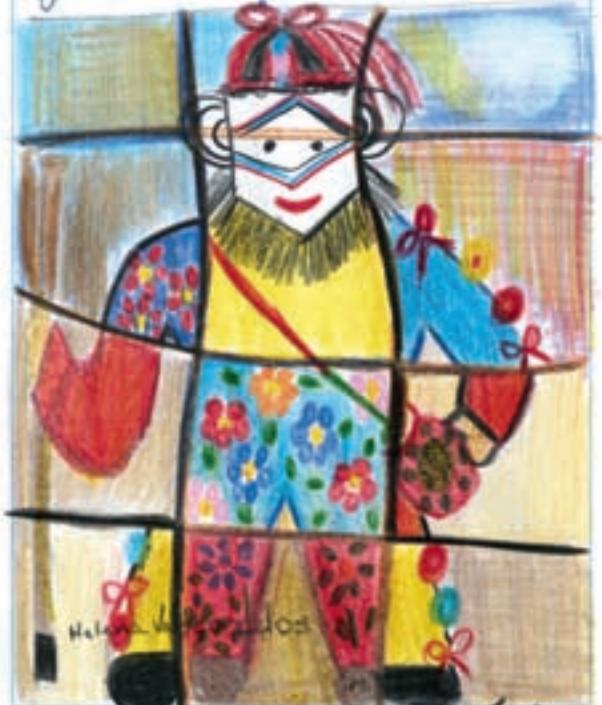
Mui sinto agraciada por ter entra-  
do na Bienal Taipa do Brasil 2010.  
Muito obrigada e que Deus aben-  
çoe vocês.



Helena Maria

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Participar de uma Bienal Naiô no Sesc. Piracicaba é o sonho de todo artista Naiô e conseguir selecionar os trabalhos neste evento da maior importância nacional para a arte Naiô torna-se motivo de alegria, seguindo e responsabilidade em dar continuidade na pesquisa da cultura popular brasileira, levando conhecimento e alegria a quem vê.



O Palhaço da Folia

Helena Maria Costa

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



R.J. 14 de junho 2010

Tenho a facilidade, naturalmente de pintar expressando com a minha imaginação, as muitas cores me sentindo depois do quadro terminado, realizado e com a alma lavada.

Iwao Nakajima



Joana Barauna

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

## ARTE

A Arte é o ambiente que abra  
voz de todos os tipos  
paixão de viver...  
Arte  
construção arquitetônica  
do tempo e do espaço  
Arte  
granizo universal...  
Arte  
Natureza sagrada da história de  
de Criador...  
Arte  
Vida...  
morte...  
Arte  
Primavera, verão, outono, inverno  
Arte  
voz da realidade...  
voz dos sonhos  
Arte  
elemento fundamental  
do espírito  
Arte... Sangue vivo  
Sensibilidade inigualável  
**ARTE**

joana Barauna  
SP 20/06/2010

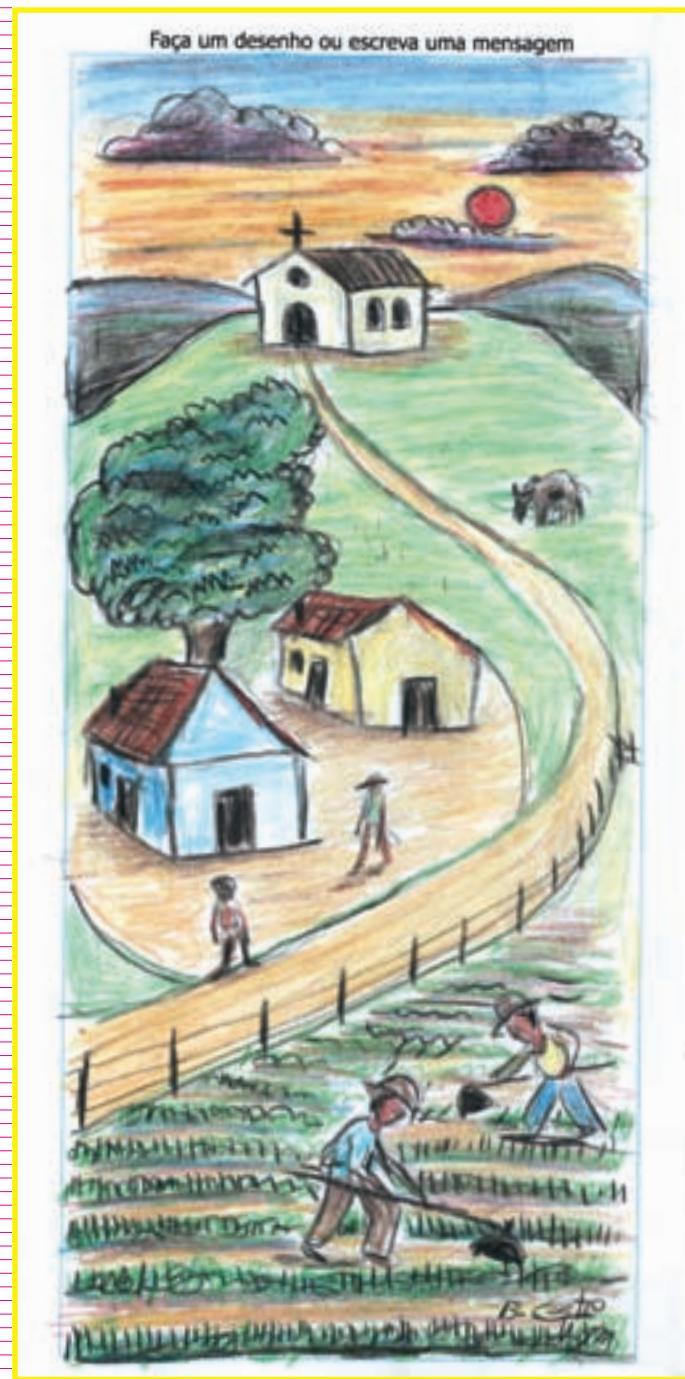
2. Trabalhar com arte é sua atividade principal? Se não for, qual é sua atividade principal (profissão)?

R: *Atualmente sim, porque acabo de me aposentar  
além de me dedicar às artes plásticas escovo  
póssas, me dedico ao atletismo (corredora) e sou  
Técnico em Pela Federação Paulista de Atletismo (carri-  
da de pula de mola), sou ex-técnico da Federação pa-  
lista de Atletismo também fotografado já exposto al-  
guns trabalhos.*

Jorge Luiz Gomes



José Carlos Lopes



João Generoso



Faça um desenho ou descreva uma mensagem

Faça um desenho ou descreva uma mensagem



José Luiz Soares

José Mauricio

José Murilo

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

"APRENDER É A ÚNICA COISA ~~OPERA~~ DE QUE  
A MENTE NUNCA SE CANGA, NUNCA  
TEM MEDO E NUNCA SE ARREPENDE"

FRASE DITA PELO FAMOSO PINTOR, E DESCOBRIDOR  
DE VARIAS TECNÍCAS DE DESENHO.  
LEONARDO DA VINCI.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

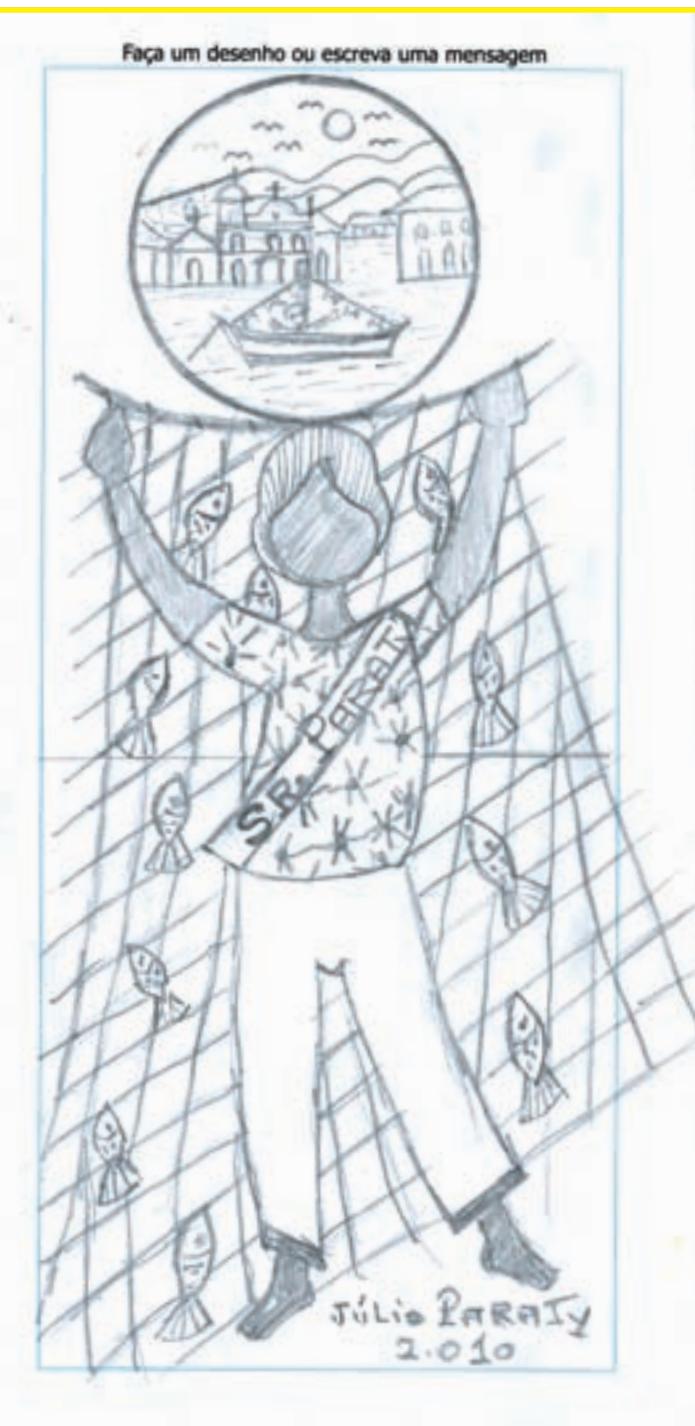
O arte é a beleza da  
vida, no seu maior alto  
grão de realizações.



José Raimundo



Júlio Paraty



2. Trabalhar com arte é sua atividade principal? Se não for, qual é sua atividade principal (profissão)?

CONTINUO COMO JARDINEIRO E A  
NOITE FAÇO MINHAS PINTURAS

Karleen Jane

Lucila Marques

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Todo artista; seja escritor, pintor, cantor, ator, etc. deve conscientizar-se de que tem uma influência direta nas pessoas que apreciam sua arte. Por isso, é muito importante que esta seja de um nível elevado.

Precisamos tocar a sensibilidade das pessoas através de nossa arte; trazendo-lhes sentimentos alegres e positivos.

3. Onde você reside hoje é zona urbana ou rural? É o local onde você nasceu?

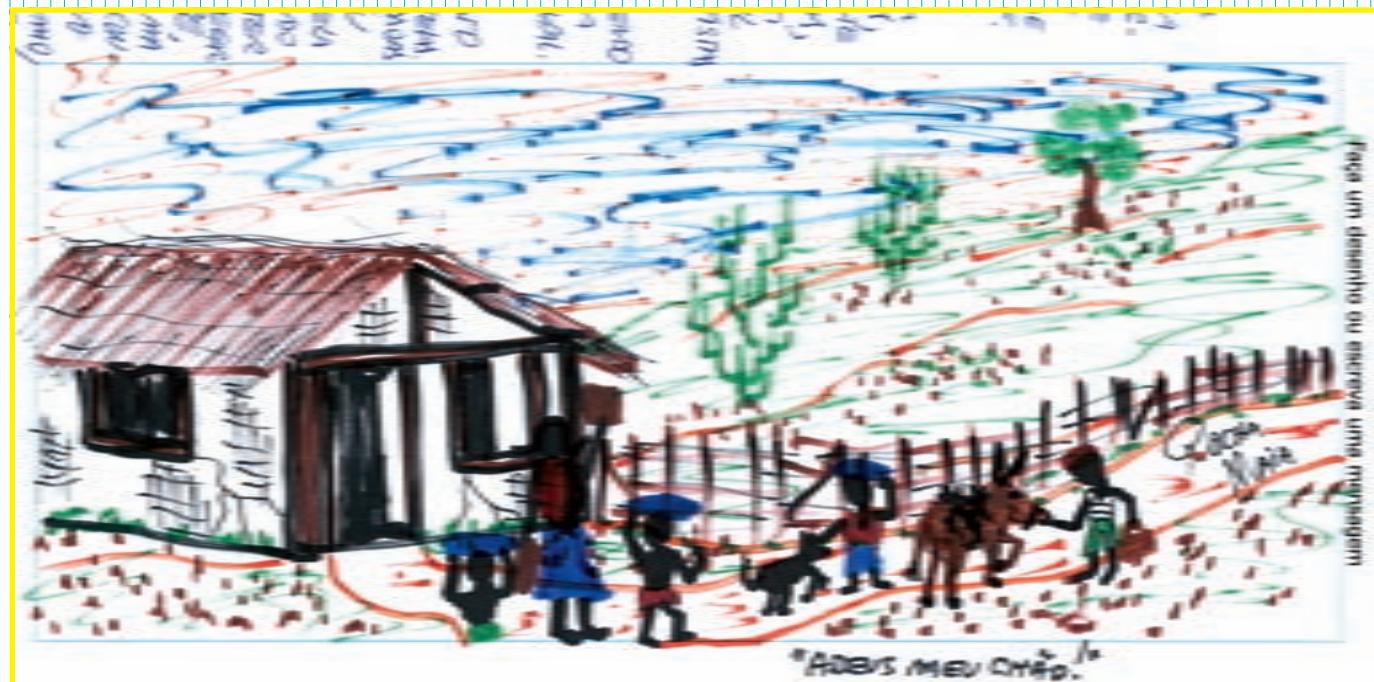
É zona urbana mas é uma cidade pequena no interior  
não nasci aqui

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



aquele menino nunca fala que matou  
passarinho...

**Luiz Roberto**



"Adoro meu Chão."

Faz um desenho ou  
escreva uma mensagem



**Luiz Teodoro**

Uso a arte para mostrar que a deficiência não impede de ~~de~~  
Me expressar meus sentimentos, pois cada obra que faço é com muito amor, para quem vai admirar minha arte. Minha arte conta a paz que ela transmite. A paz de Jesus Cristo.

Ass: Marcelo

Schimaneski

1. Porque você começou a se interessar por arte?

Vip...  
Cé no passo tempos depois de um acidente de automóvel fui sei e ter interesse por ne ajudou a recuperar os movimento dos braços, a arte foi a minha fisioterapia física e mental.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



~~desenho~~ Em confronto a exaustão contra o instinto / Treinando sua desigual / Tropézio enjôo, finda o homem, todos somem / Se o primitivo vencido pelo ~~anormal~~ anormal / Há o que se tornou / porque o que é / é porque está e só / pois tudo é do go para o go / No go, tudo se torna igual / Encontro entre o go e o go / Encontro entre o ser, seja com, seja sem Sal.

Encontro entre o go e o go, não minho / Multidão, se conto o que pressinto, extinto preciso o que do bom traveste ao ~~meu~~ mal

encontro entre o go e o go / Entre o ser, o haver e o estar / A diferença há / País está o que é

O que quero contar é que fui com isso enlouquecido, o crime, o vício, as drogas, a mentira e outras coisas dessa ~~naturaleza~~ natureza, é que migrei do cano do asfalto para o topo do arranha-céu.

Marcos de Oliveira

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



2010-SP

Marcos de Oliveira

Maria D'arc

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

numa tarde de segunda feira  
nasceu uma rosa entre espinhos,  
muitos espinhos. ela sobreviveu  
entre a falta de agua e de  
cuidados de coelhinho, apenas o  
refúgio para sobreecer.  
muita luta de Repente a Rosa  
desabrocha. Linda. e mesmo na  
terra cheia de espinhos ela  
da a semente que brota dois  
lindos botões, esses botões são muito  
amados. por essa Rosa ela tenta  
de toda maneira protegê-los  
contra tantos espinhos, e de  
Repente esses botões encotram 2  
Rosas. e então a Rosa fica feliz  
e continua entre os espinhos.  
mas porem aliviada os botões  
estão em campo limpo entre  
cravos e Rosas. felizes a rosa  
até vencer os espinhos,  
futa por vencer os espinhos  
futa por dias melhores.  
com certeza a rosa ainda  
tem de vencer os espinhos  
porque essa rosa é forte  
a guerra só termina  
quando a Rosa morre.  
mas a vitória está em  
cada dia desta rosa  
*Maria Darc da Siba*

1. Porque você começou a se interessar por arte?

desde minha infância sempre aprecieiada  
por artes. principalmente o primitivo que  
eu canta,  
com o passar dos anos essa paixão  
a florou. e hoje vivo no fantástico mundo  
matis

Maria Cecilia



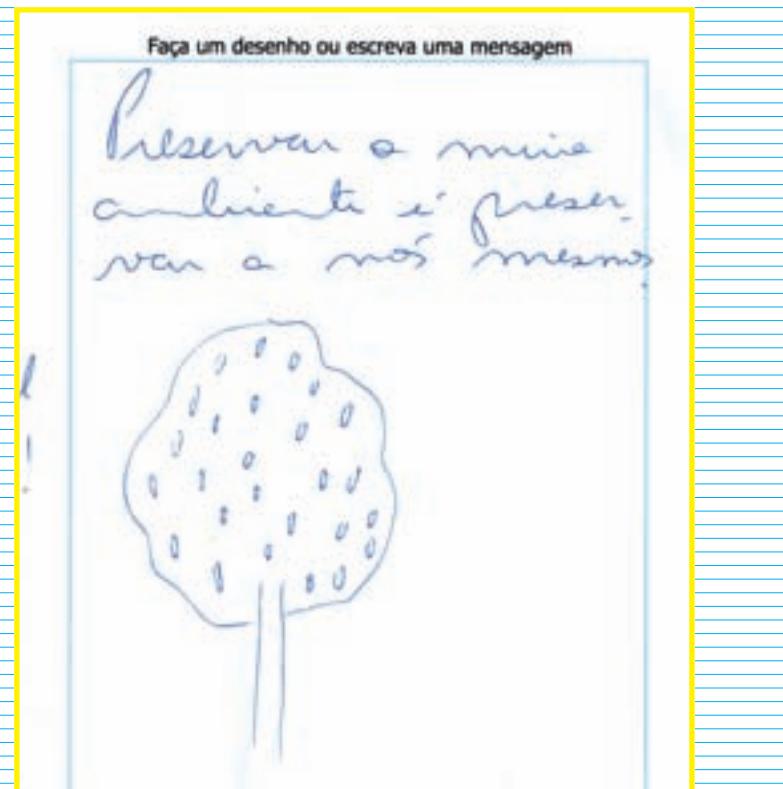
Faça um desenho ou escreva uma menagem



Maria Celia Pereira

Maria de Almeida

Maria José de Carvalho



3. Onde você reside hoje é zona urbana ou rural? É o local onde você nasceu?

Urbana. Fui, moro na mesma casa, meus pais compraram quando casaram. Moro sózinha com meus cães.



Marilene Gomes

Miguel Sampaio



4. O que você quer contar com seu trabalho?

Mostrei como era saudável e boa a vida do homem do campo antes do exodo rural (décadas de 60 e 70), aos contrários de hoje, quando vivem em favelas ou moradias sem dignidade e sem emprego.

Milton Cardoso da Costa

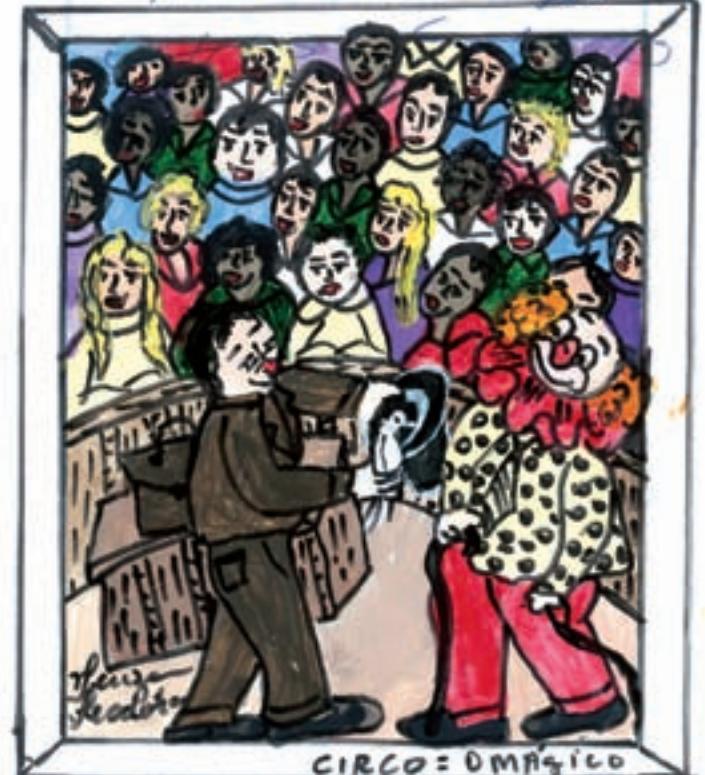
Neuza Leonora

Pintar me faz bem, é assim que expresso pensamentos, idéias, poesias. Pintar me traz problemas a resolver, pois acho interessante o que a pintura geralmente causa ao observador. Então tento o tempo todo provocar. Preciso chacoalhar, fazer pensar ou no mínimo distrair. Ser fiel a uma estética ou simplesmente traír. Prender um olhar, um pensamento, ou até libertá-los para um voo. Gosto de chocar, pintar a vida, fazer rir, emocionar, ironizar, implicar, incitar, excitar. É pintando que concerto o mundo, a meu modo, já que aqui sou "o criador". Pintar é querer contar uma história com apenas uma imagem, e isto gera imaginação de quem pinta e depois do observador. E é por isso que pinto, porque gosto.

Milton Costa,  
16/06/2010

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Querer é poder.  
Se souber faça...  
se não souber... tente.  
Pois é tentando que vc  
consegue chegar aos seu  
objetivo.  
não sabia nada de pintura  
tentei... consegui...  
e hoje sou quem sou,  
a artista plástica Neuza  
Leonora.



Neves Torres

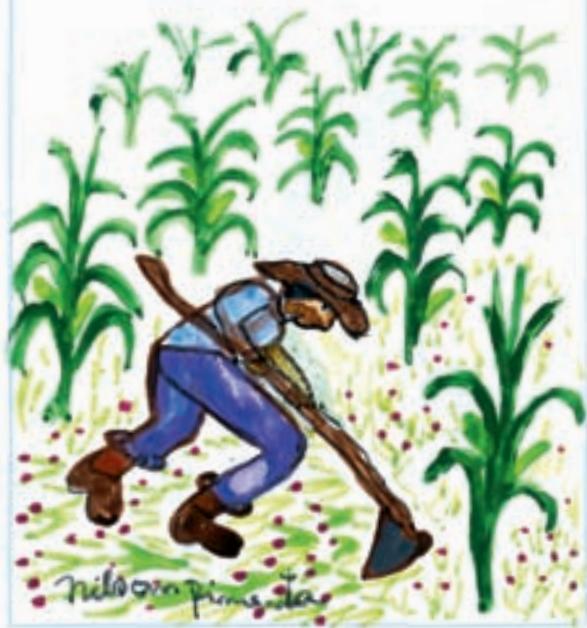
Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Neves Torres

Nilson Pimenta

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



2. Trabalhar com arte é sua atividade principal? Se não for, qual é sua atividade principal (profissão)?

Agora sim. Antes vivia apenas da  
cavalaria. Mas trabalhei toda vida  
com q. Jarrador e por ultimo como tra-  
toista.

Odon Alves

Rosa Domingues

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

A vida em a  
Ante não teria  
a mesma forma.  
ten nado de  
ver de outros olhos  
a vida de outro  
angulo, o essío  
das panelas e  
cantes, para  
a cultura, fica  
em graca e  
Gásio, entao  
ela faz faltar em  
uma sociedade,  
e conta estória de  
um povo, achue  
que a importancia  
aa ate e assim.



Odon Alves

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

Dedico este momento  
de alegria! por ser  
uma das artistas  
espoletora do concurso  
Mais ao quem marido  
fosi aos meus filhos  
me apaixon e meus que  
irmãos e a Deus que  
me deu este dom que  
tão sublime para  
min

Rosa Domingues

2. Trabalhar com arte é sua atividade principal? Se não for, qual é sua atividade principal (profissão)?

Atividade principal trabalhadora rural  
aposentada, trabalho com artesanato como  
bordado era risquinha, bordado a mão de  
varios tipos como poto cruz crochê  
e farso todo o servisso de casa pro  
larbo cozinha costura, e agora, desde  
2006 que estou pintando telas.

Mônica de Aquino



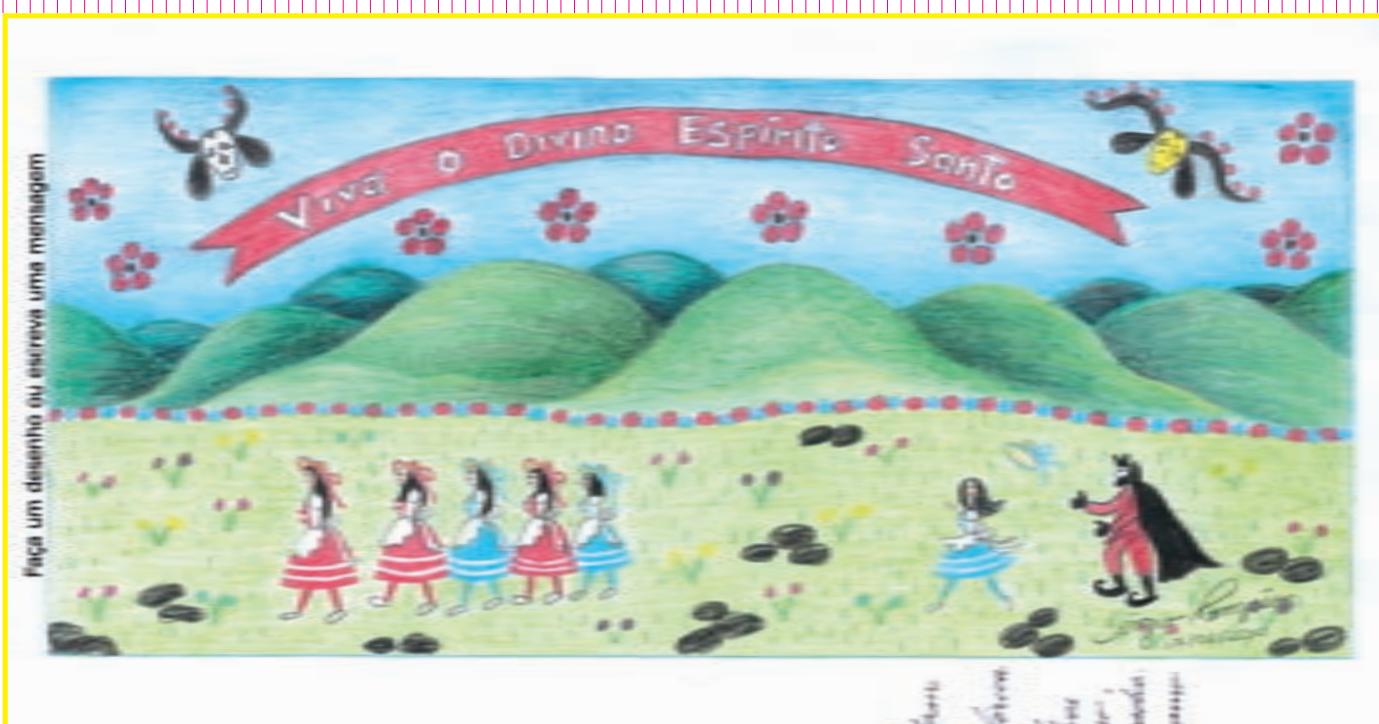
Faça um desenho ou escreva uma mensagem

A Sagrada Família e os girassóis, simbolo da felicidade.



Romulo Cardozo

Sandra Pereira

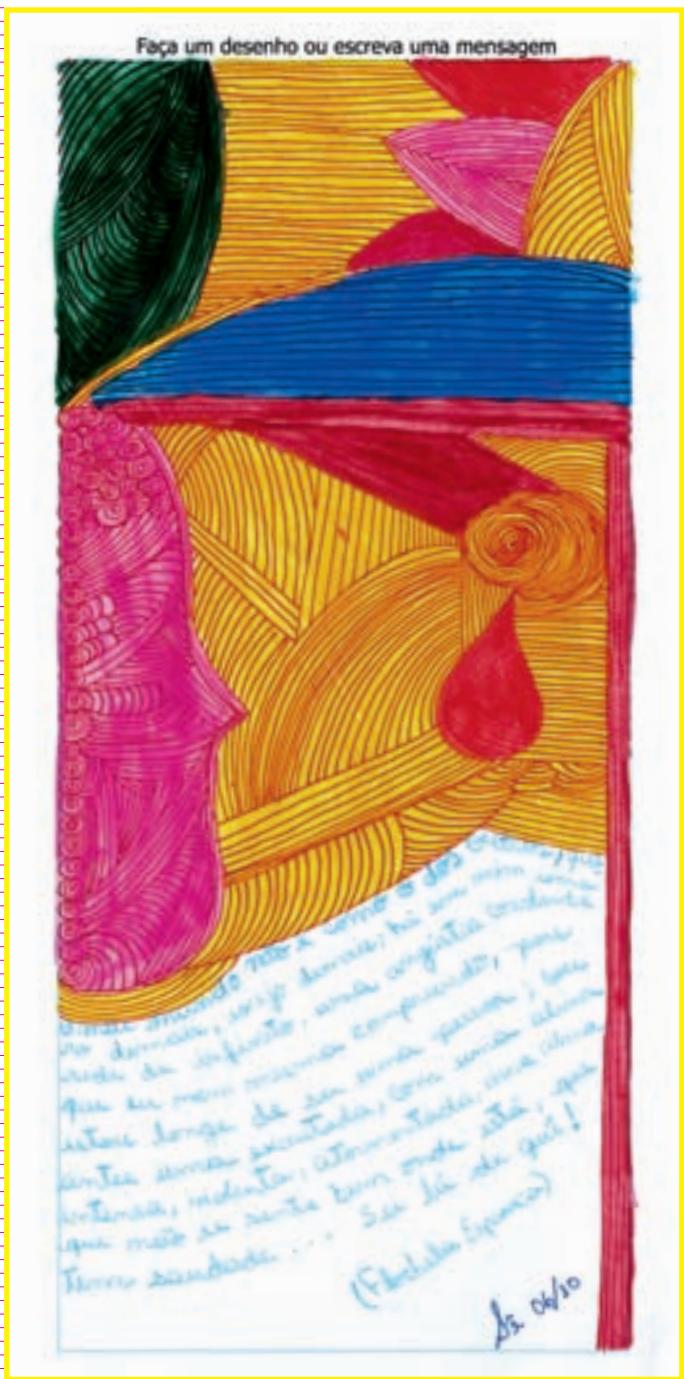


Sergio Pompeo

Silviano José



Serena Pais



Tito Lobo

Valdivino Augusto de Miranda

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

VENCEMOS AQUELES  
QUE ACREDITAM VENCER.  
DEUS PRESENTEIA todos NOS  
COM "ANOS DA GUARDA" PARA  
ILUMINAR NOSSOS SONHOS, EQUILÍBRIOS,  
VIDA E FAZENDO FLUIR O BELO,  
CHAMADO DE ARTE.

Tito Lobo



© Galo de fogo Lobo  
Brasileiro/Português. 120x10

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO,  
EM DESEJO, QUE AZUL, O TEMOR,  
E ALEGRIA, SE FAZ O ÚNICO  
GESTO DE CORDIALIDADE ENTRE  
TODOS, QUE ESTÃO PARTICIPANDO DA  
ABERTURA DESSE ESPLendoroso  
EVENTO CULTURAL, DO NOSSO  
PAÍS.

EZERINHO SEMENTE UM ABRAÇO  
DESSE AMIGO DE VOCÊS.

Valdivino Miranda

1. Porque você começou a se interessar por arte?

Quando tive o primeiro contato com a arte, não senti nenhum interesse. Em desenvolveu-se. só depois de algum tempo, um determinado dia, a minha querida mãe Maria Augusta, teve a iniciativa de comprar, um caderninho de desenho e lápis preto, chegou e me disse, não tão fazendo nada mesmo, tenta fazer alguma coisa, foi aí que desencadeou esse dom, esse talento nato, que Deus me deu.

Wilson Pessoa

Zilda Maria

Faça um desenho ou escreva uma mensagem

O que cria mimetiza o mestre  
ato divino de reprodução.  
O que realiza imita a Deus  
em suas conquistas.  
Se o ato de pintar é além  
da mache, como negar  
que um Ser Supremo é o  
princípio da arte?

1. Porque você começou a se interessar por arte?

Desde que nasci dei mostrei um interesse  
e curiosidade por tudo que tinha relação  
à arte e fui apoiado logo de inicio pelos  
meus pais, pais sabiam que fazer art  
me deixava ser uma pessoa melhor.

Faça um desenho ou escreva uma mensagem



Estes textos foram reproduzidos a partir do questionário original depois de entrevista feita por telefone, pois não houve tempo hábil para o recebimento das fichas enviadas.

## **Clóvis Junior**

“...comecei a ler gibi, entrei no mundo do gibi e comecei a copiar, isso foi um exercício, depois os contos de cordel, a xilogravura, comecei a inventar - tinha uns dez anos - até me tornar um pintor profissional.”

“o bonito é a identificação, quando um brasileiro se vê na minha pintura”.

“...a arte naïf é um diferencial é como o forró, ninguém pode eliminar.”

## **João Pedro Do Juazeiro**

“O meu trabalho todo é baseado na minha própria vida, nasci em Ipaumirim - ce uma pequena cidade interiorana, cheguei em Juazeiro com um ano de idade onde vivi toda minha vida, minha leitura era a literatura de cordel, meus brinquedos eram cavalinhos, boi, vaca, vaqueiro de barro, o roi-roi, o joão teimoso, comprados nas feiras livres que ainda hoje algumas são encontradas como a da rua santa luzia, nessas feiras comia tapioca, quebra queixo, algodão doce, o picolé caseiro etc. a feira era contida de bancas vendendo carnes diversas, outras com fato (a banca da maria fateira), a banca de rolo de fumo, o vendedor de rapé a mulher fazendo tranças de palha enquanto vendia vassouras, chapéus de palha, era realmente um tem de tudo misturado, mais adiante entre uma banca e outra uma senhora vendia café com bolo, tapioca, pé de moleque etc. adiante o vendedor de cordel lia um verso chamando atenção de todos com o caso inédito, um outro a alguns passos vendia orações do padre Cícero Romão para fechamento de corpo, não tinha como escapar dessas cenas fortes do cotidiano, porque havia feiras livres todos os dias (...) em todas as ruas que se passasse se ouvia causos narrados pelos folheteiros que recitava os cordéis em alta voz para se chamar a atenção dos transeuntes, muitos analfabeticos (sic) compravam os cordéis pela xilogravura estampada na capa a ex: a gravura do diabo e lampião



## Lilia Machado

→  
era a chegada de lampião no inferno, o lobisomem, a mula sem cabeça, um casal abraçado se tratava de um romance de luta, sofrimento e amor, minha vida toda foi nesse caldeirão místico de arte e cultura, num imaginário popular, de santos e beatos, cangaceiros, heróis e bandidos, na minha infância acreditava em dragões e cavalheiros, princesas, fadas, botijas encantadas que são tesouros (... ) o meu primeiro cordel “o desejo de um matuto” apartir dai de ano em ano escrevia meu malgrado cordel, passei a vender nas escolas publicas buscando o sustento familiar, quando não estava viajando pelos sertões nordestino com venda de artefatos de alumínio, também vendia pomada padre Cícero na estatua do padre Cícero (...)l hes dizia no local da dor lave com água morna, sal e vinagre para abrir os poros e depois dê uma massagem com esta pomada reze um pai nosso e três ave-maria entregue ao padim Ciço Romão e não tem como não melhorar (...) e esta é a minha história a minha vida é minha arte, sobrevivência familiar.



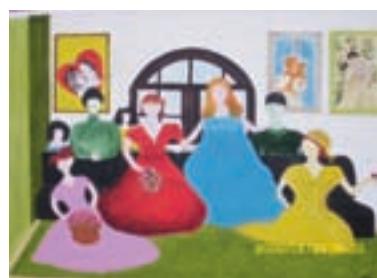
(...) “comecei com a natureza morta, paisagens, abstratos e sempre senti que faltava alguma coisa. Sem perceber, comecei a pintar naïf e revendo meus antigos desenhos, acho que sempre pintei naïf.”  
“Nasci e moro na cidade de São Carlos, na zona urbana.”  
“Quero mostrar a alegria das coisas simples. Gosto de trabalhar com cores.”  
“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice, colhe pois, a sabedoria. Armazena a suavidade para a vida. (Leonardo Da Vinci).”

## Sidney

"Meu tio Cleber era pintor fui me interessando e comecei a desenhar e pintar."  
"(sobre a sua profissão, não se considera artista) Não, sou pintor de paredes."

## Mari

"Meu processo de criação é puramente intuitivo, não me prendo a temáticas, crio a partir das minhas vivências e sentimentos que desencadeiam ações que são registradas em materiais diversos, como forma de prolongar, talvez eternizar emoções, referências e lembranças de vida.  
Faço parte de um grupo de arte chamado Frontispício, onde trabalhamos muito por espaços abertos e permanentes de arte na cidade, com exposições e oficinas e em conjunto com todas as linguagens artísticas."  
"Inundada de sol e de cores, a marca maior da arte naïf está na alegria da vida e do mundo dos seus autores, está nas coisas simples, mas densas e autênticas da cultura brasileiras, isso tudo, sem perder o caráter provocador e instintivo que motiva e assimila as coisas do cotidiano e da vida do nosso povo.  
Para mim, a arte naïf é pura poesia, mas é acima de tudo arte verdadeira.  
Busco no meu trabalho retratar minhas referências de mundo, minha cultura e a cultura brasileira, que acredito ser a mais bela, a mais viva e latente pulsação do povo brasileiro."



Celebração - 2010  
Óleo sobre tela  
50 x 70 cm  
Marineis Dias

## **Valques Rodrigues**

“Tinha apenas 06 (seis) anos de idade em 1988, meu pai Nilson Pimenta é orientador de artes plásticas, comecei a frequentar o ateliê da UFMT, ele nunca me forçou a pintar, deixou um quadro no cavalete que estava pintando, as tintas; pincéis; Não estava perto, fiz um estrago na obra, pensei que iria brigar comigo, apenas me deu um giz de cera e papel chamequinho. Assim foram os primeiros traços, adorei...”



english texts

# Biennial of Naïve Artists of Brazil

Produced by

SESC SP

Place

SESC Piracicaba

## Art without borders: wide-scope social responsibility

Abram Szajman

President of the Regional Board of SESC São Paulo

SESC was created in 1946 by businesspeople in the commerce, service and tourism industries, in order to enlarge and empower their efforts aimed at improving the well-being, health and quality of life of their workers, their workers' families, and the communities in which they live.

Sixty-four years later, the vitality of our institution's actions fulfill its commitment to



Brazil's sociocultural and educational improvement, maintaining a development supported by a business sector

actively dedicated to corporate citizenship, in a clear demonstration of a wide-scope social responsibility that goes beyond the economic concerns of business management.

By constantly offering an exceptionally high-quality programming, strongly allied to the goal of democratic access to its goods and services, SESC SP fulfills its aim of placing the human being on the first level of importance. We hold that this posture is the basis for communitarian union and for the spectrum of democratic values pertaining to social transformation.

In this regard, we act in a way to ensure that all of the funding provided by the companies is directly invested in a wide range of services and benefits. This is the best way that we – businesspeople in the commerce, service and tourism industries – can evidence principles and attitudes that can lead to the consolidation of a more worthy and just, more solidary and active, more free and responsible society.

And for this to take place, in the context of a wide-scope social responsibility, we need to not

only maintain but also to effectively renovate our visionary, entrepreneurial outlook. This is a determinant work to promote creations and to allow for processes of solidarity and participation.

By translating this posture into concrete action, in the form of sociocultural education guided by creative imagination, SESC SP makes this catalog of the Biennial of Naïve Artists of Brazil 2010 available to the public.

We hope that this publication, in light of the set of artworks presented, categorically demonstrates the seriousness with which the people in the business sector consider and fulfill their role as agents for fostering social transformation.

## Naïve artists of Brazil: the colors of the meanings

Danilo Santos de Miranda

Regional Director of SESC São Paulo

In modernist Paris at the beginning of the twentieth century, the term *naïf*[naïve] assumed increasing relevance in the field of the arts. When art was freed from the strict conditioning of museums and galleries, other artworks made by artists without academic training began to be appreciated. This thinking found its echo in



Brazil, beginning in the 1920s, opening up a greater dialog between the universes of so-called erudite and popular art.

Today, nearly 100 years after this context, in a world teeming with new technologies, it is relevant to ask what possible meanings the word "naïve" can have in an era saturated with an excess of information. We call attention to the fact that art is perhaps the form of expression that best portrays – often nearly predicting – the human's altered perceptions of a constantly changing world.

The permutation of meaning between popular and erudite culture takes on current colors

that allow for the inclusion of new tones. Other artistic solutions are sought as reflections of a world in which the rural is giving way to the urban, while maintaining its codes and imaginative force in spontaneously produced art. In this sense, art stimulates our sensibility, allowing us to ask what type of society we wish to reflect – and sometimes to question.

Without the need of recurring to reductive categories, such as the “popular art/erudite art” opposition, the 10th edition of the Biennial of Naïve Artists of Brazil – an initiative by Sesc São Paulo – is an event that promotes a discussion about this popular manifestation and its possible significations.

The exhibition’s aim of furthering the education of the gaze, in the perceptual and emotional territories furnished by art, reaffirms Sesc São Paulo’s commitment to undertaking and encouraging cultural projects that foster the exercise of aesthetic appreciation, thought, and social transformation. The addition of colors to the palate of the visual imaginary reiterates an aesthetic awareness that allows us to perceive the symbolic contents inherent to the collective, which emanate from art and invite us for a flight in search of varied interpretations.

## Art without borders

Maria Alice Milliet

Art critic and historian, curator of the special room “Art without Borders” at the Biennial of Naïve Artists of Brazil 2010

### In the flow of modernity

Fifty years ago, pop art ruptured the border between the cultivated and the popular, incorporating images of characters and products disseminated by the mass media. The appropriation by the artists of forms and contents considered kitsch scandalized the conservative elite who resisted the idea that

Coca-Cola bottles, soup cans, comic book heroes, movie stars and politicians could figure in works of art. The critics were divided. The defenders



of abstract painting considered this irruption of commercial products in art to be in extremely bad taste. However,

despite this initial repulsion, pop art triumphed. In a short time, it reached a public different from that which traditionally attended the galleries. The youths found in pop art what they saw on the streets, on television, in advertisements, in movies, in stores and supermarkets, in their houses. These were images with which they were familiar, images from day-to-day life. Soon new collectors arose, confident in the pioneering vision of a few art dealers, and anxious to be seen as up to date.

In the 1960s, pop art – which was born in England and developed in the United States – gained an international presence. This period also saw the consolidation of the North American hegemony, on the rise since the end of World War II. Along with this political and economic influence a new lifestyle was propagated: *the American way of life*. The North American standard had far-flung impacts around the world and instilled in Brazilian society a desire for modernization. To respond to this challenge, a program of development based on industrialization was implanted in Brazil. In the 1950s and '60s, the industrial boom in connection with the increasing migration from the countryside to the cities resulted in sweeping sociocultural change. The population that migrated from the rural zone to the peripheries of large urban centers was led to abandon traditional values and practices in an effort to adapt to the urban environment. People with simple habits and modest ambitions began to

share a single dream: to consume. It was at this time that the television set gained the place of honor in Brazilian houses, substituting the head of the family in terms of importance. Television’s extensive penetration proved decisive in the acculturation of this population. In half a century, much was lost. Young people left the countryside without looking back, and the customs that had once prevailed in the farmland were forgotten except in the reminiscences of older people.

It is in this unstable scenario that art is produced and circulates. Currently, art – including art appreciation, art training and art production – is not restricted to museums and galleries, specialized books, schools and studios. Art is part of our lives, it is in the streets, on Internet and in the other communication media. And it is blended with other productions to the point where it is difficult to say what is or what is not art. The former distinctions between fine arts and handicraft, between cultivated and popular, between art and information no longer apply, especially since in the digital age appropriation, displacement, blending and fusion have become normal procedures for artists and producers of the most diverse areas. As though this situation of “anything goes” were not enough, the nonspecialized public, any one of them, feels that they are authorized to participate in this great collective construction which is the production of meaning, or of nonmeaning, in the globalized world.

In this climate of promiscuity, it is impossible to maintain one’s innocence. Everything is published, broadcast and processed. There is no more secrecy, no more distance. The contents, previously reserved for the few, now circulate through the networks, whether as authorized releases or as pirated copies. In practice, they are distributed to the public, they are consumed and reworked, and then placed back into circulation.

When everything is known, being naïve is practically impossible. Nowadays, even people who live far from the big cities or have little or no formal education have access to radio and television, and are increasingly using cell phones. When Internet arrives to everyone, no one is immune to information.

Going back in time, it is worth noting that the word naïve took on a new connotation and entered the field of culture at the beginning of the 20th century, in the Paris of the modernists. When the practice of art no longer required the mastery of technical abilities, artworks produced by people without academic training began to be appreciated. These artists – many from popular backgrounds – were called naïve artists because, far from the academic preconceptions, they created spontaneously. At this time, the painter Rousseau emerged, a retired French customs worker who went on to become an artist admired by the modernist circle in Paris. To have an idea of the prestige that he enjoyed among the modernists, it is enough to remember the words he directed to Picasso during a dinner in the naïve artist's homage: "We are the two greatest painters of our time; you in the Egyptian genre, and I in the modern." By asserting his equality of importance with the Spanish painter, at that time already highly respected, Rousseau may appear ingenuous. The fact is, Picasso admired his friend's painting so much that he kept canvases painted by him until the end of his life, as did Delaunay and Kandinsky.

The modernists did not only admire the naïve artists. They sought inspiration in popular sources, in exotic cultures and in the material culture of industrial society, as can be seen in Picasso's work from his cubist period. Around 1900, he incorporated formal elements from Roman sculpture into his painting, after this, he began treating the human figure in the manner

of African sculpture, and in his synthetic cubism phase he resorted extensively to the technique of collage, gluing to his canvases clippings from periodicals, product labels, letters, printed tickets, photos, etc., thus approximating the art of day-to-day life. His unpretentious attitude is not an exception. All areas of artistic production saw advances of the movement aimed at the renewal of the exhausted European repertoire.

The thinking of the vanguard echoed among the Brazilians residing in Paris in the 1920s. During their extended stays in the French capital, Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Gomide, Brecheret and Cícero Dias were able to perceive how much the European intellectuality was weary of the weight of tradition and open to the "primitive," the "exotic" and the "other," wherever it was found. Freed to valorize their own roots, our modernists did not hesitate to take up the challenge of rediscovering Brazil. The trip by Mario de Andrade and his group to Minas Gerais, and the later appearance of the so-called "countrified colors" and of the small-town and countryside motifs in Tarsila's painting manifest the modernists' striving in this direction. Parallel to this, the reinterpretation of indigenous myths and culture by Rego Monteiro, the connections that Cícero Dias established with the Northeastern imagetic universe, as well as the characters and scenes from popular life in the paintings by Di Cavalcanti all demonstrate the increasing opening of communication channels between the elite realm and the less-favored levels of the Brazilian population.

After this first advance, other developments in art arose through the hybridization of widely different cultural backgrounds, enriching the panorama of the visual arts in Brazil. Works by Volpi, Rubem Valentim, Oiticica and Samico are the mature fruits of this process whose dynamics

have extended until today, recognizable in the works by Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Vick Muniz and the Campana Brothers, to mention only those that are more publicized in the media. A further development took place in the 1940s, when the production by artists from a popular origin began to appear in art galleries, in museums, and at the Bienal de São Paulo, places which up to then had been restricted to the cultivated register. The painters José Antonio da Silva and Heitor dos Prazeres, the ceramic maker Vitalino, and the sculptor Agnaldo dos Santos were the first to gain fame, and to have their works recognized by critics, art dealers and collectors. Just as Rousseau's paintings are included in the collection of the Louvre, the works of these pioneers began to figure in the best private and public collections, alongside works by the leading lights of Brazilian modern art. Despite this recognition, the inclusion of the "popular artists" in the world of the visual arts still leaves much to be desired. There is prejudice on the part of elite segments whose taste is based on fads promoted by cultural marketing. For these, the art made by the people continues to be subject to a hierarchy: seen as handicraft, it has its place in the country houses or beach houses of the bourgeois, but not within their residences in São Paulo, Rio or New York.

#### **Art without borders**

Produced by SESC Piracicaba, the Biennial of Naïve Artists of Brazil has presented a rich panorama of the art that is made in this country. Each edition features close to one thousand works to be evaluated by the jury, which is always faced with the enormous difficulty of reducing this total to around one hundred pieces, the maximum that the exhibition space will hold. The specialists who participate in the selection inevitably discuss the propriety of associating

the term naïve to the artworks selected. Up to now, SESC's direction has opted to maintain the event's name, as it is known throughout Brazil. On the other hand, the vast gathering of artworks brought about by the Bienal suggests that some thought should be devoted to how this rich set could be used to better advantage, to deepen its study and the interpretation of its meanings.

Invited to act as curator of the Special Room this year, I recapitulated the concerns of the 2006 Bienal's selection jury. On that occasion, there was talk of a risk of crystallizing a "naïve style" made of saccharine images of rural life. The efforts undertaken by the curatorships commissioned by SESC, aimed at widening the understanding of popular art, have not been sufficient to dissuade the sending of dozens of little canvases showing meticulously aligned plantations, festively decorated town squares, festivals, bands, dancers and religious processions. In fact, this well-behaved painting, this countrified joy has little to do with the current reality of the small towns and the countryside in Brazil's interior – where progress has arrived, bringing deforestation, mechanization of agriculture, television, land-reform conflicts and the hiring of low-paid agricultural day laborers – and even less to do with the cities inhabited by 70% of the Brazilian population.

The young people leave the countryside without looking back, attracted by the freedom supposedly offered by urban life. The older people, who were once small farmers or agricultural laborers, are left with nothing but memories of a time that will never return. The art produced in this context, as could not be otherwise, reflects the complexity of this movement. The nostalgia, on the part of the artists as well as the public, explains the reiteration of the idyllic rural scenario. However, there are already manifestations arising that

reflect urban life, social conflicts, the perception of the human being's instability in a ceaselessly changing world. If the traditional customs are lost, there are new ways for people to express themselves. And the communication has become fragmented, cut through by other discourses, mixed with other points of view. The power of popular culture grows in the peripheries of the cities, spurring the elites to reformulate their codes and to allow a space for marginality within the dominant culture. The inverse is also true. The acceptance of the cultivated standard is a passport for one's desired entrance to the labor market, well-being, and material consumption. There is no longer any way to protect the traditional from being contaminated by the new, or to protect the cultivated register from the vulgar influence of the media. Among losses and acquisitions, we have the temporary associations that announce the ruptures and the future innovations.

The foregoing discussion explains the considerations that went into my conception of the show Art without borders. The concept was tested at the exhibition *Cá entre Nós* [Here among Us], held at the Paço das Artes (São Paulo, 2000) in commemoration of the 500th anniversary of Brazil's discovery, and in the selection of the works for the exhibition *Acervo da Fundação Nemirovsky: o olhar do colecionador* [The Nemirovsky Foundation: The collector's gaze] which inaugurated the public's access to this important collection (Estação Pinacoteca, São Paulo, 2006). At SESC Piracicaba, the curatorship is organized in terms of the dialog between emerging artists – who have participated in previous editions of the Bienal Naïfs – and artists with established careers in the restricted circuit of the galleries and museums. The diversity of the set serves to illustrate the circulation of images and procedures among the different cultural levels.

In this perspective, the album *O meu e o seu* [Mine and Yours] (1967) by Antonio Henrique Amaral, composed of seven woodcuts, constitutes a paradigmatic work of a visuality fueled by technical and formal resources appropriated from popular and pop cultures to create what is called new figuration. In the 1960s and '70s, Brazilian artists made a critical reading of North American pop art, proposing solutions that recover the popular, the rural and suburban, which makes sense in a country lacking in social justice. This approach does not exclude taking advantage of the resources stemming from the world of comic books, advertising and the media. In this case, Antonio Henrique's graphic work, up to then centered on a personal semantics, changed its orientation and began to converge on social and political issues by way of a narrative figuration inspired in procedures of *cordel* literature and comic books. While the segmentation of the space within printmaking allows for different actions to coexist, flat images, with strong contrasts, guarantee that a metonymic discourse composed of parts amputated from the body – fingers, hands, mouths, heads, feet – can function with the effectiveness typical of posters and signs.

Antonio Henrique's woodcuts bear connection to the productions of two artists who have already participated in the Bienal de Piracicaba, namely, Loizel Guimarães da Silva, for the use of matrices made of wood or linoleum (a material also used by Amaral) and Alex dos Santos, who was awarded the Acquisition Prize by SESC in 2006, for the essentially graphic character of his painting.

The most striking elements of Guimarães's artworks are the fluidity of the drawing and the interweave of plants, animals and humans in large-format compositions that lend visuality to a fabulation at times imbued with exoticisms. Hence the oversized presence of

dinosaurs, rhinoceroses, fish, bulls and bees in narrative figurations, perhaps inspired in films and publications of wide circulation. In these woodcuts with outlines and hatchings delineated in white, just one further color – generally black or earth-red – is used in a contrast that recalls the graphic patterns of classical ceramics.

As I observed previously, in Silva's paintings, the line organizes the space, describes the happenings and subordinates the painting. One cannot help but note the concomitance of the narratives that are not restricted to portraying the exteriority of the objective facts, but also take into account what goes on within people's bodies and minds. The figuration, which in many cases contemplates situations that are a threat to health and physical integrity, is insistently complemented by detailed statements and descriptions. The accumulation of information in certain artworks derives from the insistent campaigns waged by the government to combat contagious diseases. The communication tends toward entropy, one of the anomalies of our culture. Silva's boldness in confronting complex themes suggests that his art will come to occupy ever larger spaces, in graffiti or installations.

The city is also the place of the figuration by Vânia Mignone, who creates a painting of resistance that does not give in to passing fads, nor seek to please the market. Its affinity is with street art, not that of the graffiti artists, who are becoming increasingly institutionalized, but rather with the furtive drawings, scribbled in bathrooms, on schoolroom desks or on out-of-the-way walls. There is a sense of urgency, even of desperation in her painting, with its isolated figures overlaid on backgrounds saturated with color, very frequently tinged with crimson. No scenario shelters these youths whose gestures fall into the void. They are characters as helpless as the women filmed by Bergman in *Cries and Whispers*, an extraordinary

essay on the unnatural use of color in which figures consisting of white patches wander through a large room saturated in red.

The paintings by Alex Cerveny and Dalton can be approximated in that they both involve the presence of symbolic content. Cerveny, a drawer and painter, has for years been developing a very personal language that ensures him the position of a very successful outsider in the competitive artistic realm. His originality begins with the tendency to work in small formats, with various techniques and supports, coupled with his own repertoire of images. His painting, formally light but laden with meaning, suggests various readings; the artworks functioning like enigmatic letters. He has brought two sets to this exhibition: one consisting of small panels of ceramic tiles, the other of small-size canvases. Small volatile figures emerge in the paintings wearing strange hats in the vastness of a deserted landscape. Despite that the reference to Paraguay and Solano López's wife Mme. Lynch would seem to propose a historical narrative, the oneiric climate with touches of Orientalism is equally suggestive of illustrations for the tales of "1001 Nights." The panels of ceramic tiles – rare in our days – present themes evocative of Arcadia. Nothing is imposing. Cerveny's art opens doors for reverie.

In counterpoint to these sets, in the paintings of Dalton's *Gemelar* series (one of them acquired by SESC in 2008) the climate is more severe, though no less enigmatic. Two or three people are present in an interior setting. These characters wearing green tunics and long red coats seem to be members of a brotherhood. The most curious thing is that the adults are in wheelchairs, as though in a sanatorium. As in the works by Frida Kahlo, the paintings are frontal, technically precise and attentive to details. Also as in Frida, the rigid postures and syncretism of beliefs visible in these scenes approximate these paintings to

the ex-votos made as testimonies to extraordinary happenings and pacts sealed with suffering.

Two artists – one from the hinterland, the other from the city – are impressive for the autonomy they have assumed in a society that wants to standardize everything. For them, art and life are inseparable. José Bezerra, in the interior of the state of Pernambuco and Rogério Sena in the city of Belo Horizonte provide proof that the creative imagination serves to recover the human being's experience of the fatality of destiny.

High in the Catimbau Mountains, Bezerra contemplates the sandstone escarpments with their wind-worn fissures. Implanted in the yard beside his house are strange human and animal figures sculpted in wood, some that look like birds, others that resemble dogs, snakes, or even an anteater. Each one has its place in this sieve of the imagination. There is something tragic in the crude and often tortured expression of these forms that do not deny the nature from whence they have sprung. As stated by Rodrigo Naves, in the catalog of the artist's first exhibition in São Paulo, in 2009, "José Bezerra belongs to the poorer layers of this population, he works with techniques that approximate him with primitive art and with themes close to rural life. All these aspects conspire toward his being labeled as a popular artist, a dubious and limiting notion, even after modern art restituted to the marginalized arts a status it had never had. José Bezerra is simply a Brazilian artist of great power and currentness."

As Oiticica was fond of saying, "we thrive on adversity." Thus, Sena also thrives with his painting of pure energy, vibration and movement. This artist, active in the movement for phasing out the insane asylums, has found in art a path for socialization. With short brushstrokes and contrasting colors he re-creates in his paintings the dynamism of dancing to the sound of drums

and *atabaques*. By capturing the collective emotion, Sena is also syntonizing his Afro-Brazilian ancestry. Atavism is also manifested in Bezerra. The sculptor only perceives the form of the animals in pieces of wood due to his familiarity with the flora and fauna of the region in which his Indian ancestors lived.

Here we find the clearest evidence of art as an activity able to develop man with the capacity to transcend, not death, but the vicissitudes of life.

## Bienal Naïfs do Brasil, Piracicaba, SP, 2010

**Vilma Eid**

President of the Imaginary Institution of the  
Brazilian People

In 1971, when I was celebrating my first marriage anniversary, my mother, who had always encouraged her children's sensitivity for art, took me to an art gallery in São Paulo, our city, for me to choose a painting as a present. I was enchanted by a painting that featured some "little bulls." I then found out it was by artist José Antonio da Silva.

I tell about this episode because it was the first moment I caught sight of the existence of spontaneous art. I do not like the term *naïf* [naïve]. Like many others, it does not belong to the Portuguese language. It was adopted, and, in my view, it is very restrictive when the subject is



art. This matter, however, is beyond the scope of the present text. Reading a great many other texts on the subject, in the catalogs of this biennial and in other publications, I have observed that this question is present and, in a certain way, it remains inconclusive.

From that first episode onward, I began to form a collection. At first it was only for my pleasure, but through the years, accumulating knowledge

and visual experience, I perceived that my small gathering of artworks, paintings and sculptures was becoming so significant that I began to feel a responsibility to show them, to allow others the opportunity to contemplate their beauty.

Today I am a collector and gallerist. The passion, the responsibility and the joy of showing the artists rooted in our own populace has brought me to faraway places, some almost hidden in this vast country of ours, with its very strong characteristics based in diversity. This is our wealth. This is our power. It does not matter in what geographic region the artist was born. He is born, he grows and gives life to his talent anywhere, even in the most remote of places. The important thing is what he carries within himself; his talent, his creative soul, his need to express himself with the support that is within his reach, without concern for the market, for acceptance or for the valorization of his work.

In the Vale do Jequitinhonha region, from the clay easily encountered there, the sculptures by Isabel Mendes da Cunha and Noemisa are born, as were those of the late Ulisses Pereira Chaves. Juazeiro do Norte, in the state of Ceará, where wood is more abundant, is where Nino, one of the greatest creative geniuses of 20th-century sculpture, lived and died; it is also where his contemporary, Manuel Graciano, continues to live and work.

The many painters who have shown their works at the Bienal Naïfs do Brasil furthermore include José Antonio da Silva, a painter born in Salles de Oliveira, state of São Paulo; Alcides Pereira dos Santos, a Bahian-born artist raised in Mato Grosso; Ranchinho, from Assis, state of São Paulo; Julio Martins da Silva, from the state of Rio de Janeiro; Nilson Pimenta and his students from Cuiabá, Mato Grosso; and so many others.

In my first experience participating on the biennial's jury, I was very much surprised to

come face-to-face with around 800 works from various regions throughout Brazil. I felt a lack of sculpture, since painting represents around 95% of the artworks in the exhibition. Perhaps the reason for this is that the term *naïve* is immediately felt as referring to painting. Judging them was a difficult task. However, that is what we were there for, and I hope that we carried out our task with some criteria and sense of fairness.

For the two acquisition prizes, our choice fell on Neves Torres and João Generoso, in a clear option for poetry and lyricism as increasingly rare themes at this beginning of the 21st century.

For many, the spontaneous artists no longer exist. They say that TV, Internet and all the communication media of the modern world have done away with them. I disagree. This biennial, with the interest that our artists generate from all over Brazil, is the greatest proof of this.

Sesc's consolidated initiative, with the Bienal Naïfs do Brasil, deserves our respect and applause. We need many others, every possible one, to reveal and support talents from our land.

## Naïve artists, almost always

**Geraldo Edson de Andrade**

Professor, art critic and writer

President of honor of the Brazilian Association  
of Art Critics/ABCA-AICA

Within Brazilian painting, the so-called naïve artists have been the least praised by the critics. Inexplicably. As they are now relegated to a restricted space in the exhibition environment, absent now for years from the recent editions of the Bienal de São Paulo, where they always had a strong presence, and from the rare art salons that still dare to take place in this immense country, it is cause for celebration that in Piracicaba there is a biennial dedicated exclusively to these popular artists.

It is to SESC's great merit that it is sponsoring this Biennial of Naïve Artists of Brazil, to which artists are being invited from all regions, with a highly positive response. In this 2010 edition, 22



states are represented, bringing together 378 painters in a very auspicious development, demonstrating that even

without backing from the critics, Brazilian naïve art has artists at work, carrying forward the flame of their aesthetics and the veracity of their creation. The biennial moreover ensures that every two years renewed stimulus is provided to successive generations of artists, and new artists are revealed who would otherwise remain restricted to their regions.

It was not always like that however. We all know that since colonial times the self-taught artists born in this country painted mainly to ornament the churches of our prosperous provinces, such as Minas Gerais, Bahia and Pernambuco. Going further, what could be said of the indigenous inhabitant that already created his handicraft and painted his body on the most solemn occasions? And how to classify the ex-votos painted anonymously and left at churches of popular devotion and at the crosses erected at roadsides?

The organizers of the Modern Art Week of 1922 – held in São Paulo as a rupture between the academicism that prevailed at the beginning of the 20th century and the new perspectives of art that had already made great strides in the world's main capitals – could not even imagine including so-called primitive painters in their event. This fact was indeed felt by researcher Pietro Maria Bardi who, in his work *História da Arte Brasileira* [History of Brazilian Art], regrets that the mentors of the event "had forgotten the primitivist painters, who created the very nationality they themselves sought to exult."

At first, these spontaneous artists without academic training were known as primitive artists. Later, the definitions changed in a succession of terms such as ingenuous, spontaneous, imaginative, regional, folkloric, innate, through which our most authentic artists of this language passed.

In the 1930s, names such as Cardosinho, as the Portuguese-born school inspector José Bernardo de Cardoso Jr. was known, arose with a painting that evinced a powerful poetics, supported by artists from cultivated registers, such as Cândido Portinari, and with critical support from leading intellectuals such as Celso Kelly and Carlos Cavalcanti, two of their great encouragers. On this same path emerged the São Paulo farmworker José Antonio da Silva, discovered in an art salon in São José do Rio Preto in 1946.

The attention of the specialized critics was intensified in 1951 with the holding of the I Bienal de São Paulo, which awarded an honorable mention to the painting by Heitor dos Prazeres, a brilliant composer of Carnival sambas and *marchinhas* (he also worked in partnership with Noel Rosa) who brought to his canvases the fascinating world of the samba of the Rio de Janeiro favelas. The painting of the three artists was the subject of a monograph by writer Rubem Braga entitled "Três Primitivos" [Three Primitive Artists], the first essay published in this country about popular painters.

Curiously, the Bienal de São Paulo, in all its editions up to 1969, always reserved a generous space for our ingenuous painters, even conferring them awards, as was the case with, for example, the painters Elisa Martins da Silveira from the state of Piauí, and Grauben de Monte Lima, from the state of Ceará, who began her painting career at the age of 60 after retiring from her position as a public servant.

It was these artists, along with some others, who opened the way for important artists of the same language, such as the artist from indigenous ancestry, from the state of Acre, Chico da Silva, who won an honorable mention at the 1966 Venice Biennale, with paintings and drawings populated by fish, birds and animals from the Amazonian visual universe; Pedro Paulo Leal and his son Manuel Faria Leal, as well as Rosina Becker do Valle and Silvia de Leon Chalreo, all from the state of Rio de Janeiro; Gerson and Elsa Oliveira Souza, and Manezinho Araújo, from Pernambuco; Agostinho Batista de Freitas and Iracema Ardit, from the state of São Paulo; João Alves and Edelweiss, from Bahia; Zizi Sapateiro, from Minas Gerais; and Maria do Santíssimo, from Rio Grande do Norte. It should be noted that there did not yet exist rivalry, nor prejudice between cultivated art and ingenuous art.

An artist such as Ivan Serpa, an important name in Brazilian modernist painting and one of our first constructivist painters, taught a course at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro where he sheltered with the utmost respect many of these painters, whom he guided in their most evident qualities, such as purity of color and the crude manner of drawing and composition. In short, each artist's own vocabulary.

Every two years, the Bienal de Artistas Naïf presents the visitor with an artistic universe of irresistible charm, translating through its interpreters a language of painting imbued with great existential experience. There is nothing of conceptualism, aesthetic juggling, nor artificial intellectualism, but rather art that speaks indistinctly to everyone, cultivated or not. The freedom with which it seeks to show its reality, actually the poetry of the day-to-day life that surrounds it, reveals another facet that cannot go unnoticed by the researcher and the public: most of the naïve painters come from smaller

cities, towns or the countryside, from contacts with humble professions, many of which emerge when transferred to larger centers. They thereby reveal that their creation often springs from a sense of nostalgia, as a sort of settling of accounts with themselves in light of the loss of regional roots represented by Christian and pagan festivities, linked to regional folklore, themes that are constant in the popular (or naïve, if one prefers) oeuvre.

It is to be expected that naïve painting is more appreciated by the tourist who sees in it the portrait of a country through a folkloric lens, or in terms of how one imagines life to be on this other side of the tropics. However, as English anthropologist R.R. Marett has pointed out, art is not linked to any special kind of human culture; it is, rather, a tough plant that flourishes in all climates and all seasons.

The Bienal Naïfs do Brasil, held by SESC-Piracicaba, therefore fulfills an important role in the development of art in our country insofar as it stimulates, encourages and raises awareness about the most real production of popular creation. This event is every bit as Brazilian as our traditions and our music. More Brazilian would be impossible.

## **The art that arises from the people – evincing the human**

**Ricardo Amadasi**

Visual artist and researcher of popular art

Curator of MAP – Museum of Popular Art of Diadema

Today, the challenge for culture is to rethink values. To make reflections possible. To release the brake on human development. Brazilian culture has resulted from the blending of different peoples who introduced their habits and customs, creating a new hybrid social fabric in constant transformation. Brazil is an apt place for

multiplicities, pluralities constructed by different social groups at different historical moments.

This vast wellspring of crossings and approximations, some symbiotic, others not, is manifested as a reflex in human shared experience, constructing the mosaic of our country's cultural identity. An identity that is nothing more than a combination of beliefs and symbolic representations that give meaning to the concept of citizenship.



In the current contemporary world, called postmodern, the abyss of contradictions and conflicts is intensified with each passing day. The various attempts to impose hegemonic forms on human behavior are being contested all over the planet. Intolerance prevails, giving rise to fragmentations in the conceptual and ideological fabric, a precious collection of the history of humanity and its dreams, trampling its collective principles, cultural pluralism and diversity, and thereby stifling the concept of multiple identities and their varied processes of construction. There arises a single truth in an increasingly globalized world: the market. A Persian market that mixes symbolic values with values of merchandise. A market of ideas, a market of products, a market of faith, bringing about a change in the human psyche, with the banalization of evil and violence, and the normalization of pathologies.

There exists today a central form of culture, and the others must resist. Privileged forms, cultures distant and alienated from the needs of shared experience of the people are presented as expressions of truth, as the only demonstration of our moment of historical transition, seeking to determine what we are. In an apparent no-man's-land, full of voids and perplexities,

everything can be filled in. Where anything goes and nothing has value, there arises a surreal gallery of characters offering redemption and salvation, reactivating various religious fundamentalisms. Flowering in this enormous and complex universe, we find the simplicity of independent artists who are also independent of any merchandising desire, who believe in art as a behavior and as an element for transformation.

The reflection, the thought, originates in the gaze. The more intense the education of the gaze, and how to gaze, the truer will be our comprehension of the reality that surrounds us. If it is really true that art acts in the realm of emotion, stimulating the senses and enlarging sensitivity, this sensitivity allows us to interrogate and question the type of society we are constructing and living in today.

A poetic revision of Brazilian history becomes necessary. All the forms of singing and telling the different realities by way of the most diverse narratives constitute an inexhaustible field of research for those who really desire to approach the soul of the people. Art is made of imagination, and the life of the people is made of dreams. A careful gaze at our surroundings allows us to verify that these symbolic contents present in the collective unconscious are everywhere, mobilizing the spirits and moving the people.

The signs that arise from the art that arises from the people bring us closer to life, and invite us for an exercise of interpretations without limits, like the human imagination itself: always changing and surprising.

The spontaneous Brazilian culture is one of the most important manifestations of our time. The visual and imaginative universe that arises from the people evinces how the people think and feel. A people who do not want to make war among themselves, nor to take part in the disputes for supremacy of power is a people

whose members live and coexist with each other in the day-to-day experience of differences, believing in human respect, in respect for the other who is different from us though drinking at the same fountain of the popular imaginary with its inexhaustible wisdom.

The art from popular origins is the always renewed representation of the affirmation of life. Of a life that is manifested by way of intense colors and defined forms, in an always spontaneous way. In every lane, on every street corner or anywhere the people come together, there is the manifestation of a feeling of happiness, a taste for the festivals and parties that bring people together, establishing symbolic exchanges in an act of reaffirmation of faith in humanity.

Paradoxically, the artists linked to popular art, for never having obtained a classic or academic training, are fertile ground for the exercise of human sensibility. Free and spontaneous, having intuition as their main tool, they take the vitality and the energy that characterizes them and transform it into a motivation for the creation of new realities, in a process of alchemy and metamorphosis present in the imaginary of the people. Art as a symbolization of the possibility of change and revolution. And if this creative talent were considered as a value for society? Popular art touches the heart. Affirmative beings, endowed with immense courage and toughness, believe in their own dreams, and through their art they resignify their own, often marginalized existence. Art is the imaginative space of adults. The diversified tableau of the Bienal Naïf do Brasil 2010 is transformed into a panoramic mirror of this rich cultural kaleidoscope. A total of 378 participating artists from 22 states. Uneasy, vibrant, dreamers and provokers, and fundamentally great human beings who treat their artwork as they relate with their own lives, with emotion, without violence and in a frank,

sincere way. Some of the participating artists choose to express themselves through large scenographic compositions, full of enriching situations; others are impressive for the expansive vitality of their proposals. There are artists who opt for the recollection of times past, seeking a bygone era. Humor is always present in the people's visual imaginary. And there is the outstanding presence of the artists who establish a more intimate and poetic relation with their work, full of the subtleties, nuances, and landscapes of towns and the countryside.

No unanimity is possible or fertile. The central idea is to underscore the human side of each one of the artists, because it is difficult to judge who is more precise or correct than the others. Because there are no correct or predetermined forms. There are only more sensitive approaches and more poetic relationships.

The beautiful beaches of naïve art, as every sheltering bay, receive the most varied influences of different artistic currents, which bathe and alter their original geography. The arrivals and departures of this coming and going create new and productive dialogs with other visual ways of thinking. Every culture is essentially hybrid and in constant movement, charming us with the beauty of contact with new discoveries, enriching us through contact with new feelings. Art in a pure state does not exist. Why would naïve art be any different?

## Special room: Art without borders

### Curatorship

Maria Alice Milliet

### Research

Margarida Sant' Anna

### Alex dos Santos

[Alex Benedito dos Santos]

Jaboticabal, SP, 1980

Lives and works in Jaboticabal, SP

Alex dos Santos began to paint when he was 17 years old, using materials he found on the street: cardboard, scrap wooden boards, leftover house paint, etc. At the same time, he began to visit the



library of his city, where he learned about the work of Picasso and Basquiat by way of books. During the 3<sup>a</sup> Bienal de Arte e Cultura de Jaboticabal [3rd Biennial of Art and Culture of Jaboticabal], in 2004, the artist Sigbert Franklin encouraged him to pursue an artistic career. From that moment on, he intensified his production and multiplied his participation in Novos Valores [New Values] competitions. In 2007 and 2008 he won awards at the Salão de Franca (Gold Medal), at SESC Ribeirão, paving the way to a solo show at Museu de Arte de Ribeirão Preto, and at the 9º Bienal Naiôs do Brasil (Acquisition Prize). In 2009, he was selected from among 547 entries to take part in the Program of Exhibitions of the Centro Cultural São Paulo, alongside Cris Bierrenbach, Ricardo Carioba, Tiago Judas and others. His investigation into a diversity of materials, particularly appropriated ones – a mattress, a door, a fiber mannequin – was associated to a singular chromatic expressivity, using iconographic references from day-to-day life (such as dengue or the black-bee sickness) or a repertoire of surreal images (*O Aborto entre a Mulher e a Tartaruga* [The Abortion between the Woman and the Turtle]).

### Alex Cerveny

[Alexandro Júlio de Oliveira Cerveny]

São Paulo, SP, 1963

Lives and works in São Paulo, SP

Alex Cerveny obtained his artistic training above all through shared experience with other artists. At 14 years old he was already attending the studio of Valdir Sarubbi, with whom he learned artistic techniques and developed a taste for literature and music. At 18, his teacher recommended that he take part in an engraving workshop of Selma Daffré, an experience that has certainly influenced his production as an illustrator. Although technical refinement is a common denominator in his work, Cerveny does not limit himself to a single technique or material, and even works with painting on ceramic tiles. His work presents an intimist narrative, teeming with diverse references, some of which are autobiographical, such as the twisted and elastic figures that recall



his experience as a circus performer, while others are literary or from mass media, creating an intricate allegory. "I feel more like a writer who writes with images, I feel more like a newspaper columnist than an artist. The tradition I like in art is this one of telling stories, with retables, with the Syrian walls that tell the stories of battles..." he summarizes. The artist has held solo shows since 1982 and was awarded at the XXI Bienal de São Paulo (1991) and at the Panorama do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1995).

### Antonio Henrique Amaral

[Antônio Henrique Abreu Amaral]

São Paulo, SP, 1935

Lives and works in São Paulo, SP

Antonio Henrique Amaral began his art training at the Escola do Museu de Arte de São Paulo, under Roberto Sambonet, in 1952. In 1956, he studied printmaking under Lívio Abramo at the Museu de Arte Moderna de São Paulo, where he held his first solo show, in 1958. That same year,

he traveled to Argentina and Chile and, in the following year, to the United States, studying printmaking at Pratt Graphics Center, New York, under Shiko Munakata. He returned to Brazil in



1960, took up residence in Rio de Janeiro, and met Ivan Serpa, Portinari, Antonio Bandeira, Djanira and Goeldi. In parallel

with his career in art, in this period he also worked as an advertising writer. At the beginning of his career he made drawings and prints that approximated him to surrealism. Beginning in the second half of the 1960s, his production began to incorporate social theatics, elements from popular printmaking and figuration extracted from mass culture, such as advertising and graffiti, approximating him also to pop art. Violence, sex and politics are themes dealt with in his recurrent use of images of generals and mouths. In 1967, he released the album of woodcuts *O Meu e o Seu* [Mine and Yours], introducing color into his prints. This album reveals a synthetic approach to the question of the interiorization of authoritarianism. He began to dedicate himself predominantly to painting. In 1971 he was awarded the 1st Travel Abroad Prize from the Salão de Arte Moderna of Rio de Janeiro and traveled to New York. He returned to Brazil in 1981. In 1997 the book *Antonio Henrique Amaral – Obra em processo* [Antonio Henrique Amaral – Work in Process] was published, with texts by Edward J. Sullivan, Frederico Morais and Maria Alice Milliet (DFA). In 2004, the Museu de Arte Moderna de São Paulo presented an important retrospective on the artist's graphic oeuvre, accompanied by the book *Antonio Henrique Amaral: Obra Gráfica 1957/2003* [Antonio Henrique Amaral: Graphic Work 1957/2003], with a text by Maria Alice Milliet (Momesso Edições de Arte).

## Dalton

[Dalton Oliveira de Paula]

Brasília, DF, 1982

Lives and works in Goiânia, GO

Dalton liked to draw when he was a child. He began his artistic training at 15 years old, enrolling in the drawing course at the School of Visual Arts of the Agência Goiana de Cultura. Two years later, he began attending the art workshops



given by the Museu de Arte de Goiânia. There he was encouraged to pursue an artistic career and, in 2000, began

to participate in group exhibitions. He was selected in the Novos Valores competitions of the Fundação Jaime Câmara (2000), Novos Valores of the Universidade Católica and Sesi Criatividade (both in 2002), and in the last edition of Bienal Naiôs do Brasil (2008), winning the Outstanding-Acquisition prize. Recently, he has shared his time between the Military Firefighters Corps of the state of Goiás, where he works with the Emergency Rescue Group in Goiânia, and his artistic and academic life, studying arts at the Universidade Federal de Goiás. The works selected for the special room of the Bienal Naiôs do Brasil include the main aspects of his oeuvre: simplicity of drawing, strong colors and themes from the Afro culture, such as popular dances and festivals, and religious syncretism.

## José Bezerra

Búque, PE, 1952

Lives and works in Vale do Catimbau, PE

Sculptor, artisan, musician and storyteller José Bezerra began his career as an artist in 2002, based on a dream that revealed he would earn his living from the tree trunks of the region where he lives, the Vale do Catimbau Ecological Reserve, within the arid backlands of the

state of Pernambuco. It is while breathing this atmosphere that the artist produces his sculptures, displaying them in the yard around his house. In light of his social origin, the way he works and the material he uses, Bezerra could easily be labeled as a popular artist, but this would greatly pacify his work, which involves a much larger question, a tragedy – the drama of nature, of the region in which he lives, which is quickly disappearing, giving way to agriculture – and his sculptures reveal this suffering. The way he sculpts, the violence of his sweeping



movements and the imprecision of his carving tools result in these strange, somewhat monstrous, somewhat deformed animals – a very contemporary representation of nature. A set of 70 works was presented in São Paulo, in 2009, in an important solo show organized by Museu do Imaginário and

held at Galeria Estação, with text and curating by Rodrigo Naves.

## Loizel Guimarães

[Loizel Guimarães da Silva]

Bocaiúva do Sul, PR, 1957

Lives and works in Bocaiúva do Sul, PR

Loizel has lived close to art for a long time, working as a security guard in museums and cultural centers: "I observed the pieces attentively and an interest was awakened in me to make art as well." This is what happened one day, when he was invited to take part in a workshop at Solar do Barão, at the Fundação Cultural de Curitiba, where he has worked since 1996. It was there that he began a promising career in art, as attested



by the various awards he has won at exhibitions. From the start, he has been attracted to printmaking techniques,

particularly the oldest of them, woodcut, though he has also experimented with linocut (in the period that he worked at the Museu Guido Viaro). He works basically with two colors, to the point that his solo show held at the Palacete dos Leões (Espaço Cultural do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) in 2009 was called *O Vermelho e o Negro* [The Red and the Black], featuring 18 artworks. His inspiration comes from attentive observation of everyday life, but his representations involve a wide range of references, even including Egyptian art, in the harmony with which the artist uses simple lines, stylized forms, rectilinear levels of structuring of spaces, and splotches of uniform color, conveying limpidness and clarity.

### Rogério Sena

[Rogério Soares de Sena]

Belo Horizonte, MG, 1957

Lives and works in Belo Horizonte, MG

His father, who worked transporting things by cart, drew in his spare time, and it was with him that Rogério Sena took a taste for art, while still a child. As a teenager, he began to write as well. He experienced psychiatric problems for which traditional treatments were of little avail. It was



in search of alternative therapies that he learned about Hospital Raul Soares and gained access to brushes, ceramics and other techniques and materials. A profuse production began. Scenes of dancing, of ethnic manifestations, of childhood games and abstract symbols, painted with a vibrant palette. "I paint everyday life, I walk through the city and what I see goes onto the canvas. In the paintings, the people never have a face because, generally, when I walk through the streets, they don't look at me." He was discovered

by an art dealer in the Minas Gerais state capital at a popular art fair, and today figures in the same dealer's gallery alongside Marcelo Solá, Fabiano Gonper, Pitágoras Lopes and Yuri Firmeza. In 2007, Petrobrás sponsored a short film about the artist, produced by the Associação Imagem Comunitária/Projeto Rede Jovem de Cidadania. The following year, he won an award at the 9<sup>a</sup> Bienal Naiôs do Brasil. Besides his artistic career, he plays a significant role in the struggle to phase out the insane asylums.

### Vânia Mignone

[Vânia Célia Mignone Gordo]

Campinas, SP, 1967

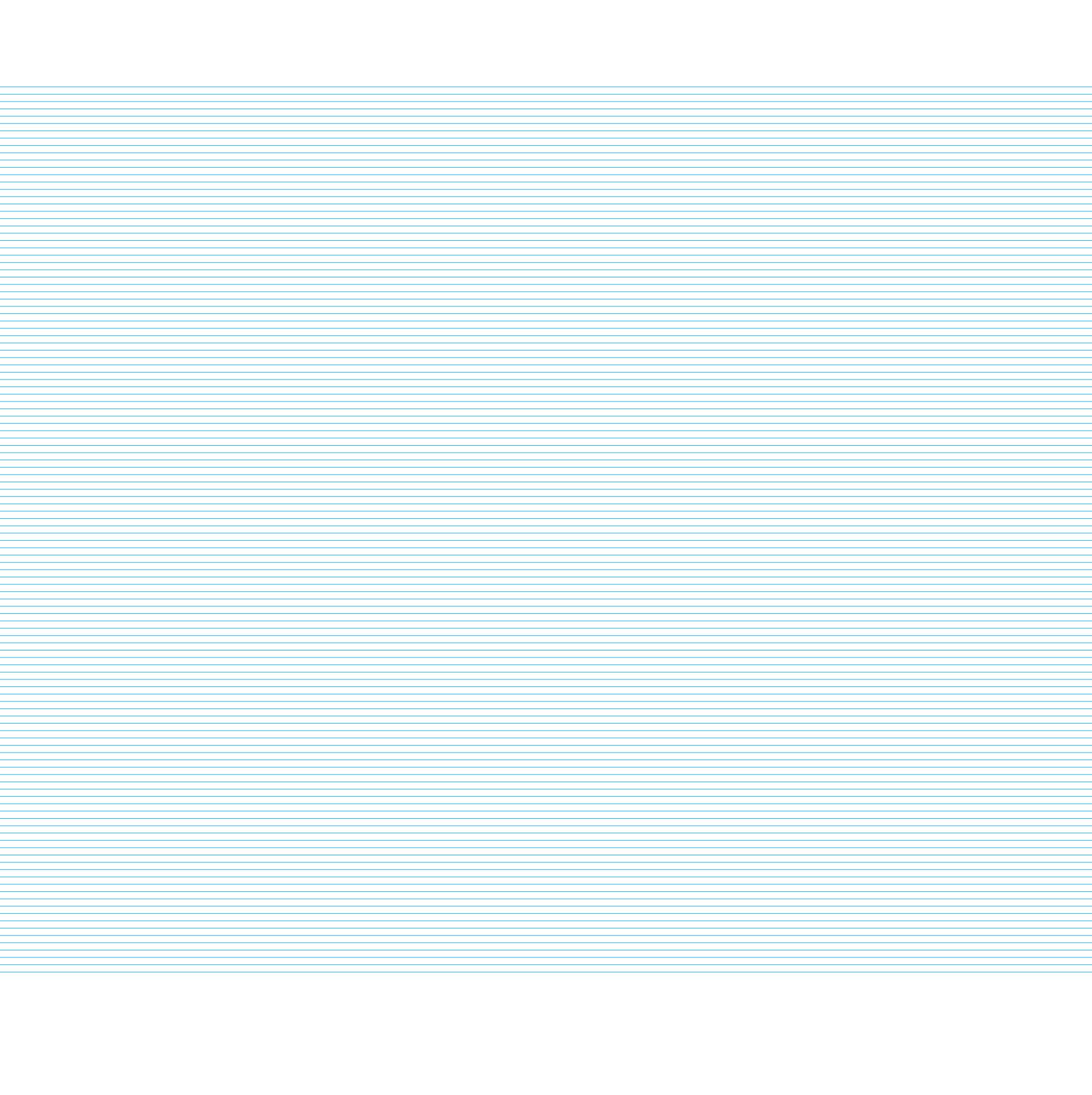
Lives and works in Campinas, SP

Two diverse facets of Vânia's background – her degree in publicity and advertising from the Pontifícia Universidade Católica de Campinas and in art education at Universidade de Campinas – are expressed in her work: the synthetic message, the graphic aspect of the drawing and the fusion between text and image are informed by advertising visuality, while the planarity, the line and the flat colors of woodcut derive from her



artistic experience. But unlike artworks of a pop-art nature, in which the impersonal aspect of the images generated by the communication media prevails, in Vânia's work trivial scenes take on an intensity that supposes a personal experience of reality. In this interplay between intimacy and impersonality, her painting refuses any conformity to a traditionalist standard of painting, as well as a univocal acceptance of certain contemporary dogmas. As described by Moacir dos Anjos, her works arise from uneasiness and restlessness, from that which is not known or cannot be fully named. In these paintings there is nearly always the presence

of lone human figures set apart from social togetherness. They are women or men situated in places the artist does not precisely identify; spaces where there is no possible distinction between foreground and background, which are made equivalent in planes of single colors. Cut out from these places by thick, black and hesitating outlines, the figures – wrapped in thick pictorial fog, seem to be drowning in the claustrophobia of a physical and affective isolation, without evincing that they are in any way perturbed by this.



textos en español

## Bienal Naïfs de Brasil 2010

### Realización

SESC SP

### Local

SESC Piracicaba

## El arte sin fronteras, responsabilidad social expansiva

Abram Szajman

Presidente del Consejo Regional del  
SESC São Paulo

El SESC debe su creación, en el 1946, a la iniciativa de los empresarios en las áreas del comercio, de la prestación de servicios y del turismo, en la propuesta de introducir nuevos niveles de acción en favor del bienestar, de la salud y de la calidad de vida de los trabajadores y sus familias y de la comunidad donde viven.

Después de 64 años, la vitalidad de las acciones



de nuestra institución reflejan el compromiso de mejorar la esfera educativa y socio-cultural de nuestro país, con el

deseo de mantener un desarrollo apoyado por una actuación ciudadana empresarial, en una clara demostración de responsabilidad social expansiva, más allá de la preocupación por aspectos económicos de la gestión de negocios.

Para ofrecer, siempre, un programa que prima la alta calidad, gran aliada de la pauta de acceso democrático a sus bienes y servicios, el SESC SP lleva a cabo una práctica que sitúa al ser humano en primer plano. Afirmamos que es a partir de esta postura que se define la unión comunitaria y se sustenta una serie de valores democráticos pertinentes para la transformación social.

En este registro, actuamos para que toda recopilación realizada por las empresas, por lo tanto, se reinvierte directamente en amplios servicios y beneficios. Esta es la forma por la que nosotros, empresarios del comercio, de la prestación de servicios y del turismo, evidenciamos principios y actitudes en sintonía con la consolidación de una sociedad más digna y justa, más solidaria y activa, más libre y responsable.

Por ello, como parte de una responsabilidad

social expansiva, no sólo debemos mantener sino que renovar la mirada visionaria y emprendedora. Se trata de una tarea fundamental para promover creaciones y permitir los procesos de solidaridad y participación.

Para que se traduzca en acciones concretas tal postura, basada en la educación socio-cultural y guiada por la imaginación creativa, el SESC SP ofrece al público este catálogo de la Bienal Naïfs de Brasil 2010.

Esperamos que esta publicación, en conjunto de obras aquí presentes, categóricamente demuestre la seriedad con la que la empresa lleva a término a su papel como agente promovedor de transformación social.

## Naïfs de Brasil: los colores de los significados

Danilo Santos de Miranda

Director Regional del SESC São Paulo

En la París modernista del inicio del siglo XX, el término *naïf* (del francés, ingenuo) llamó la atención en el ámbito de las artes. Tras haber libertado el arte del acondicionamiento restringido a los museos y las galerías, otras obras realizadas por artistas sin formación



académica comenzaron a ser apreciadas. Ese pensamiento resonó con sus homólogos de Brasil, a partir de los años 20,

de modo a señalar una mayor apertura para el diálogo entre el mundo de las llamadas bellas artes (el arte culto) y del denominado arte popular.

Casi cien años después de ese contexto, debemos preguntarnos si en un mundo cada vez más acostumbrado a las nuevas tecnologías, cuáles son los posibles significados que la palabra *naïf* puede adquirir hoy, en un panorama sobrecargado de información. Recordemos que el arte quizás sea la mejor forma de expresión

que representa – a menudo próxima de las previsiones – las alteraciones de la percepción del humano en el mundo en cambio constante.

El intercambio de significado entre la cultura popular y la erudita gana colores actuales que permiten la inclusión de nuevos matices. Otras soluciones artísticas se buscan como un reflejo de un mundo donde lo rural pierde para lo urbano, pero mantiene sus códigos y la fuerza imaginativa en el arte producido de forma espontánea. En este sentido, el arte fomenta nuestra sensibilidad, lo que nos permite preguntarnos qué tipo de sociedad que pretendemos reflexionar y aun por veces cuestionar.

Sin recurrir a las categorías reductoras, tales como el binomio “arte popular/arte culto”, la décima edición de la Bienal Naifs de Brasil – una iniciativa del SESC SP – es un evento que promueve la discusión acerca de esta manifestación popular y sus posibles significados.

Para el SESC São Paulo, el propósito de ampliar la educación hacia la mirada, en los territorios de lo perceptivo y lo emocional que ofrece el arte, reafirma su compromiso con la difusión cultural hacia la búsqueda de goce estético, de pensamiento y de transformación social. Llegar a más colores en la paleta del imaginario visual confirma una sensibilización que nos permite vislumbrar el contenido simbólico presente en lo colectivo que emana desde del arte y nos invita para un vuelo en busca de múltiples interpretaciones.

## El arte sin fronteras

Maria Alice Milliet

Historiadora y crítica de arte, curadora de la Sala Especial “El Arte sin Fronteras” de la Bienal Naifs de Brasil 2010

### En el tránsito de la modernidad

Hace como cincuenta años, el Pop Art rompe el límite entre lo culto y lo popular, incorporando

imágenes de personajes y de productos difundidos por los medios de comunicación de masas. La apropiación por parte de artistas cuyas



formas y contenidos son considerados como vulgares (*kitsch*) scandaliza a la élite conservadora que resiste

a aceptar que las botellas de Coca-Cola, las latas de sopa, los héroes de los cómics, las estrellas del cine y los políticos pueden figurar en las obras de arte. La crítica se divide. A los defensores de la pintura abstracta aquella irrupción de productos comerciales en el arte les parece de mal gusto extremo. Sin embargo, a pesar de este rechazo inicial, el Pop logra el triunfo. En poco tiempo, alcanza a una audiencia diversa del tradicional frequentador de galerías. Los jóvenes encuentran en el Pop lo que ven en las calles, en la televisión, en anuncios, películas, tiendas y supermercados, e incluso dentro de casa. Son imágenes que les son familiares, imágenes de la vida cotidiana. Pronto hay nuevos coleccionistas, confiados en la visión pionera de unos cuantos *machands* y deseosos de mostrarse enterados.

En la década de 1960, el Pop Art – que nace en Inglaterra y se desarrolla en los Estados Unidos – gana presencia internacional. Durante este período, se impone la hegemonía de los EE.UU., que había estado creciendo desde el final de la Segunda Guerra Mundial. Con la influencia política y económica se propaga una nueva forma de vida: el estilo de vida americano (*american way of life*). El estándar de la América del Norte retumbó en todo el mundo e hizo crecer el deseo de modernización en la sociedad brasileña. Para afrontar este reto se implanta en Brasil un programa de desarrollo basado en la industrialización. El arranque industrial asociado a la creciente migración del campo a las zonas urbanas conduce, en las décadas de 1950 y 1960,

un fuerte cambio sociocultural. La población de egresados de las zonas rurales, centrándose en la periferia de los grandes centros urbanos, se ve obligada a abandonar los valores y las prácticas tradicionales en un esfuerzo por adaptarse al ambiente urbano. La gente de costumbres sencillas y ambiciones modestas pasa a tener un único sueño: consumir. Es en esta época que los televisores ganan el primer lugar en los hogares brasileños, desplazando al cabeza de la familia, en posición y ascendencia. La penetración generalizada de la televisión se evidencia decisiva a la aculturación de esta población. En medio siglo, se ha perdido mucho. El joven ha abandonado el campo sin mirar atrás, y lo que solía ser la tradición en el campo sólo queda en la memoria de los mayores.

En este escenario inestable está inserido el arte y es donde circula. El arte de hoy – su apreciación, aprendizaje y producción – no se limita a los museos y galerías, los libros especializados, las escuelas y talleres. El arte es parte de nuestra vida, está en la calle, Internet y otros medios de comunicación, por lo que se mezcla con otras producciones, y así es difícil decir qué es o no es arte. Las viejas distinciones entre las bellas artes y la artesanía, entre lo culto y lo popular, entre el arte y la información ya no funcionan, puesto que en la era digital, la propiedad, el desplazamiento, la mezcla, la fusión de procedimientos habituales se da entre los artistas y productores de diversas áreas. Como si fuera poco ese vale todo, el público no especializado, cualquier persona, se siente con el derecho a participar en esta gran construcción colectiva que es la producción de sentido o no sentido en el mundo globalizado.

En este clima de promiscuidad, es imposible mantener la inocencia. Todo es revelado y procesado. Ya no existe el sigilo, ni tampoco una distancia que resista. El contenido, antes reservado a unos pocos, ahora vaga por las redes,

autorizadas o piratas, no importa. Lo práctico es que vienen a público, se los consumen y son reelaborados para enseguida circular más una vez. Cuando se sabe todo, es prácticamente imposible ser *naïf*(del francés, ingenuo). Hoy en día, incluso a los que viven lejos de las grandes ciudades o tienen poca o ninguna educación, se los alcanzan por la radio, la televisión y, cada vez más, por teléfono celular. Cuando la Internet llegue a todos, nadie será inmune a la información.

Retrocediendo en el tiempo, vale la pena recordar que la palabra *naïf* cobra nuevo sentido y entra en el ámbito de la cultura, en el principio del siglo xx, en la París de los modernistas. Cuando la práctica del arte deja de estar sujeta al dominio de habilidades técnicas, las obras realizadas por personas sin formación académica comienzan a ser apreciadas. Estos artistas – muchos de extracción popular – han sido llamados *naïf* porque, ajenos a los preceptos académicos, crean de forma espontánea. En ese momento, surge el pintor Rousseau, quien de funcionario jubilado de la aduana francesa se vuelve al artista admirado por el círculo modernista de París. Para tener una idea del prestigio que gozaba entre los modernistas, basta recordar el habla que dirige a Picasso en una cena en su honor: "Somos los dos más grandes pintores de nuestro tiempo, usted del género egipcio, y yo, en el género moderno". A igualarse en importancia al pintor español, ya muy respetado, Rousseau puede parecer ingenuo. El hecho es que tanto admira la pintura de su amigo, que Picasso conserva hasta el final de la vida los cuadros pintados por él, e incluso hacen lo mismo Delaunay y Kandinsky.

Los modernistas no están solos en la admiración por los *naïfs*. Buscan inspiración en fuentes populares, en las culturas exóticas y en la cultura material de la sociedad industrial como se puede ver, ejemplarmente, en los trabajos de

Picasso en el período cubista. Alrededor del 1900, incorpora a su pintura elementos formales de la escultura románica, luego pasa a tratar la figura humana a manera de la escultura africana y, en la fase del cubismo sintético, utiliza ampliamente la técnica del *collage*, fijando en sus pantallas algunos recortes extraídos de periódicos, rótulos comerciales, cartas, billetes impresos, fotografías, etc., aproximándose así al arte de la vida cotidiana. Su actitud imparcial no es una excepción. En todos los ámbitos de la producción artística se avanza la propuesta de renovar el agotado repertorio europeo.

El pensamiento de vanguardia se refleja entre los brasileños que viven en París en la década de 1920. La permanencia de Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Gomide, Brecheret, Cícero Dias en la capital francesa sirve para darse cuenta de lo harto que estaba la intelectualidad europea del peso de la tradición y lo abierto que estaba a lo "primitivo", lo "exótico", el "otro", donde quiera que se los encuentre. Liberados para valorar sus propias raíces, nuestros modernistas no vacilan en partir para el redescubrimiento de Brasil. El viaje de Mario de Andrade y su grupo hacia Minas Gerais y la posterior aparición de los llamados "colores caipiras" (pueblerinos), de temas del interior del país en la pintura de Tarsila denotan el empeño de los modernistas en esa dirección. Al mismo tiempo, la reinterpretación de los mitos y de la cultura indígena de Rego Monteiro; las conexiones que establece Cícero Dias con el imaginario del Nordeste, los personajes y escenas de la vida popular en las pinturas de Di Cavalcanti, todo esto señala la desobstrucción cada vez mayor de los canales de comunicación entre el mundo de las élites y los sectores más desfavorecidos de la población brasileña.

Después de ese primer avance, las creaciones resultantes de la hibridación de diferentes

extractos culturales más vienen a enriquecer el panorama de las artes visuales en el país. Las obras de Volpi, Rubem Valentim, Oiticica y Samico son frutos maduros de este proceso cuya dinámica se extiende hasta nuestros días, y se la reconoce en el trabajo de Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Vick Muniz y de los hermanos Campana, para mencionar apenas los más publicitados por los medios de comunicación. En cambio, en la década de 1940, la producción de artistas de origen popular comienza a aparecer en las galerías de arte, en los museos y en la Bienal de São Paulo, lugares hasta ahora restringidos a los profesionales practicantes de las normas cultas. Los pintores José Antonio da Silva y Heitor dos Prazeres, el ceramista Vitalino y el escultor Agnaldo dos Santos son los primeros en alcanzar la fama, a tener sus trabajos reconocidos por los críticos, *marchands* y coleccionistas. Al igual que las pinturas de Rousseau ingresan al Museo del Louvre, las obras de estos pioneros se encuentran ahora entre los mejores acervos particulares y públicos, junto con exponentes del arte moderno brasileño. A pesar de este reconocimiento, aún sigue faltando una mayor inclusión de lo "popular" en el mundo de las artes visuales. Existe el prejuicio por parte de los segmentos elitistas cuyo gusto es dictado por los modismos promovidos por el *marketing* cultural. Para ellos, el arte hecho por el pueblo sigue estando sujeta a la jerarquía: es visto como artesanía, tiene su lugar en las casas de campo o la playa de la burguesía, pero no entra en las casas de São Paulo, Rio o Nueva York.

### El arte sin fronteras

Promovida por el SESC Piracicaba, la *Bienal Naïfs de Brasil* ha presentado un rico panorama del arte que se produce en el país. Cada edición se acerca a un millar de obras para ser evaluadas por el jurado que, inevitablemente, se enfrenta a la difícil tarea de reducir el total a cerca de las

100 obras que comprende el espacio expositivo. Infaliblemente, los expertos que participan en la selección discuten la propiedad de asociar el término *naïf* con las obras seleccionadas. Hasta el momento, la dirección del sesc ha optado por mantener el nombre del evento, conocido así en todo el país. Por otra parte, la vasta colección de obras que promueve la Bienal propone que se piense un mejor aprovechamiento de esta rica colección, profundizando el estudio y la interpretación de sus significados.

Invitada a realizar la Sala Especial de este año, he hecho un resumen de las preocupaciones del jurado de selección de la Bienal de 2006. En aquél momento se habló del riesgo de cristalizarse un “estilo *naïf*” hecho de imágenes amaneradas de la vida rural. Los esfuerzos realizados por los curadores, por invitación del sesc con el fin de ampliar la comprensión del arte de carácter popular no han sido suficientes para impedir el envío de decenas de cómics que muestran plantaciones meticulosamente alineadas, placitas adornadas, fiestas, bandas, bailes y procesiones. De hecho, esa pintura bien comportada, esta felicidad *caipira* poco tiene que ver con la realidad actual del interior, donde ha llegado el progreso, trayendo la deforestación, la mecanización agrícola, la televisión, los conflictos de tierras, los trabajadores rurales temporales, menos aún con lo que está ocurriendo en las ciudades habitadas por el 70% de la población brasileña.

Los jóvenes abandonan el campo sin mirar atrás atraídos por la libertad que supone la vida urbana. A los viejos, que una vez eran agricultores, queda el recuerdo de un tiempo que no retornará. El arte, como debe ser, refleja la complejidad de este movimiento. La nostalgia de los artistas y del público explica la repetición de un idílico entorno rural. Sin embargo, despuntan ya las manifestaciones contaminadas por lo urbano, los conflictos sociales, la percepción de inestabilidad

del ser humano en un mundo en cambio constante. Si se han perdido las prácticas tradicionales, hay nuevas maneras de expresarse. Y la comunicación se realiza por partes, cruzada por otros discursos, mezclada con otras pláticas. El poder de la cultura popular crece en los suburbios, lo que lleva a las élites a reformular sus códigos y a abrigar la marginalidad en la cultura dominante. Lo contrario también es verdadero. La aceptación de las normas cultas es el pasaporte para la anhelada entrada en el mundo del trabajo, del bienestar y del consumo. Ya no cabe preservar la tradición de la contaminación de lo nuevo, ni proteger lo erudito de la vulgaridad en los medios de comunicación. Entre las pérdidas y adquisiciones, lo que cuenta son las asociaciones temporales que anuncian rupturas e innovaciones futuras.

Después de lo anterior, se explica lo que me lleva a mostrar *El arte sin fronteras*. El concepto fue probado en la exhibición *Aquí entre nosotros*, que se celebró en el Palacio de las Artes (São Paulo, 2000) para conmemorar los quinientos años del descubrimiento de Brasil, y la selección de obras del *Acervo de la Fundación Nemirovsky: la mirada del coleccionista* que permitió el acceso al público a esta importante colección (Estação Pinacoteca, São Paulo, 2006). En el sesc Piracicaba, la curaduría se organiza en torno al diálogo entre los artistas emergentes – los participantes de ediciones anteriores de la Bienal Naïfs – y los artistas de trayectorias consolidadas en el restringido círculo de galerías y museos. La diversidad del conjunto sirve para ilustrar la circulación de imágenes y procedimientos entre los diferentes estratos culturales.

En esa perspectiva, el álbum *O meu e o seu* (1967) de Antonio Henrique Amaral, compuesto por siete xilogravías constituye un trabajo paradigmático de una imagen visual que se alimenta de los recursos técnicos y formales apropiados de la cultura popular y del pop para

crear lo que se llamó la nueva figuración. En las décadas de 1960 y 1970, los artistas brasileños hacen una lectura crítica del pop estadounidense y proponen soluciones que rescatan a lo popular, lo rural y lo suburbano, la cual tiene sentido en un país carente de justicia social. Este partido no se opone a la utilización de los recursos derivados de los cómics, de la publicidad y de los medios de comunicación. En este caso, la obra gráfica de Antonio Enrique, hasta entonces centrada en temas personales, cambia de dirección y pasa a converger a las cuestiones sociales y políticas a través de una figuración narrativa inspirada en procedimientos de la literatura de cordel y de los cómics. Mientras la división del espacio interior de la imagen permite a las diferentes acciones convivir, imágenes planas, con fuertes contrastes, ofrecen un discurso metonímico compuesto de partes del cuerpo amputadas – dedos, manos, bocas, cabezas, pies – que funciona con la eficiencia típica de las notificaciones y carteles.

La xilográfia de Antonio Henrique puede conectarse a las producciones de dos artistas que han participado en la Bienal de Piracicaba. Son ellos: Loizel Guimarães da Silva, por el uso de matrices en madera y linóleo (material también utilizado por Amaral) y Alex dos Santos, el ganador del Premio de Adquisición del sesc en 2006, por el carácter esencialmente gráfico de su pintura.

En las obras de Guimarães se destaca la fluidez del diseño y la superposición de plantas, animales y seres humanos en composiciones de formato grande que dan visualidad a una fabulación, a veces impregnada de exotismo. De ahí la presencia de gigantescos dinosaurios, rinocerontes, peces, bueyes y abejas en figuraciones narrativas, tal vez inspirados por películas y publicaciones ampliamente divulgados. En estos grabados, de contornos y sombreados perfilados en blanco, viene apenas un color

más – el negro o la tierra roja – en contraste que recuerda el grafismo de la cerámica clásica.

En los cuadros de Silva, como señalé antes, la línea organiza el espacio, describe los acontecimientos y subordina la pintura. Es notable la coincidencia de las narrativas que no se limitan a describir los hechos externos, sino también dan cuenta de lo que se sucede dentro de los cuerpos y las mentes de la gente. La figuración, que en muchos casos incluye situaciones que amenazan la salud e integridad física, se encuentra fuertemente complementada con discursos y descripciones detalladas. La acumulación de información en ciertas obras se deriva de campañas insistentes para combatir las enfermedades contagiosas promovidas por el gobierno. La comunicación tiende a la entropía, una de las deficiencias de nuestra cultura. La valentía con la que Silva enfrenta los problemas complejos sugiere que su arte ocupará una creciente presencia en el graffiti o en instalaciones.

La ciudad es también el lugar de figuración de Vânia Mignone, con una pintura de resistencia que no cede a la moda, ni tampoco trata de complacer al mercado. Su afinidad es con el arte callejero, no el del graffiti, institucionalizado cada vez más, sino del dibujo furtivo, garabateado en los baños, sillas de salas de aula de las escuelas y muros de poca visibilidad. Hay un sentido de urgencia, incluso de desesperación en esta pintura: las figuras son aisladas, superpuestas a los fondos saturados de color, a menudo teñidos de rojo. No hay escenario que acoja a estos jóvenes cuyos gestos caen en el vacío. Son personajes tan desamparados como las mujeres de *Gritos y Susurros*, película de Bergman, en un extraordinario ensayo del uso no-naturalista del color en el que siluetas blancas vagan en una habitación saturada de rojo.

Se pueden aproximar las pinturas de Alex Cerveny y Dalton, teniendo en cuenta la

fuerte presencia, en ambas, de contenidos simbólicos. Cerveny, dibujante y pintor, ha venido desarrollando durante años un lenguaje muy personal que le asegura la posición de outsider exitoso en el competitivo mundo artístico. La singularidad empieza con la tendencia a trabajar pequeños formatos, con técnicas y soportes variados y un repertorio de imágenes propio. Su pintura, de forma leve y de significado denso, sugiere varias lecturas; las obras de arte funcionando como cartas enigmáticas. En esa muestra aparecen dos grupos: uno formado por pequeños paneles de azulejos y el otro, formado por pequeñas pantallas. En los cuadros aparecen figuras inestables, con sombreros extraños en la inmensidad de un paisaje desértico. Aunque la referencia al Paraguay y a Madame Lynch, la esposa de Solano López, haga suponer un relato histórico, la atmósfera de ensueño con un toque de orientalismo sugiere que se trata de ilustraciones para los cuentos de Las mil y una noches. Los cuadros de azulejos – poco frecuentes hoy en día – retratan escenas evocadoras de la Arcadia. Nada es impositivo. El arte de Cerveny abre las puertas para soñar despierto.

Por otra parte, en los cuadros de Dalton de la serie *Gemelar*, uno adquirido en 2008 por el SESC, el clima es más duro, pero no menos enigmático. Dos o tres personas están presentes en un ambiente interior. Estos personajes vestidos con túnicas verdes y largos abrigos rojos parecen ser miembros de una cofradía. Lo curioso es que los adultos usan una silla de ruedas aparentando estar en un sanatorio. Como las obras de Frida Kahlo, las pinturas son frontales, técnicamente precisas y atentas a los detalles. Además, como en Frida, las posturas rígidas y el sincretismo de las creencias visibles en estos escenarios acercan estas imágenes a los exvotos dedicados al testigo de los acontecimientos extraordinarios y pactos sellados con sufrimiento.

Dos artistas, del interior del país y de la ciudad grande, impresionan por la autonomía que asumen en una sociedad que a todo quiere regular. Para ellos, el arte y la vida son inseparables. José Bezerra, en el interior de Pernambuco, y Rogerio Sena, en Belo Horizonte, prueban que la imaginación creativa sirve para rescatar a la experiencia del ser de la inevitabilidad del destino.

En la parte superior de la sierra de Catimbau, Bezerra contempla los acantilados de arenisca figurados por el viento. En el terrero al lado de su casa, están plantadas en el suelo extrañas figuras humanas y animales tallados en madera; algunos son bastante semejantes a aves, otros se parecen a perros, serpientes, incluso a un oso. Cada uno tiene su lugar en esta criba de la imaginación. Hay algo trágico en la expresión grosera, a veces torturada de esas formas que no niegan la naturaleza de donde vienen. Como ha dicho Rodrigo Naves, en el catálogo de la primera exposición del artista en São Paulo en 2009, “José Bezerra pertenece a las camadas más pobres de nuestra población, sus técnicas lo aproximan del arte primitivo y sus temas se acercan a la vida rural. Todos estos aspectos conspiran para que sea incrustado en el rótulo de artista popular, un concepto dudoso y limitador, incluso después de la restauración de las artes marginadas al arte moderno, a un estado que nunca había tenido antes. José Bezerra es simplemente un artista brasileño de gran fuerza y actualidad”.

Oiticica ya decía que “vivimos de la adversidad”. También es así que vive Sena, cuya pintura es pura energía, vibración, movimiento. Este artista, activo en la lucha contra los sanatorios psiquiátricos, encuentra en el arte el camino de la socialización. Con movimientos cortos del pincel y colores contrastantes, en sus pinturas, recrea el dinamismo de la danza al sonido de tambores y atabales. Al capturar la emoción colectiva, Sena

también está sintonizado su ascendencia negra. El atavismo se manifiesta también en Bezerra. El escultor sólo adivina la forma de animales en trozos de madera debido a la familiaridad que tiene con la flora y la fauna de la región en la que vivían sus antepasados indios.

He aquí el testimonio del arte como una actividad capaz de devolver al hombre la capacidad de trascender, no a la muerte, sino a las vicisitudes de la vida.

## Bienal Naïfs de Brasil, Piracicaba, SP, 2010

**Vilma Eid**

Presidente del Imaginario Institución del  
Pueblo Brasileño

En el 1971, cuando celebré un año de matrimonio, mi madre, que siempre estimuló a los niños a buscar el arte, me llevó a una galería de arte en São Paulo, nuestra ciudad, para que yo seleccionara un cuadro de regalo. Me encantó una pintura que representaba a unos “pequeños bueyes”. Fue entonces cuando supe que era del artista José Antonio da Silva.

Cuento con ese episodio porque fue la primera vez que vislumbré la existencia del arte espontáneo. No me gusta la palabra *naïf*, como tantas otras que no pertenecen a la lengua portuguesa. Es un término practicado, pero,

en mi opinión, es muy restrictivo cuando se trata de arte. No me extenderé en hablar de ello. Al leer muchos otros textos en ese sentido, los catálogos de esta Bienal y otras publicaciones, me di cuenta de que esta cuestión está presente y, en cierto modo, sigue inconclusa.

A partir de ese primer episodio, empecé a formar una colección. Al principio era sólo para mi placer, pero, con los años, acumulando conocimientos y experiencia visual, me di cuenta



de que la recolección de pequeñas obras, pinturas y esculturas han estado tomando una gran forma, tal que comencé a sentirme responsable de enseñarlas, para ofrecer a otros la contemplación de su belleza.

Hoy soy una coleccionista y galerista. La pasión, la responsabilidad y la alegría de mostrar a los artistas de nuestro pueblo me llevan a lugares lejanos, algunos casi ocultos en nuestro gran país y con características tan fuertes calcadas en la diversidad. Esta es nuestra riqueza. Este es nuestro poder. No importa cuál sea la región geográfica donde ha nacido el artista. Él nace, crece y da vida a su talento en cualquier parte, incluso en los lugares más aislados. Lo importante es lo que él lleva dentro de sí mismo, el talento, el alma creativa, la necesidad de expresarse con el apoyo que está disponible para él, sin preocuparse por el mercado, la aceptación o el reconocimiento de su trabajo.

En Vale do Jequitinhonha, de la arcilla que todavía se encuentra con facilidad, nacen las esculturas de Isabel Mendes da Cunha, de Noemisa y del fallecido Ulisses Pereira Chaves. De Juazeiro do Norte, Ceará, donde la madera es abundante, vivió y murió Nino, uno de los mayores genios creativos de la escultura del siglo xx, y su contemporáneo Manuel Graciano, que aún vive. José Antonio da Silva, un pintor nacido en Salles de Oliveira, São Paulo, Alcides Pereira dos Santos, natural de Bahia, que ha sido creado en Mato Grosso, Ranchinho, de Assis, en São Paulo, Julio Martins da Silva, de Rio, Nilson Pimenta y sus alumnos, de Cuiabá, Mato Grosso, y muchos otros pintores, todos han mostrado sus obras en la Bienal Naïfs de Brasil.

Por primera vez participo en el jurado de la Bienal, y fue una sorpresa hallarme frente a unas 800 obras procedentes de diversas regiones de Brasil. Di falta de la escultura, ya que la pintura representa algo en torno al 95% de las

obras inscritas. Tal vez la razón es el hecho de que el término *naïf* se refiere de inmediato a la pintura. Fue una tarea difícil la de juzgarlos. Pero estábamos ahí para eso y espero que lo hemos hecho con cierta cordura y sentido de justicia.

Para ambos premios Adquisición, nuestra elección recayó sobre Neves Torres y João Generoso, en una clara opción por el lirismo y la poesía como temas cada vez más raros en este inicio del siglo xxi.

Para muchos, los artistas espontáneos ya no existen. Argumentan que la televisión, la Internet y todos los medios de comunicación del mundo moderno los han derribado. No estoy de acuerdo. Con todo el interés que genera en los artistas de todo Brasil, esta Bienal es la mayor prueba de ello.

La iniciativa consolidada del SESC, con la Bienal Naïfs de Brasil, merece nuestro respeto y nuestro aplauso. Necesitamos muchas más y todo lo que fuere posible para revelar y apoyar a las personas con talento en nuestra tierra.

## Naïfs, casi siempre

**Geraldo Edson de Andrade**

Profesor, crítico de arte y escritor Presidente  
Honorario de la Asociación Brasileña de  
Críticos de Arte, ABCA-AICA

Dentro de la pintura brasileña, los llamados artistas Naïfs son aquellos que inexplicablemente reciben menos prestigio por parte de los críticos. Con el espacio limitado en el ámbito de la exposición y ausente hace años en las bienales internacionales de São Paulo, en las cuales antes había tenido fuerte presencia, y en los raros salones de arte que todavía siguen existiendo en este enorme país, se convierte en una celebración la puesta en práctica de una bienal en Piracicaba exclusivamente dedicada a nuestros artistas populares.

He aquí, pues, el mayor mérito del SESC en patrocinar esta Bienal Naïfs de Brasil para la cual convoca a artistas de todas las regiones, con una

respuesta altamente positiva. En esta edición de 2010, están representados veintidós estados, reuniendo a trescientos setenta y ocho pintores; lo que es muy prometedor y, no obstante,



demuestra que aún sin el apoyo crítico a los artistas nacionales del arte "naïf", hay aquellos que han estado trabajando para que no se apague la llama de su estética y de la autenticidad de su creación. Con la ventaja de renovar cada dos años las nuevas generaciones y de revelar los artistas que de otra forma estarían limitados a sus regiones.

Sin embargo, no siempre las cosas han sucedido así. Todos sabemos que ya en la época colonial habían artistas autodidactas nacidos aquí que pintaban principalmente para decorar las iglesias de nuestras provincias más prósperas, como Minas Gerais, Bahia y Pernambuco. Aún más lejos: ¿qué decir de los habitantes indígenas que ya creaban su propia artesanía y pintaban el cuerpo en los momentos más solemnes? ¿Y cómo caracterizar los exvotos pintados y dejados anónimamente en las iglesias de devoción popular y de cruceros en el borde de las carreteras?

La Semana de Arte Moderno en 1922, que tuvo lugar en São Paulo como una ruptura entre el academismo vigente en los primeros años del siglo xx y las nuevas perspectivas del arte que hace mucho tiempo ya habían empezado a avanzar en las capitales más importantes del mundo, ni siquiera consideró incluir los dichos pintores primitivos entre sus miembros. Ello, a propósito, lo observa el investigador Pietro Maria Bardi, que en la obra "Historia del Arte Brasileño" (*História da Arte Brasileira*) se lamenta el caso de que los mentores del evento se 'han olvidado de los pintores primitivistas, que habían creado aquella nacionalidad por la que ellos mismos clamaban'.

Primero, estos artistas espontáneos y sin

formación académica se dieron a conocer como primitivos. Posteriormente, se han cambiado las definiciones en una sucesión de términos tales como ingenuos, espontáneos, imaginativos, regionales, folclóricos, "ínsitos" (del latín, *insitus: innato*) y por los cuales transitaron nuestros más auténticos artistas de este lenguaje.

Nombres como Cardosinho, como lo conocían al celador, portugués de nacimiento, José Bernardo de Cardoso Jr., aparecía con su pintura de poesía sensible en los años treinta, con el apoyo de artistas de normas cultas, como Cândido Portinari, y con el amparo crítico de intelectuales de la talla de Celso Kelly y Carlos Cavalcanti, dos de sus más grandes partidarios. Por el mismo camino, venía el agricultor de São Paulo José Antonio da Silva, descubierto en un salón de arte de São José do Rio Preto en 1946.

La atención de la crítica especializada sería aún más intensa cuando tubo lugar en 1951 la Bienal Internacional de São Paulo, en la concesión de una Mención de Honor para la pintura de Heitor dos Prazeres, compositor genial de "sambas" y "marchas de carnaval" (incluso ha sido compañero de Noel Rosa) que llevaba a la pantalla el fascinante mundo del "samba" de los "morros" de Rio. Además, la pintura de los tres artistas fue enaltecida por el escritor Rubem Braga en su monografía titulada "Tres primitivos" (*Três primitivos*), 1953, el primer ensayo sobre los pintores populares publicado en el país.

Curiosamente, las bienales internacionales de São Paulo, en todas sus versiones hasta 1969, siempre han reservado un espacio generoso para nuestros pintores ingenuos, llegando incluso a premiarlos como fue el caso, entre otros, de Elisa Martins da Silveira, del Piauí, y de Grauben de Monte Lima, del Ceará, quien empezó a pintar a los 60 años de edad después de se haber retirado del servicio público.

Así que fueron estos artistas y algunos otros

quienes abrieron el camino para los principales artistas de mismo lenguaje, como Chico da Silva, de ascendencia indígena y de Acre, Mención de Honor en la Bienal Internacional de Venecia de 1966, con la pintura y el dibujo poblados por peces, aves y bichos del imaginario del Amazonas, Pedro Paulo Leal y su hijo Manuel Faria Leal, Rosina Becker do Valle y Silvia de Leon Chalreo, de Rio de Janeiro, Gerson e Elsa Oliveira Souza e Manezinho Araújo, de Pernambuco, Agostinho Batista de Freitas e Iracema Ardit, de São Paulo, João Alves e Edelweiss, de Bahia, Zizi Sapateiro, de Minas Gerais y Maria do Santíssimo, de Rio Grande do Norte. Vale notar que aún no existía la rivalidad, tampoco el perjuicio entre el arte culto y el arte ingenuo.

Artista como Ivan Serpa, grande nombre de la pintura moderna en Brasil, y uno de nuestros primeros pintores constructivistas, mantenía un curso en el Museo de Arte Moderno de Rio de Janeiro, donde recibía con abundante respeto muchos de estos pintores, incluso los orientaba en sus cualidades más evidentes, como la pureza del color y la forma tosca de dibujo y composición. El vocabulario plástico particular de cada uno, por fin.

La Bienal de Artistas Naïf cada dos años trae al espectador un universo plástico de encanto irresistible, que muestra a través de sus intérpretes la traducción del lenguaje de la pintura que tiene mucho de la experiencia existencial. Nada de conceptualismo o malabarismo estético, ni intelectualismo artificial, sino que un arte que sin distinción habla a todos, cultos o no. La libertad con la que pretende dar a conocer su realidad, de hecho, la poesía de la vida cotidiana que lo rodea, revela otra faceta que no puede pasar desapercibida por el investigador y por el público: la mayoría de los pintores Naïfs viene de ciudades del interior del país, de contactos con ocupaciones humildes, muchos

de los cuales emergen tras la transferencia a las grandes ciudades. Con ello, demuestran que a menudo esta creación es nostálgica, una especie de ajuste de cuentas con sí mismo ante la pérdida de las raíces regionales representadas por fiestas cristianas o paganas, relacionadas al folclore regional, temas frecuentes en la obra popular (o “naïf”, si lo desean).

No se suele admirar que la pintura naïf es más apreciada por el turista que la ve como un retrato del país bajo la lente folclórica, o cómo se imaginan que se vive en el otro lado de los trópicos. Sin embargo, como señaló el antropólogo inglés R.R.Marett, ‘el arte no está vinculada a ningún tipo particular de cultura humana. Es, al contrario, una planta resistente que crece en todos los climas y en todas las estaciones’.

La Bienal Naïfs de Brasil, promovida por el SESC-Piracicaba, por lo tanto, cumple una tarea importante en el desarrollo del arte en nuestro país porque se dirige hacia el fomento, la promoción y la difusión de la existencia más real en términos de creación popular. No hay poco que decir acerca de un evento que se revela tan brasileño como nuestras tradiciones y nuestra música. Más Brasil que eso, imposible.

## El arte que emana del pueblo – la traducción de lo humano

Ricardo Amadasi

Artista plástico e investigador de arte popular

Curador del MAP – Museo de Arte Popular de

Diadema

Hoy, el reto de la cultura es el de repensar los valores. Facultar las reflexiones. Desbloquear el desarrollo humano. La cultura brasileña es el resultado de la mezcla de diferentes pueblos que introdujeron sus costumbres y hábitos, creando un nuevo tejido social híbrido y en constante transformación. Brasil es el espacio adecuado para las multiplicidades, pluralidades construidas

por diferentes grupos sociales en distintos momentos históricos.

Toda esta riqueza enorme de intersecciones y acercamientos, simbóticos o no, se manifiesta como reflejo en la sociedad humana, construyendo el mosaico de la identidad cultural de un país. Identidad esta que no es más que un conjunto de creencias y representaciones simbólicas que dan sentido al concepto de ciudadanía.

En el actual mundo contemporáneo, llamado de posmoderno, el abismo de contradicciones y diferencias se acentúa cada día más. Los varios



intentos de imponer formas hegemónicas a la conducta humana son rebatidos en todo el planeta. Prevalece

la intolerancia, lo que causa la fragmentación de la trama conceptual e ideológica, preciosos acervo de historia de la humanidad y sus sueños, aplastando sus principios colectivos, el pluralismo cultural y su diversidad, con la pérdida del concepto de identidades múltiples y sus diferentes procesos de construcción. Surge una sola verdad en un mundo cada vez más globalizado: el mercado. Un mercado persa que mezcla valores simbólicos con los valores de mercancías. Mercado de las ideas, mercado de los productos, mercado de la fe, que provoca un cambio en la psique humana, banalizando el mal, la violencia y la normalización de las patologías.

Existe hoy en día una forma esencial de la cultura a que las demás tienen que soportar. Formas privilegiadas, culturas distantes y ajena a las necesidades de convivencia del pueblo se presentan como expresiones de la verdad, como los únicos traductores de nuestro momento histórico de transición, tratando de determinar lo que somos. En una tierra de nadie, al parecer, llena de vacíos y perplejidades, se puede ocupar de todo. Donde todo vale y, al mismo tiempo,

nada tiene valor, hay una galería surrealista de personajes redentores y salvadores reactivando diversos fundamentalismos religiosos. En este enorme y complejo universo, florece la sencillez de los artistas independientes, incluso independientes de la voluntad mercadológica, que creen en el arte como comportamiento y elemento de transformación.

La reflexión, el pensamiento, se origina en la mirada. Cuanto más intensa es la delicadeza del mirar y de cómo mirar, más exacta será la comprensión de la realidad que nos rodea. Si realmente es cierto que el arte actúa en el dominio de las emociones, estimula los sentidos y aumenta la sensibilidad, esta sensibilidad nos permite interrogar, preguntar qué tipo de sociedad hemos construido y experimentamos hoy.

Es necesaria una revisión poética de la historia brasileña. Todas las formas de cantar y contar las diferentes realidades a través de las más diversas narraciones forman un campo inagotable de investigación para aquellos que realmente desean satisfacer el alma de un pueblo. El arte está hecho de la imaginación y la vida de la gente está hecha de sueños. Una mirada atenta a nuestro alrededor nos permite comprobar que los contenidos simbólicos presentes en el inconsciente colectivo están por todas partes, movilizando los espíritus y moviendo a la gente.

Los signos surgidos del arte que emana del pueblo nos acercan a la vida y nos invitan a un ejercicio de interpretaciones sin límites, como es la propia mente humana: siempre cambiante y sorprendente.

La cultura espontánea de Brasil es una de las manifestaciones más importantes de nuestro tiempo. La imaginería visual que viene de la gente refleja cómo las personas piensan y sienten. Un pueblo que no quiere la guerra unos con otros, ni formar parte de las disputas por la supremacía del poder, por el contrario, vive y convive dentro

de la vida cotidiana de las diferencias, creyendo en el respeto humano, el respeto de los demás diferentes a nosotros y bebiendo de esta fuente de la imaginación popular de sabiduría inagotable.

El arte de origen popular es la representación siempre renovada de afirmación de la vida. De una vida que se manifiesta a través de colores intensos y formas definidas, siempre espontánea. En cada calle, rincón o lugar donde la gente se reúne, está la manifestación del sentimiento de alegría, un gusto por las festividades que unen a las personas, estableciendo intercambios simbólicos en un acto de reafirmación de la fe en la humanidad.

Paradójicamente, los artistas relacionados con el arte popular, ya que nunca han pasado por una educación clásica o académica, son como un terreno fértil para el ejercicio de la sensibilidad humana. Libres y espontáneos, y con la intuición como herramienta principal, transforman la vitalidad y la energía que los caracterizan en la motivación para crear nuevas realidades, en un proceso de alquimia y metamorfosis presentes en la mente del pueblo. El arte, una simbolización de la posibilidad de cambio y revolución. ¿Y si ese talento creativo fuera considerado como un valor para la sociedad? Se toca el arte popular con el corazón. Seres afirmativos, dotados de un inmenso coraje y fuerza, creen en sus propios sueños y a través del arte son capaces de reformular su propia existencia, muchas veces marginada. El arte es el espacio imaginario de los adultos. El panel diversificado de la Bienal Naïf de Brasil 2010 se convierte en un espejo panorámico de este rico calidoscopio cultural. Son 378 artistas participantes de 22 estados representados. Inquietos, vibrantes, soñadores y provocadores y fundamentalmente grandes seres humanos que tratan a la obra como se relacionan con su propia vida, con emoción, sin violencia y de manera sincera y franca. Algunos

de los artistas participantes eligen expresarse a través de composiciones escenográficas, llenas de situaciones enriquecedoras, otros impresionan por la vitalidad expansiva de sus propuestas. Hay artistas que optan por recordar el tiempo pasado en busca del tiempo perdido. El humor siempre está presente en la imaginería visual de la gente. Y como diferenciar la presencia destacada de los artistas que establecen una relación más estrecha y poética con su trabajo, lleno de sutilezas, matices y paisaje interiores.

No hay unanimidad posible o fructífera. La idea central es destacar el lado humano de cada uno de los artistas, porque es difícil juzgar quiénes tienen más razón que otros. Porque no hay respuestas correctas o maneras predeterminadas. Sólo hay abordajes y aproximaciones más sensibles y relaciones más poéticas.

Las hermosas playas de Arte Naïf, como toda bahía cálida, reciben las más variadas influencias de diferentes corrientes artísticas, que bañan y cambian su geografía original. En este ir y venir, llegar e irse, se crean nuevos y fructíferos diálogos con otros pensamientos visuales. Toda cultura es esencialmente híbrida y está en constante movimiento, nos encantando con la belleza del contacto con los nuevos descubrimientos, enriquecidos con el contacto de los nuevos sentimientos. No existe el arte en estado puro. ¿Por qué con el Arte Naïf sería diferente?

## Sala especial: El arte sin fronteras

### Curaduría

Maria Alice Milliet

### Investigación

Margarida Sant'Anna

### Alex dos Santos

[Alex Benedito dos Santos]

Jaboticabal, sp, 1980

Vive y trabaja en Jaboticabal, sp

Alex dos Santos comienza a pintar a los 17 años, utilizando materiales encontrados en la calle: cartones, Duratex, sobras de tinta, etc. Por esta época, empieza a frecuentar la biblioteca de



su ciudad y, por medio de los libros, conoce la obra de Picasso y Basquiat. Durante la 3<sup>a</sup> Bienal de Arte y Cultura de Jaboticabal, en el 2004, el artista Sigbert Franklin le estimula a seguir una carrera artística. Desde entonces, su producción se intensifica y multiplica su participación en

los concursos para nuevos valores. Entre 2007 y 2008, es premiado en el Salón de Franca (Medalla de Oro), en el SESC Ribeirão, lo que le permite una individual en el Museo de Arte de Ribeirão Preto, y en la 9<sup>a</sup> Bienal Naïfs de Brasil (Premio Adquisición). En 2009, es seleccionado entre 547 suscriptos a participar en el Programa de Exposiciones del Centro Cultural São Paulo, junto con Cris Bierrenbach, Ricardo Carioba, Tiago Judas y otros. La investigación sobre materiales diversos, en particular aquellos apropiados – colchón, puerta, maniquí de fibra – se asocia con una expresión de color singular, con referencias icónicas de la vida cotidiana (como la enfermedad del dengue o el síndrome de la abeja negra) o un repertorio de imágenes surrealistas (*El Aborto entre la Mujer y la Tortuga*).

### Alex Cerveny

[Alexandro Júlio de Oliveira Cerveny]

São Paulo, sp, 1963

Vive y trabaja en São Paulo, sp

Alex Cerveny debe su formación artística sobre todo a la convivencia con otros artistas. A

los 14 años, ya frecuentaba el taller de Valdir Sarubbi, de quien aprendió las técnicas del arte y ha desarrollado un gusto por la literatura y la música. A los 18, por orientación del maestro fue encaminado al taller de grabado de Selma Daffré, una relación que sin duda influyó en su producción como ilustrador. Si la perfección técnica es un denominador común en su obra, Cerveny no se basa en una sola técnica o material, e incluso recupera la pintura en azulejos. Su obra muestra un relato íntimo, lleno de referencias diversas, algunas autobiográficas, como en las figuras retorcidas y elásticas, recuerdos de su experiencia de artista de circo, otros literarios o de los medios de comunicación de masas, creando una alegoría intrincada. “Me siento más



un escritor que escribe con imágenes, me siento más un cronista que un artista. La tradición que me gusta en el arte es esta la de narrar historias, con retablos, con los muros de los asirios,

que cuentan historias de batallas...”, resume. El artista expone individualmente desde 1982 y fue premiado en la XXI Bienal de São Paulo (1991) y en el Panorama del Museo de Arte Moderno de São Paulo (1995).

### Antonio Henrique Amaral

[Antonio Henrique Abreu Amaral]

São Paulo, sp, 1935

Vive y trabaja en São Paulo, sp

Antonio Henrique Amaral da inicio a su formación artística en la Escuela del Museo de Arte de São Paulo, con Roberto Sambonet, en 1952. En 1956, estudia grabado con Lívio Abramo en el Museo de Arte Moderno de São Paulo, donde expone individualmente por primera vez en 1958. Ese mismo año, viaja hasta Argentina y Chile, y, el año siguiente hasta los Estados Unidos, para estudiar

grabado en el Pratt Graphics Center, Nueva York, con Shiko Munakata. De regreso a Brasil en 1960, se radica en Rio de Janeiro y conoce a Ivan Serpa, Portinari, Antonio Bandeira, Djanira y Goeldi.



Paralelamente a su carrera artística, esta época actúa como redactor de publicidad. En el inicio de su carrera, hace dibujos y grabados que están próximos al surrealismo. Desde mediados de los años 1960, su producción empieza a incorporar temas sociales, elementos del grabado popular y la figuración extraída de la cultura de masas, como la publicidad y el *graffiti*, también acercándose al Pop Art. La violencia, el sexo y la política son temas tratados en el uso recurrente de imágenes de generales y de bocas. En 1967, lanza el álbum de xilograbados *El Mio y lo Suyo (O Meu e o Seu)*, introduciendo el color en la imagen. En él se nos revela de modo sintético la cuestión de la internalización del autoritarismo. Pasa a dedicarse principalmente a la pintura. En 1971 recibe el Premio Viaje al Extranjero en el Salón de Arte Moderno de Rio de Janeiro y viaja a Nueva York. Regresa al Brasil en 1981. En 1997, publica el libro *Antonio Henrique Amaral – Obra en proceso (Antonio Henrique Amaral – Obra em processo)*, con textos de Edward J. Sullivan, Frederico Morais y Maria Alice Milliet (DBA). En 2004, el Museo de Arte Moderno de São Paulo presenta una importante retrospectiva sobre la obra gráfica del artista, acompañada por el libro *Antonio Henrique Amaral: Obra Gráfica 1957/2003*, con texto de Maria Alice Milliet (Momesso Edições de Arte).

## Dalton

[*Dalton Oliveira de Paula*]

*Brasília, DF, 1982*

Vive y trabaja en Goiânia, go

A Dalton le gustaba dibujar cuando era chico. A

los quince años, comienza su formación artística, inscribiéndose en el curso de dibujo en la Escuela de Artes Visuales de la Agencia Goiana de Cultura. Dos años más tarde, pasa a frecuentar los talleres de arte en el Museo de Arte de Goiânia, donde cosecha el incentivo para seguir una carrera artística y, en 2000, empieza a exponer su trabajo en muestras colectivas. Es seleccionado en los concursos Nuevos Valores de la Fundación Jaime



Cámara (2000), Nuevos Valores de la Universidad Católica y Sesi Creatividad (ambos en 2002), y en la última edición de

la Bienal Naïfs de Brasil (2008), en la que fue el ganador del premio Destaque-Adquisición. Recientemente divide su tiempo entre el Cuerpo de Bomberos Militar del Estado de Goiás, donde es miembro del Agrupamiento de Rescate en Emergencias, en Goiânia, y la vida artística y académica, estudiando Artes en la Universidad Federal de Goiás. En las obras seleccionadas para la sala especial de la Bienal Naïfs de Brasil están presentes los principales elementos de su obra: la sencillez del dibujo, los colores vivos y los temas de la cultura africana, tales como festividades y danzas populares y el sincretismo religioso.

## José Bezerra

*Buique, PE, 1952*

Vive y trabaja en el Vale do Catimbau, PE

Escultor, artesano, músico y narrador de historias, José Bezerra empezó en la carrera artística en 2002, a partir de un sueño revelador de que iba a sobrevivir de los troncos de madera de la región donde vive, la reserva ecológica del Vale do Catimbau, en el interior de Pernambuco. Es respirando esta atmósfera que el artista produce sus esculturas, mostrándolas en los alrededores de su casa. Por su origen social, la forma de trabajar, el material que emplea,

Bezerra fácilmente se podría catalogar como un artista popular, pero ello sería como pacificar demasiado su trabajo. Hay una cuestión mucho más grande en su obra, una tragedia – el drama de la naturaleza, la región donde vive, que pronto dejará de existir para dar lugar a la agricultura – y sus esculturas revelan ese sufrimiento. La forma como esculpe, la violencia de los movimientos anchos y la baja precisión de los instrumentos empleados en el talle dan a aquellos animales extraños, un poco monstruosos, medio deformes,

una especie de representación de la naturaleza que es muy contemporánea. Se presentó una colección de 70 obras en São Paulo, en 2009, en una importante individual organizada por el Museo del Imaginario y celebrada en la Galería Estação, con la curaduría y el texto de Rodrigo Naves.

## Loizel Guimarães

[*Loizel Guimarães da Silva*]

*Bocaiúva do Sul, PR, 1957*

Vive y trabaja en Bocaiúva do Sul, PR

La coexistencia de Loizel con el arte se remonta a mucho tiempo de trabajo como guardia de seguridad en los museos y centros culturales: "Observaba cuidadosamente a las piezas y se despertó en mí el interés de hacer arte también. Sucedió un día que lo invitaron a participar en un taller en el Solar do Barão, en la Fundación Cultural de Curitiba, donde trabaja desde el 1996. Se iniciaba ahí una prometedora carrera artística, que hoy es premiada en varios salones de arte. Su atractivo ha sido siempre el arte de la impresión, sobre todo por el más antiguo de ellos, el



grabado en madera, también experimentando el grabado en linóleo (cuando trabajaba en el Museo Guido Viaro).

Básicamente trabaja con dos colores, por lo que su individual en el Palacete dos Leões (Espacio Cultural del Banco Regional del Desarrollo del Extremo Sur) en 2009, se llamó El Rojo y el Negro, en la cual presentó 18 obras. La inspiración viene de una observación minuciosa de la vida cotidiana, pero la representación ofrece una amplia variedad de referencias, incluso del arte egipcio, en armonía con que son utilizadas líneas simples, formas estilizadas, niveles rectilíneos de estructuración de los espacios, manchas de colores uniformes, que trasmiten una limpidez y una claridad.

## Rogério Sena

[Rogério Soares de Sena]

Belo Horizonte, MG, 1957

Vive y trabaja en Belo Horizonte, MG

El padre, carretero, dibujaba en su tiempo libre, y fue con él que Rogério Sena, en cuanto niño, tomó el gusto por el arte. En la adolescencia, empezó a escribir también. Problemas psiquiátricos han dado lugar a algunos tratamientos tradicionales que poco ayudaron



en su recuperación. Fue con la búsqueda de terapias alternativas que conoció el Hospital Raul Soares, donde tuvo contacto con los pinceles, la cerámica

y otras técnicas y materiales. Se inició una producción abundante. Escenas de danza, de manifestaciones étnicas, de los juegos de infancia y de símbolos abstractos, pintados con una paleta vibrante. "Pinto la vida cotidiana, ando por la ciudad y paso lo que veo para la pantalla. En los cuadros, la gente nunca tiene una cara porque, en general, cuando camino por las calles, no me miran". Fue descubierto por un marchante en la capital de Minas Gerais en una feria de arte popular y hoy está al lado de Marcelo Solá,

Fabiano Gonper, Pitágoras Lopes e Yuri Firmeza en su galería. En 2007, Petrobras ha patrocinado un cortometraje sobre el artista, realizado por la Asociación Imagen Comunitaria/Proyecto Red Joven de Ciudadanía. Al año siguiente, fue premiado en la 9<sup>a</sup> Bienal Naïfs de Brasil. Además de la carrera artística, tiene un papel importante en la lucha contra los sanatorios psiquiátricos.

## Vânia Mignone

[Vânia Célia Mignone Gordo]

Campinas, SP, 1967

Vive y trabaja en Campinas, SP

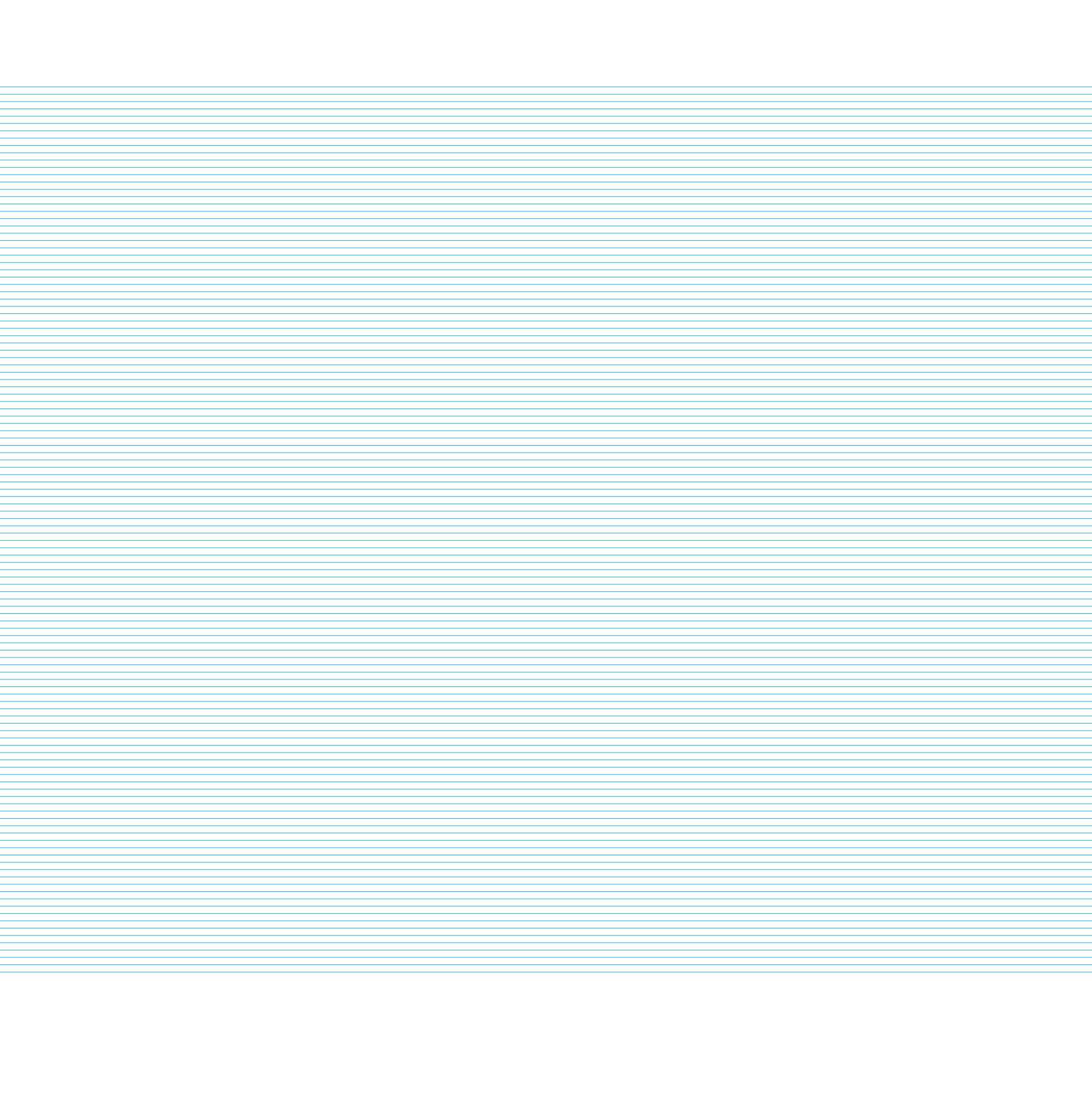
Se graduó en Publicidad y Propaganda en la Pontificia Universidad Católica de Campinas y en Educación Artística en la Universidad de Campinas. Su trabajo parte de esta doble formación: de la experiencia artística, transcurre la planaridad, la línea y los colores planos de la xilográfía, de visualidad publicitaria, el mensaje sintético, el aspecto gráfico del diseño, la fusión entre texto e imagen. Pero a diferencia de las obras del género pop, en las que prevalece el aspecto impersonal de las imágenes generadas por los medios de comunicación, en el trabajo de Vânia las escenas



triviales obtienen tal intensidad que implica una experiencia personal de la realidad. En este

juego entre la intimidad y la impersonalidad, su pintura rechaza cualquier conformidad a un estándar tradicionalista de pintura, así como una aceptación unívoca de ciertos dogmas contemporáneos. Sus obras, en las palabras de Moacir dos Anjos, son del orden de incómodo e inquietud, de lo que uno no sabe o no quiere tan plenamente darle un nombre. Casi siempre existe en estas pinturas la presencia de figuras humanas solas, apartadas de la vida social. Son mujeres o hombres situados en lugares a los cuales la artista niega una identificación

precisa; zonas en las que ni siquiera es posible la distinción entre la parte de frente y la parte de atrás, igualadas en planos de colores únicas. Recortadas de estos lugares a través de trazos gruesos, negros y vacilantes, las figuras – envueltas en una densa niebla pictórica, parecen ahogarse en la claustrofobia de un aislamiento físico y emocional, sin mostrar por ello un pesar evidente.



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

**SUPERINTENDÊNCIAS**

*técnico-social* Joel Naimayer Padula  
*comunicação social* Ivan Giannini  
*administração* Luiz Deoclécio Massaro Galina  
*assessoria técnica e de planejamento* Sérgio José Battistelli

**GERÊNCIAS**

*ação cultural* Rosana Paulo da Cunha  
*adjunto* Flávia Carvalho  
*assistentes* Juliana Braga, Kelly Teixeira,  
Nilva Luz, Paulo Sabino  
  
*estudos e desenvolvimentos* Marta Colabone  
*adjunto* Andréa de Araújo Nogueira  
  
*audiovisual* Silvana Morales Nunes  
*adjunto* Ana Paula Malteze  
  
*artes gráficas* Hélcio Magalhães  
*assistentes* André Macedo, Karina Musumeci,  
Ubiratan Nunes Rezende  
  
*desenvolvimento de produtos* Marcos Lepiscopo  
*adjunto* Évelim Moraes  
  
*relações com o público* Paulo Ricardo Martin  
*adjunto* Carlos Rodolpho T. Cabral  
*assistentes* Fernanda Hoshino, Malu Maia  
  
*difusão e promoção* Marcos Carvalho  
*adjunto* Fernando Fialho  
  
**SESC Piracicaba** José Roberto Ramos  
*adjunto* José Henrique Osoris Coelho

**SESC SP**  
Av. Álvaro Ramos, 991  
03331-000 | São Paulo SP Brasil  
T +55 11 2607 8000  
[www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

**SESC PIRACICABA**  
Rua Ipiranga, 155  
13400-480 | Piracicaba SP Brasil  
T +55 11 3437 9292  
[email@piracicaba.sescsp.org.br](mailto:email@piracicaba.sescsp.org.br)

**BIENAL NAÏFS DO BRASIL 2010**

*coordenação* Lucia Lopes Simões  
*secretaria* Adriana Araújo Melo Vilares  
*comunicação* Milena Piva Carvalho  
*manutenção e serviços* Robson Fabrizio Detoni Bonilha

*curadoria Sala Especial* Maria Alice Milliet  
*biografia artistas Sala Especial* Margarida Sant'anna  
  
*júri de seleção e premiação* Geraldo Edson de Andrade,  
Ricardo Amadasi, Vilma Eid

*projeto educativo* Sapoti Projetos Culturais  
*projeto cenográfico* Maria Eduarda Arruk  
*assistente* Elaine Terrin  
  
*assessoria de imprensa* editor - Edison Paes de Melo  
  
*fotografia* André Fortes  
*assistente* Alexandre Corazza

*fotos* Bené Fonteles (p. 2, 8, 24, 208 e 253),  
Patrick Bogner (p. 4, 5, 10, 18, 20, 53, 145 e 203),  
Kiko Farkas (p. 6), Thomaz Farkas (p. 29)

*Identidade visual e projeto gráfico*  
Kiko Farkas, Mateus Valadares / Máquina Estúdio  
  
*revisão* Maria Lúcia de Paula Leão  
  
*versão inglês* John Mark Norman  
*versão espanhol* Flávia Busato Delgado  
*edição e preparação de textos* Dirce Carmona Whal,  
Rosa Maria Pinto

Realizada pelo SESC SP | Unidade Piracicaba  
De 19 de agosto a 12 de dezembro de 2010  
[bienalnaifs@piracicaba.sescsp.org.br](mailto:bienalnaifs@piracicaba.sescsp.org.br)

**AGRADECIMENTOS**

Alex Cerveny, Alex dos Santos, Antonio do Nascimento,  
Antonio Henrique do Amaral, Dalton Oliveira,  
Débora Fernandes, Diretoria de Ensino da Região  
de Piracicaba, Fundação José e Paulina Nemirovsky,  
Gazeta de Piracicaba, Giselli Gumiero, Jornal de  
Piracicaba, José Bezerra, Izabel Oliveira, Loizel  
Guimarães, Museu de Britânia, Orlando Lemos,  
Prefeitura Municipal de Piracicaba, Rádio Educativa,  
Renato Luiz de Oliveira Carvalho, Ricardo Trevisan,  
Rogério Sena, Secretaria Municipal de Educação,  
Soraya Bataglia, Tribuna Piracicabana, Vânia Mignone

---

B4768      Bienal Naïfs do Brasil: 2010 / Serviço Social do Comércio. Administração Regional no Estado de São Paulo. – São Paulo: SESC SP, v.10, 2010 –.  
284 p. il. fotografias. edição trilingue (português/inglês/espanhol).

ISSN 2178-163X

Evento de 19 de agosto a 12 de dezembro de 2010,  
SESC Piracicaba

1. Pintura. 2. Arte popular. 3. Naïfs. 4. Catálogo.  
I. Subtítulo. II. Serviço Social do Comércio.

CDD 750

---

Este material foi impresso  
em papel certificado FSC.



Este livro foi composto em Nexus e impresso em papel couchê e alta  
alvura pela Leograf para o SESC SP, com tiragem de 3 mil exemplares

